3 1761 07036530 9

Silva Pinto

MORAL DE João Braz

Moral de João Braz

SILVA PINTO

MORAL

DE

JOÃO BRAZ

—

1895 E 1900

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1901

PQ
9261
S55M6

LISBOA
Typographia da Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
11, Beco dos Apostolos, 1.º

A

Camillo Castello Branco

Por todo o sempre.

Silva Pinto.

MORAL DE JOAO BRAZ

PRIMEIRA SÉRIE

1 de Janeiro a 25 de Março de 1895

ENTRADAS NOVAS.

Hesito em falar-lhes *do que lá vae*, e n'isto estou com um grande jornalista portuguez nosso contemporaneo, com quem se deu a seguinte ratice, ha uns cinco annos, era eu seu collaborador:

Eu redigira, por volta das 9 da noite uma local de polemica, em que, por engano, escrevera *substantivo*, por *adverbio*. Concluidos os trabalhos da noite, revista a *prova*, fui-me á ceia, enrosquei me na cama e pensei na local, antes de adormecer no primeiro somno.

— Deus do ceu! *Um substantivo!* — Dicto e feito: salto da cama, visto-me, saio de casa, precipito-me na redacção — eram duas horas da

madrugada. Só *elle*, o redactor principal, estava alli, trabalhando, áquella hora.

— «Venha a prova do meu original!» berrei, como em perigo de naufragio.

Ao som da minha voz afflicta, *elle* ergueu a cabeça, olhou para o relogio e disse-me com a sua voz serena: — «Que faz o senhor aqui a esta hora?!»

— Que faço aqui? Imagine v. ex.ª: enganei-me indecentemente: escrevi *substantivo* por *adverbio*, e em polemica! Só na cama dei pelo horror, e por um triz deixei de pegar no somno! Que seria de nós ámanhã?»

Seus olhos baços, um mixto de tristeza e de ironia, — cravaram-se nos meus, e *elle* assim falou:

— «E levantou-se o senhor, da cama, em risco de uma pneumonia! Para a outra vez, quer chame *substantivo* ao *adverbio*, quer lhe chame *conjuncção*, deixe-se ficar entre lençoes e arrume o caao nos «factos consumados.» O *que 'á vae lá váe* — é uma das raras coisas que se aprendem n'este mundo!»

Mas, *em absoluto* — não vale, como ides vêr.

*

Lá se vae o 1894 da era de Christo, e ahi vem o outro, com suas esperanças e seus terrores — conforme o espirito dos cidadãos. Não sei o que será de nós no terreno da *vida economica,* pois que as urgencias sobem que teem diabo, e os recursos são despontados em suas arestas e até mesmo se lhes entra na carnadura. Aos que tremem, direi eu: — «Coração firme!» e o Teixeira de Vasconcellos, que Deus tenha, diria: — «Isto é para quem gosta!» bem sei que a minha «firmeza de coração» e o juizo do sceptico vem de travo forte contra os paladares de canja e de capilé; mas não haverá remedio senão optar, nas visinhanças do seculo XX, entre martello e bigorna — decididamente.

Vamos entrar no *sério,* — por mais que me digam, e este anno de 1895 deve traçar uns esboços...

*

Tenho ideia de um discurso do Castellar, proferido ha bons vinte annos, e tão habilidosa-

mente construido que dirieis um castello de cartas, feito com tres baralhos. O malabar da eloquencia, que «no poente da vida e na aurora da tolice» — é do Camillo, — pediu ao Padre Santo a pacificação da Terra, desdobrava-nos o quadro magnifico da era christã, — dezenove seculos de coisas magicas — e todas de conquista nos dominios do Perfeito, — passando, como gato por brazas, por cima da incubação da Idade-Média e do *fiasco* terrivel da Renascença, — fiasco previsto dolorosamente pelos pensadores do movimento, como toda a gente sabe e se está lembrando. Dava-nos o Demosthenes do Passeio do Prado assim um alteroso edificio (de papelão: não esqueça!) de vinte seculos — dezenove já feitos, tendo atraz de si a Revolução Franceza, com a conquista da Li-ber-da-de e os esboços das «duas manas» que nós sabemos e as descobertas scientificas do prezente seculo. O proximo, o que ahi vem, seria a cupula, sem esquecer pára-raios, terraços para balões captivos, e jardins suspensos, com seus lagos e respectivos peixes de *tres côres*, — sempre a victora do Symbolo! — e a Humanidade feliz e perfeita, com a

benção papal, já se deixa vêr, sobre os principes que se cazam e, generosamente irmã, sobre as bestas-féras de face humana, que, no fundo das minas, se espatifam para os gózos da Bemaventurança...

Bom Castellar! Cornêta-mór do Ideal-Perfeito!

*

Simplesmente, esse orador, esse politico, esse professor de Historia, ainda não via — ha vinte annos, quando só não viam os cégos — e hoje vê, melhor do que eu, mas appellando para o Leão XIII, — ainda não via, o excellente homem, que a Revolução Franceza cicatrizara em falso a espantosa chaga social, — a que, em 48 e em 70, veio a esguichar pús e sangue á cara dos clinicos mésinheiros e que, *cicatrizada* de novo, como nós sabemos, alastra-se no corpo social, dentro e fóra da França — já se deixa vêr. E é para curar essa chaga, que se alastra e fermenta, que o bom republicano, ou coisa assim, pede agua benta ao Padre Santo; e o Leão XIII, que eu me obstino em considerar de *olho fino*, faz

o que póde — em agua benta, em encyclicas e em bençãos papaes. E os espiritos curiosos perguntam aos fieis — que haverá de commum entre a «tal molestia» e similhante therapeutica. Está respondido, — como ides vêr.

*

Um grande homem do jornalismo contemporaneo, o polemista invencivel que foi a alma do puro Ultramontanismo, e que via longe e firme, como nenhum de nós, forneceu-me a noite passada, umas suas paginas de leitura, que por acaso me haviam escapado—a mim seu leitor de cada dia. Esse Louis Veuillot, contundente e fulminante, terrivelmente seductor, quando mais o entendemos, refere-se ao movimento de perseguição *liberal* contra as ordens religiosas, contra as associações de beneficencia catholica, contra as irmãs da caridade e contra os padres. Serenamente, contrariando os maximos estupidos, que lhe chamam *verrinoso*, sem o terem lido, o redactor do *Univers* confronta a rezistencia opposta áquellas collectividades e áquel-

les individuos com a tolerancia concedida na sociedade liberal a todos os fócos de libertinagem e de dissolução e a todos os emprehendimentos de ganancia illicita que vinguem subtrair-se á acção do Codigo, e, confrontando, não se deriva, qual politico de entremez, a discussões de superioridade de partidos, ou de superioridade de principios. Vae o seu dedo em braza direito ao terrivel *caso*. Aos *liberaes* subalternos, peixe miudo ao lambisco de Voltaire e da Revolução malograda — brada o ultramontano : que a *revelação* da vida futura, com seus gozos compensadores da miseria, aos desventurados d'este mundo, tem por fim impedir que esses desventurados perturbem as delicias terrestres dos opulentos da Sorte, e que a perseguição dos *liberaes* aos *reveladores* da Bemaventurança, aos que desligam das coisas da Terra os espiritos dos desherdados, é obra de puros imbecis ! Elle o disse, e, trinta annos volvidos, a Egreja de Leão XIII o está pensando. E aos *mineiros devotos* e aos *pataratas egoistas* poderá hoje Castellar esclarecel-os sobre os rezultados do accordo. Diga lhes o republicano ou

coisa assim — que especie de cupula nos traz o seculo XX para o edificio da civilisação em tres baralhos!

*

Mas, não se tracta do seculo que ahi vem; apenas do anno que chega. O nosso paiz, que vive *au jour le jour*, não tem vista para evolução de seculos: basta-lhe o anno novo, — pobre *mouche de la cloche* na transformação de um mundo! O que nos importa saber é se *isto* dura, se *isto* continúa, se *isto* melhora. E entram em scena os proverbios portuguezes: — «Não ha mal que sempre dure.» — «De hora a hora Deus melhora.» Não está direito, dôces fatalistas! A morte interrompe a duração dos males e Deus peiora uma vez por outra: lançae lá em conta dos proverbios, e não vos fieis na Virgem, meus amores papudos!

Agitar o sudario das nossas miserias é inutil: todos as sentem: todos estão convencidos. De utilidade seria que os brios não fossem insolencia, nem as enegias petulancia, nem a revolta chinfrinada, nem a meditação atordoamento,

nem o modo de vida o expediente. Mas, vão lá reformar o modo de não-pensar, o modo de não-crer, o modo de não-ousar de uma raça abastardada e perdida, que nem para o Egoismo apresenta exemplares de grandeza! Metade do paiz atordôa-se em festas — conforme as posses de cada um; outra metade ignora tudo, e só sente a miseria que a faz fugir a tocar *harmonium* no convez dos paquetes do Brazil, e a outra — pois que é no paiz das *tres metades* — encolhe se nos antros, para agonisar e para morrer, e mal dá noticias de si...

NAO PÓDE SER.

——

E' a proposito do caso mirabolante de, na recepção do Paço, em dia de Anno Bom, haverem brilhado pela sua auzencia os *estadistas* do Progresso, mais o Fuschini. Caso mirabolante e commentado com risonha extranheza, *pois que ninguem os julgava capazes de faltarem á festa.* Isto diz tudo sobre os seus creditos e os das suas aspirações... patrioticas e liberaes.

Pois que eu não vejo nos grupos politicos «que se degladiam»—como diria o Encravado,—pessoas que, por demasia de talentos e de prestigio rezistente á Critica, me façam metter no saco a viola das minhas annotações, quero permittir-

me — sem pedir licença e sem precisar d'ella — a liberdade, que é um dever, de insistir n'estes meus protestos. Isto não póde ser! Não sei se é contra a *disciplina partidaria* o que eu estou fazendo, e nada me importa que o seja. Ainda ha oito dias a *Vanguarda*, deslombando o Fuschini, — que á ultima hora se encosta, pela centessima vez, aos republicanos, para metter medo ao rei, — declarava que, embora contra a disciplina, *não se associava a comedias*. E se outro o não dissesse, eu o diria, sem precisar de exemplos. Para crêr nos meus principios e luctar por elles, nunca precisei de modelos na minha terra, nem de satisfazer o *Sóla e vira*, nem de receber o santo e a senha dos meus iguaes, ou dos meus inferiores na ordem intellectual, — bachareis ou não.

E fiquemos n'isto.

*

Em que não ficamos é na interrupção do aranzel. Vinha eu dizendo que não póde ser, em homenagem á *disciplina*, sacrificar o *dogma*, e es-

quecer o passado dos recem-vindos auxiliares. Não póde ser! Nem isso, nem a lettra das moções, em toda a linha dos comicios, no resvalo ao grutesco, é admissivel sem repressão! Digam-me para aqui — o que representam os considerandos do nephelibatico Augusto José da Cunha — homem que, pela sua provada seriedada, é insuspeito de farçolices, — quando toda gente deve saber que a sua incapacidade financeira nos encheu de amarguras e de difficuldades novas e as suas declarações sinceras de tal incapacidade e de crença nos milagres de outrem, declarações feitas em conselho de ministros, deram em terra com um ministerio salvador, de que elle era membro distincto! Expliquem-me a moção de um industrial, n'esse comicio de Setubal, com affirmações de superioridade politica por parte das «associações dissolvidas» e da *bondade* de taes associações, a qual, no dizer do industrial supra, impediu a guerra civil! Digam-me se *ellas* á ultima hora tambem açambarcam os movimentos revolucionarios! E, sobre estes movimentos, elucidem-me no caso de o Jacintho Nunes ir feito com o José d'Alpoim, esquecido

— o deputado republicano — da sessão parlamentar em que os *vivas á independencia nacional* punham a mira, para o projectil de infamia, nos *traidores de Badajoz*, — gritando o Alpoim mais do que os outros! Destrincem-me como terá a ganhar este paiz com a substituição do João Franco e do Lobo d'Avila pelo José Luciano e pelo Barros Gomes e com o regalorio de almejadas pastas aos aprendizes progressitas! Informem o paiz, e a mim dentro d'elle, sobre as vantagens da comedia sacrilega, — para o fim de nos vencerem a apathia; e, por fim, saltando sobre o resto, que diabo quer dizer a devoção de ultima hora do sr. Eduardo d'Abreu, que appella para os padres, no seio molle da augusta e fiel Braga? Não entendemos; não acceitamos; não póde ser!

*

Um jornal republicano insuspeitissimo, que se publica em Coimbra, *O Defensor do Povo*, insere no seu numero de 30 do ultimo dezembro, um artigo de que eu extracto o seguinte:

«O papel dos republicanos, na tal *colligação* é que não comprehendo, por varias razões, entre as quaes citarei : — *Primo,* — do partido republicano, sem responsabilidade nas desgraças da Patria, a não ser as que indirectamente resultam d'uma indifferença criminosa, não é compativel a ligação com um *bando* de monarchicos responsaveis por grande numero de desastres, e que, mesmo no caso de procederem honestamente, patrioticamente *(sic)* no momento actual, apenas quereriam e desejariam manter o respeito pelo Rei e o prestigio da Carta, *mas com quem nada temos ; — Secundo,* — aquelles *que venderam a Patria em Badajoz*, de maneira alguma pódem ligar-se com os *honestissimos patriotas*, que a tem vendido, roubado, enxovalhado, enlameado, escarnecido ; — *Tertio,* — os principios democraticos, o governo essencialmente do Povo pelo Povo, são incompativeis com os *processos* e com os *meios* que o partido progressista tem usado todas as vezes que tem sido governo ; *a dictadura, a corrupção moral e tudo mais* de que accusam o *actual ministerio* não é mais do que o *pão de cada dia* da vida monarchica, etc.»

*

Entende-se esta prosa; entendem-n'a os adversarios declarados, e sancciona-a o povo — pela sua apathia reflectida, que não inconsciente, — apathia que se revela na frequencia dos comicios como na dos espectaculos de companhias ambulantes. Nem um frémito de indiguação — a não ser a espaços, nas mais puras almas, contra as «combinações» que appellam para o povo! Para fechar o anno, tivemos alli a *Nação*, o orgão de D. Miguel, a berrar contra o Absolutismo do João Franco, e os colligados liberaes a transcreverem! Não vos digo mais nada, que eu preciso da cabeça — para ornamentar o corpo.

VAGO!

——

Dizia-me hontem um sujeito que me conhece ha vinte e cinco annos: — «Tem-se operado em você, nos ultimos tempos, uma grande transformação. N'outros tempos — você lembra-se? — os seus ataques eram pessoaes e directos, e para a direita e para a esquerda! Você hoje está vago — por mais que o negue.

— Estou o que?

— Vago!

— Sério, menino!? Você acha-me vago na *expressão?!*

—O que se póde dizer mais vago, *impenetrable*, como diz o Vedra, quando fala do rei em pe-

riodo de crise aguda. Você está *impenetrable* e o club «Sola e vira» diz que ahi ha coisa!

*

Quero prevenir os ataques do club «Sola e vira», explicando-lhe as tonalidades vagas, que á ultima hora toldam nas entrelinhas, aos olhos dos suspeitosos, o melhor dos meus intuitos. Dizia o Herculano — que em litteratura claramente se exprime o que claramente se concebe. Dizia bem. Sempre se percebeu o que elle disse, porque elle percebera o que explicava e não menos percebera o que occorria. Ora, os successos do tempo do Herculano eram crystalinos,—toda a gente lia n'elles «como em livro aberto.» Fez-se posteriormente turvação, que chegou a incommodar o Mestre, até ao ponto de elle metter no saco a «voz do propheta», mais a «harpa do crente.» Os successores de Herculano deram em explicar peior, naturalmente porque peior concebiam. Culpa do entendimento d'essa gente? E' que os factos foram-se tornando *impenetrables* —como diria o Vedra.

*

Eu não sou dos successores do Herculano, está bem de vêr. Sou um simples observador — e *amador* da Prosa, em exercicio á falta de officiaes da profissão. Mas, emfim, entro na exemplificação, porque os tempos vão cada vez mais turvos, e os factos mais *impenetrables* — e eu cada vez os entendo menos. D'esta quebra de percepção se origina o *vago* das minhas ponderações. Mal me exprimo, porque mal concebo. Emquanto meu pae, convicto realista, me expulsava de casa, porque eu era um republicano, e emquanto eu soffria a miseria, porque não dava a torcer o meu braço em scenas de arrependimento, eu percebia. Emqaanto os jacobinos da minha feição gemiam suas fomes, porque os seus processos de lucta eram exactamente o contrario dos processos do *inimigo*, bem ia a coisa: comprehendido! Mas, desde que, em homenagem á *disciplina*, eu vejo falseado o *dogma*, e quando os processos se irmanisam, ao ponto de os republicanos dirigentes — dirigentes dos dirigiveis — fazerem bichinha gata aos padres dos Minho,

eu deixo de ter a percepção nitida dos acontecimentos: não concebo, não entendo: não sei explicar: sou *escuro* e sou *vago*, sou o que os senhores quizerem, — e se o club «Sola e vira» me intima a explicar-lhe as entrelinhas da minha prosa, eu lh'as explico sem detença: — *Que vão á tabúa os censôres!*

*

Ahi tendes vós uma que acontece e que é de estalo e assobio para lançar um homem no vago das cogitações! Morre em Madrid o general Pavia; lanço os olhos sobre um jornal republicano — do meu paiz, entende-se; e que vejo eu? A folha de serviços de general e a carinhosa descripção de seus costumes e prendas. Escuso de lhes perguntar se sabem o que nos destinos da Republica Hespanhola e, porventura, nos nossos destinos, foi o general Pavia — ha vinte annos e pico... Pois, meninos, vem a folha de serviços e vem a lista dos bons costumes do socio do Martinez Campos — esse *terror da Mourisma!* E ahi teem o que eu acho *impenetrable* e que dá o vago ás minhas expressões: é a «sensibilidade»

que alterna com as «combinações» e que lança agua-benta sobre uma sepultura execranda! E aqui me tendes a applaudir *à tout rompre* o Paul de Cassagnac, quando este pede ao estylo as ultimas allusões pórcas, para as *desfolhar* sobre o caixão de Thiers! Entendo o bonapartista, maldito da Republica, mas coherente no seu rancor e assumindo á face do mundo culto a responsabilidade do seu odio. Um governo de crentes republicanos poderia dignamente fuzilar esse jornalista, — mas condecorando o cadaver!

*

Quanto ao caso do Pavia glorificado pelos que se revoltam contra o «encerramento das nossas côrtes,» — palavra d'honra, meus filhos! — é de provocar um volvulo! Aquelle não grudou nas portas do «santuario das leis» um decreto de dissolução, ou coisa assim, reclamado pela maioria da opinião contra as maroscas dos seus «representantes». O réles Pavia, ao lambisco de Cromvell e do primeiro Bonaparte, expulsou do parlamento, pela força das bayonetas, a repre-

sentação naoional. Resgatou Oliveiro Cromwell, perante a Historia, a violencia do seu attentado, tornando poderosa e respeitada a nação ingleza e conservando as instituições republicanas, embora gemesse a Liberdade. Deu o Bonaparte á França o prestigio do primeiro imperio, e *c'est pas peu dire*, meus filhos! E a ignobil contra-revolução dos Stuart e a contra-revolução ridicula dos Bourbons afundam-se no esterquilinio, á simples cosfrontação com os dois «periodos» formidaveis — o do Protector e o do Cesar moderno. O Pavia, alliado ao Martinez Campos — o *compra moiros,* deu á Hespanha... o que lá vêdes em poderio, em fortuna e em grandeza. Bravo e benemerito filho... da patria que o produziu!

*

A sensibilidade, que, do campo dos patrictas, dos democratas e dos liberaes, escorre caridosa até junto de uma tal memoria, não é mais,—nem mais, nem menos, — que a *deslocação dos sentimentos*; fructo dos accordos, dos calculos, das combinações, que «supprimem», em nome da

disciplina, todas as paixões humanas, incluindo as mais nobres, e convidando o pensador combatente ás partidas sobre o panno verde. E é assim que a *expressão* dos de outros tempos, — dos que saboreiam o seu fel e o fel da Historia, — adquire a tonalidade *vaga*...que só espera, para desprender-se de hezitações, a conversão de titeres em homens!

POR AHI.

Um dia d'estes, n'um jornal de muita vulgarisação, occupava-se um noticiarista do que se passa no convento de Sant'Anna, cá na capital do reino. Centenares de miseraveis hospedados, com a Miseria e a Fome, n'aquelle casarão sem fim, e um rapazinho — contava o homem — a estudar para veterinario, a estudar com furia, em maio da penuria extrema: tal viu o nosso amigo noticiarista. E como quer que o impressionasse, no coração e nos miudos, a dedicação do pequenote ao estudo, assim se congratulava com o Destino:

«Com que vontade não virá aquelle rapaz, esclarecido pela Sciencia, prestar um dia os seus

serviços á Sociedade que o maltratou, e praticar o bem!»

*

...Quero hoje deixar em socego aquelles Progressistas cu-ligados, mais uns das benemeritas associações que embargam a guerra civil, mais os padres do Minho a quem pisca o olho o nosso Eduardo d'Abreu. Elles já me chamaram tudo, em familia, desde *miguelista* a *anarchista*. Emquanto não resolvem chamar-me publicamente coisas de assanhar um homem: isto é, emquanto me não transportam do *vago* ao mais que se póde em nitidez, deixo-os esvurmar a sua espuma, e vou-me á philosophia do tal amigo.

*

Ora, a mim me quer parecer que as esperanças ridentes do noticiarista se acham contrariadas por aquelle adagio portuguez: — «Não peças a quem pediu...» A base philosophica — mais modernamente, critica, — de tal sentença é o que ha de mais humano. *Pedir* é rebaixar-se

no fôro da consciencia, é sonhar com a recusa e é soffrel-a, é azedar-se — contra os homens e contra Deus, é derivar-se ao desejo do Fim : ao sonho bem amado da Morte. Quem isto soffreu hade vingar-se... sobre os que lhe pedem, — a não ser de certa raça que no soccorro ao proximo põe todo o fel do desprezo pela especie humana.

Raça do diabo, meus filhos!

*

O caso de o rapazito estudar para *veterinario* denota boas intenções do martyrisinho para com as cavalgaduras innocentes, mas não traduz excellentes intenções em favor das outras — que o deixam curtir fomes no arruinado convento de Sant'Anna. Agora me estou eu recordando, não de um veterinario, mas de um creado de *restaurante*, — sujeito que ha meia duzia d'annos eu conheço na deploravel mania de sacudir a empurrões e a pontapés todos os pobres, velhos ou creanças, que penetram no estabelecimento, a pedirem esmola. Malograram-se até hoje —

ainda agora de lá vim, de almoçar, — todas as tentativas para chamar aquelle bruto á sensibilidade. Falei-lhe da miseria d'aquelles nossos irmãos ; citei-lhe o Christo nazareno, trechos da *Moral em acção*, noticias sobre o marquez de Franco — com que elle fustiga a sua modestia ; descrevi-lhe o inferno catholico, e não me esqueci d'aquella phrase do Victor Hugo — *Quem dá aos pobres empresta a Deus !* Acho que é do Victor Hugo, mas admitto reclomações.

*

Pois, meus amigos, o alma do diabo reagiu até hoje ao meio dia, e só hoje me explicou as suas furias contra os infelizes. Narrou-me a sna infancia tormentosa : engeitado, moço de cego, faminto e espancado até aos dezeseis annos ; depois, creado de servir, até agora, que tem perto de cincoenta. Hoje dispõe de certos meios : umas propriedades na terra, e conta ir no fim do anno corrente descançar na administração do que é seu. E, para o ouvir, disse eu ao ex commungado : — «Será o meio de você mudar.

Em se vendo feliz, principia você a dar esmolas...»

E elle :—«Não, que nem a ponta d'um corno!»

*

Porque? Elle explica e resolve. Diz que soffreu muito e que lh'o hão de pagar *os que estão abaixo*. Cá tendes o adagio, meus meninos! Diz que a fome é o menos : que o intoleravel é o Egoismo armado de desdens e de insolencias e a impôr humilhações que fazem sangrar o coração e estalar todas as fibras e convulsionar a mioleira. Tem razão, se bem me lembra o que ouvi a um amigo meu, que não vejo ha annos. E esse amigo accrescentava que ha coisa mais torpe: o auxilio dos biltres que o apregôam. Deus queira que não se lembre o veterinario *formado* no convento de Sant'Anna!

*

Diz-me um rapaz do meu tempo — hoje cá dos macrobios — que a gente procede mal quan-

do desvenda as feridas das almas infortunadas, por modo que o espectaculo doloroso ponha a descoberto em risota a dentuça das bestas triumphantes. Deixe lá o meu velho ! E' humano e é justo colligir *documentos para o processo.* Em todos os tempos avulturam idiotas sentenciosos, que accusaram os infelizes de se permittirem *excessos* em dia de represalias. E' justo e humano ir legalisando os excessos proximo-vindouros. Para cu-ligações não contem commigo os patriotas; mas os *veterinarios* pódem dispôr dos meus serviços !

BOM HOMEM!

Não ha na face da terra e á face de Deus um typo assim gravido de *extravagancias*, como o velho commendador Francisco. Gravido e em partos constantes: como quem diz — ora em bom successo, logo de barriga á bocca! *Extravagancias* não será bem o termo, mas não disponho d'outro, — que as trovoadas d'estes dias prejudicaram-me sériamente as memorias. Eu lhes digo o que me vae n'alma em preoccupações, e os meus amigos insensiveis á descarga electrica darão justo nome á creança.

*

Foi ao iniciar-se a cu-ligação dos que queriam pastas, com a *disciplina* republicana que pisca o olho aos ricos padres do Minho e com as bondosas associações *que impediram a guerra civil:* foi n'esse periodo macanjo da nossa Historia de cordel, que o commendador Francisco me encontrou *por acaso*, como ella usa, para o fim de seduzir-me, arrastando-me ao turbilhão da insania. De careca rubra e algo pingona, falou-me dos Passos, retrocedendo, de coisas de 89, — tudo apanhado a dente ao inspirado Alpoim. Entre dois *bocks* na cervejaria da Trindade, foi levadinho do diabo o meu velho amigo, em argumentação de levar coiro e cabello a mais impressionavel auditor. Eu... deixei correr, sem embargos criticos. E' o méu processo em *discussão* verbal: uma e outra nota de cortezia — significando attenção; e, se ha materia para contestações, trato de as pôr em redondo. Para a parolice não me convidem os parceiros!

*

Badalou o Francisco, e, ao cabo de bem puxada hora, foi-se á vida revolucionaria, afastando-se de mim, como de um cadaver de crente, refractario a galvanismos. Seguiu-se o que vós vistes em comicios e manifestos e outros sarapateis e açordas patrioticas. Um mez volvido — e o commendador a encontrar-me *por acaso* para o fim de me participar que se desligara da cu-ligação. Que percebera! Que não tomava nada! E que não cahiria n'outra!

E jurou-me que me tomaria por modelo nos graves lances da vida. Desejei-lhe melhor sorte, e despedimo-nos.

*

Saíu o decreto dos addidos. Cae-me nos braços o commendador, embuscado na Avenida da Liberdade, junto á rua das Pretas. Que d'essa vez cu-ligado, ou desligado, ia dar que fazer ao mais ignobil dos governos! Que o pão do funccionario era sagrado, e que se os seus dois afilhados, filhos do Gouveia dos estuques, e addi-

dos aos Proprios Nacionaea, viessem a cair-lhe em casa extenuados pelas privações, elle bem sabia o que 89 e os Passos (coisas do Alpoim) representavam nas convulsões de um povo.

Recommendei-lhe juizo e que não envenenasse o sangue! Que não se cu-ligasse, nem descu ligado se mexesse! Que fosse esperando outra coisa: a entrada do verdadeiro povo em scena, e não a do povo escripturado, ou a do povo amador de espectaculos! Que não polluise em comedias os seus instinctos e os seus intuitos revolucionarios, e que não me irritasse os nervos com as suas reincidencias de creancice!

De novo se affastou, e d'essa vez resmungando coisas igualmente injuriosas que riziveis. Deixa-te ir!

Vi o hontem no Chiado, e, lobrigar-me o mesmo foi que precipitar-se-me nos braços, que eu estendia — para repellil-o. Que lhe perdoasse! Que se informara a preceito, e que não havia novidade com os rapazes do Gouveia — os afi-

lhados, — nem perigo de que elles soffressem a miseria ! Que, pelo contrario, as medidas reformadoras eram de primeira urgencia e o mal só adviria aos réus da madraceira incorrigivel ! Que tomara informações — e que tudo ia pelo melhor em coisa economica, em coisa financeira e até mesmo em moralidade, e — repetição inutil ! — que os rapazes estavam garantidos.

Dei-lhe outra vez os parabens, e mentalmente os dei por igual a todos os cu-ligados, que pela calada se vão cu-desligando, assim como quem não quer a coisa. Contando o caso a dois *rôtos* meus amigos, moralisámos e rimos — que estas «agitações» fazem rir como a ideia de uns exercicios na argola e na corda bamba, executados pelo prior da Lapa, ou pelo Conselheiro Encravadissimo !

DES-CU-LIGADO!

Diz-me o philosopho Tiberio que não comprehende o *apologo* do numero passado do *Pimpão*, relativo ao commendador Francisco. O philosopho, chama *apologo* á historieta, mas sem ideia ultrajante para os personagens; — é só ignorancia... sem carta de bacharel, d'esta feita. Eu explico ao philosopho a moralidade que escorre d'aquelle enredo...

*

Quer o Tiberio que eu lhe diga se o commendador Francisco se des-cú-ligou, primeira e segunda vez, porque a *caridade bem ordenada*

lhe tapou a região da orelheira, resguardando-a das injecções tribunicias do Mirabeau em cuécas. Não tenha a menor duvida, Tiberio amigo! E agora lhe citarei vulto de maior marca, muito acima do commendador, e que, justamente ha vinte e quatro horas, me resumiu assim, pouco mais ou menos, suas causticações do escagarrinhado animo *alemtejano*.

—«Você conhece a minha vida (é elle quem fala). Você sabe que durante mais de vinte annos me agarrei *áquelle partido* e por elle fui alternadamente, consoante era preciso, cégo, olho de lynce, finorio, victorino...»

— Victorino?!

— «Quero dizer: tapado. Fui revolucionario, como se usava no partido em demorados periodos de *ostracismo*, e n'essas quadras arremettia com gana contra aquelle que você sabe, prompto sempre a mudar de pelle e de dentuça, quando o sujeito nos piscava olho propicio. Nem carne nem peixe, e prosapias de tigre e de tubarão! Devorei o meu fel de partidario incondicional, e, se os cavallos do correio, que galopam em seguimento do trem do ministro, — se

esses animaes vissem com trazeiro olhar, elles diriam — como quem diz, — com que olhos incendiados os segui na triumphal galopada... Oh! ser ministro! Esperarem-me na arcada os intrigantes com ar de cão sovado, badalar a sineta do porteiro — tres vezes — annunciando a chegada do *patrão*, subir a escadaria arrastando os pés e olhando para os homens como olhava o Caligula — enjoado e terrivel; ser no gabinete — inflexivel, no conselho de ministros — maleavel... *até vêr*, e no parlamento — desdenhoso, ler todos os jornaes até perder a noção das reclamações e confundir as bajulações com os protestos, favorecer os velhacos de mediano alcance e esmagar os de largas vistas: emfim, ligar o meu nome ao expediente lucrativo e fugir das cavallarias altas das reformas, — para viver socegado, porque não gósto dos odios por grosso: tal foi o meu sonho de vinte annos, agarrado *áquelle partido...*»

— E agora? interroguei, com a inquietação respectiva.

—«Agora? E o que você vê. Todo o trabalho perdido e um acordar tremendo. Forçámos a

nota : ameaçámos com a nossa força, e não podiamos com uma gata pelo appendice, ameaçámos com o povo, e o villanaz saudou-nos com a mão fechada, resmungando : — «Sois todos frescos !» Cú-ligamo-nos e da cú-ligação saiu a nossa perda, com episodios deprimentes para os republicanos *disciplinados*, que chamavam os padres do Minho á defeza das liberdades publicas. Sae-nos d'alli o *tertius gaudet*, na passoa do José Dias — um *pé fresco* da nossa especie, qne só espera, para aquecer-se, duas algibeiras propicias, em que se metta : a algibeira do rei e a algibeira do povo. No entanto, os outros, que pareciam mortos com o Lopo Vaz, estão vivos, apezar do Hintze, e, mais que do seu trabalho, vivem sobre o descredito dos antecessores e sobre o que se receia dos que poderiam vir. Temos para pêras, meu amigo !»

*

— Acha ?

—«Pudera não! Eleições novas pela reforma eleitoral, *de que não ha pressa*, representam o enterro *d'aquelle partido*. Uns irão lá para a ja-

cobinagem, outros para o charco da regeneração, outros...»

— E você?

— «Eu? E' claro que me desliguei. Mas diga-me você, agora, — você, que me vé pae de seis filhos, com mulher, sogra, duas tias, — onze pessoas á meza! — que diabo quer você que eu me faça?»

— Faça-se *juventude catholica*. E' conselho de amigo. Ou isso, ou *anarchista!*

Riu-se tristemente o cú desligado com onze pessoas á sua meza — bom mólho de espigas! Horas, depois, á noite, eu e os taes dois *rotos*, meus amigos, rimo-nos muito das afflicções do homem.

Que a gente já não tem dó de ninguem!

...A demissão do Casimiro Périer — esse rico amigo de Portugal — impressionou deveras o Tiberio, que vê «o fim do seculo» a esfarelar-se nas rijas unhas do Socialismo. De resto, — opinião do philosopho, — o sympathico Ca-

simiro soube *sair a tempo* dos perigos da herança de Carnot para as risonhas delicias da herança dos Périer. Esperto o Casimiro, e esperto o philosopho, que o entende !

Outra coisa : a demissão do homem é muito deplorada por uns liberaes portuguezes da cú-ligação. Ora, o insolente *parvenu* que hontem passou o pé aos espinhos da Presidencia accrescentou um élo — heisde estar lembrados — á corrente de favores que devemos aos dirigentes da França, desde as invasões napoleonicas — para não sairmos d'este seculo — até ás proezas de mão baixa da esquadra de Luiz Filippe, no Tejo, imitadas pelo Napoleão petiz no caso da *Charles et George*. Bateu-nos o pé o illustre Casimiro, ameaçou-nos e gabou-se do feito á Europa ! Por signal, o patriotismo cá da terra esgotára-se contra a Inglaterra ; ninguem se zangou com o Casimiro !

Talvez que a resignação dos patriotas n'esse momento, bem assim as lastimas de hoje pela demissão do homemsinho, se expliquem pela feição commum — de cú-ligados. A França republicana cú-ligada com o imperio russo, para

salvar a Carta... perdão! para salvar a paz do mundo, é trambolho que não passa ás guélas dos jacobines rubros, e que faz rir os do Quarto Estado, mas, pelos modos, é de uma fina politica, que deixaria ás aranhas o Richelieu. Cúligados, — e nem por detraz da Russia os dirigentes da França se atrevem a bater o pé ao visinho do lado do Rheno, como nol-o bateu a nós o insolente burguez que hontem se demittiu!

Nós e Sião estamos na conta.

A TAL CORJA.

PESSIMA raça e que me obriga, pois que é muito numerosa, a viver um tanto de pé atraz com toda a gente que não conheço bem. E' um tanto aquillo dos *Snobs* do Tackeray, com um traço alvar que só tenho visto fronteiras a dentro — cá do paiz. Foi o Narciso de Lacerda quem, descendo um dia das regiões astraes, e reparando n'ella — na tal *corja*, — apontou a sua nitida impressão, no seguinte verso:

E é tenebroso a riso dos alvares.

*

Nauseante como o sopé de um muro propicio a allivios dos borrachões; mas tenebrosa como sentina em que deitassem cadaveres esquartejados. Não a estão vendo — essa ralé sinistra? E' a que levou o Julio Machado a precipitar-se espavorido para a Morte, quando as cartas diffamatorias, producto da *tal corja*, lhe punham, á laia de cauterio, lama no coração. E' a do bilhete anonymo, letra fingida, tremida como as orelhas do auctor — que suppõe inconfidente a propria sombra. E' a que deseja com furor a noticia mordente no jornal, e que a sublinha e a explica e a envia pelo correio á supposta victima e, sempre anonyma, escreve ao jornal — extranhando-lhe que não diga horrores, e á victima — descompondo-a, porque não castiga os *insultos*.

Que quer a *tal corja?* Quer o escandalo; quer lama e sangue. E, se a não satisfazem, berra: «Covardia!» Para tal quintessencia do Latrinario, não ha na face da terra uma nesga de sentimento puro: nem amor, nem amizade, nem ca-

ridade, nem dedicação, nem sacrificio! Deve ser tudo calculo, mixordia, coisa escura, coisa dubia. A *tal corja* não escreve, mas espera ardentemente — que «aquillo» não fique impune: «seria a deshonra social!» «Aquillo» — que? Não sabe nada, não ha no fundo da sua almasentina uma raiz de convicção ou de opinião; mas não é preciso: o que importa é o alamiré da infamia, que excite os animos, que desnorteie os espiritos, que convulsione, que se desate em catastrophe! E n'este ponto, rezerva-se a *tal corja* o direito de protestar contra os abusos e de recommendar moderação!

Protesta e recommenda nos estabelecimentos publicos; de noite, recolhida a casa, ri-se ao espelho, com um riso verde que não é verde mar: é o da hortaliça digerida...

*

Não me hade esquecer. Estava eu uma noite n'um café, e, a pretexto de relações com dois companheiros meus, outros individuos vieram sentar-se á nossa meza e ouvir o que nós dizia-

mos. Falavamos da morte recente de uma senhora, esposa de um escriptor illustre e mãe amantissima de alguns filhos menores. Insisti eu, como velho amigo do escriptor enlutado, na amargura da sua situação, — privado de uma honesta companheira e cercado de creanças sem mãe. Ora, notei que nas phisionomias de dois dos recem-chegados havia o que quer que fosse de *pensamento grutesco*. Como o assumpto nos entristecesse, a mim e aos meus companheiros, a conversação derivou-se a outro rumo, e em breve sahi, despedindo-me.

Horas depois, encontrava eu um dos meus amigos do café, e por elle me foi dicto o que ides lêr:

— «Logo que você saiu, aquelles dois typos que você sabe expandiram-se em allusões muito agradaveis a diversas prendas que concorrem na sua pessoa, — principalmente aos recursos de *troça*...»

— Troça, e a proposito de quê?

— «A proposito de você ter lamentado a morte da mulher de F... e a sorte do viuvo e das creancinhas...»

Acham phantastico ? Era a *tal corja.*

*

Póde succeder — e ha ensejo para eu o dizer agora — póde succeder que um certo numero dos meus «leitores constantes» me considere iniquamente um exemplar do homem *glacial*, que faz litteratura de ironia. Não creiam tal, — que eu não tórno a Especie responsavel pelas minhas desillusões, e, se alguma enfermidade me tortura implacavel é uma sensibilidade caracterisada *doentia* por amigos do meu socego. Isto fique entre mim e os constantes leitores: Homem que não tenha um dia chorado sobre as dores alheias é para mim a quintessencia do malvado. Não o quero para amigo, nem para companheiro de trabalho, nem para emprezario, nem para moço de fretes. E' da *tal corja*,

QUEIRAM OUVIR!

DIRIJO-ME aos contribuintes, mas esperançado em que me oiçam os governantes. E' aqui para lhes relatar, a todos, uma palestra que ha quatro dias eu tive na *Taberna Ingleza*, ao Caes do Sodré, — emquanto nos preparavam o *ragôut* do almoço, — com o preclaro commendador Francisco. E emquanto lhes relato o *caso*, vamos deitando o olho para o sarapatel dos cú ligados: aquillo de aconselharem o *relaxe* aos contribuintes — pondo ás ordens dos *relaxados* todos os Mirabeaus da travessa, e não esqueçamos o Fiuza dos coiros, que, da porta do estabelecimento, bérra aos Mirabeaus que

vão passando: — «O que eu peço a vóssorias é *massa* para os preparos! Não me governo com cantigas!...»

*

Ora bem. Francisco de minhas entranhas, que tem coração e miúdos para uma duzia de gatos do Bairro Alto, deu-se a caturrar commigo sobre os recursos para *receita*, de que os governos, até á data de hoje, não tem lançado mão, — por esquecimento, que não póde ser outra coisa. Tal esquecimento aggrava, — claro como agua limpa — a situação financeira do Estado e a situação economica do Zé Pasmado. E foi n'esta corrente de sabias ponderações que o commendador pôz o dedo n'este bubão:

*

— Que diz você alli ao meu vizinho da travessa, o que empresta a 2, a 3 e a 4 por cento ao mez?

— O da casa de *prego*?

— Justo!

— Digo que faz o seu negocio, e que quem não quer...

— Quem não quer não vá lá? Isso é da *Philosophia de João Braz?*

— Não, commendador. O que é d'essa *Philosophia* é — comêr o almocinho emquanto elle está quente Sirva-se! Ou quer que eu o sirva?

— Nada de ceremonias! Cada qual tire para si.

— Como se diz na tal *Philosophia*...

— Justamente. Vá você comendo, e deixe-me desabafar!

Fui comendo, sem esquecer o *Riba Tejo* branco; e o commendador proseguiu assim:

— E' claro que quem não quer não vae lá: — isto dito por quem não precisa de lá ir. Mas, infelizmente, succede que todos que lá vão — é sem vontade. Não a tem o Paulino, que lá vae pôr a abotoadura, para vir de carro, da tourada, pela Avenida em fóra, e não a tem a amiga do Paulino, quando elle lhe leva para o *prégo* o leque e a pulseira, para se divertir no baile da Trindade com a Faustina das pernas gordas. Mas não é com esses o meu caso, e se o meu

complicado destino me tivesse levado a estabelecer um *prégo*, eu não hezitaria em carregar lhes nos oiros dos estroinas, sem medo de arrependimento. O caso é outro: é o da malvada serenidade de espirito com que o *préguista* regateia um pataco, sobre as calças velhas que lhe apresenta a esfarrapada mãe de quatro menores famintos e mulher do dono das calças — que está doente e sem soccorros no casebre immundo. Nem sempre é este o quadro: ás vezes é o marido, o operario, que vae levar ao *prégo* o chaile da mulher doente e pedir sobre tal penhor dois tostões, que o homem do *prégo* lhe reduz a seis vintens. Você, que tem visto tanta coisa, não sabia d'isto ?

— Sabia ; tenho assistido a scenas d'essas ; mas o mundo é assim...

— E até quando Deus quizer, hein ?

— Não sei, talvez o Diabo intervenha. Este pensamento é irreligioso ; mas não se trata de fome e sede de espirito : é de coisa mais negra e amarga e corrosiva das entranhas. Coisas, meu caro commendador, que não se remedeiam pelas cú-ligações e que no dia do *curativo* hão de

empolgar os cú-ligados... Mas olhe que arrefece o carneiro!

*

Francisco encolheu os hombros, e reatou o fio da divagação. Foi n'estes termos:

— Sobre aquelles horrores, do *emprestimo* aos famintos — emprestimos nas condições que você conhece, dorme socegado o cidadão *préguista* e arranja a sua fortuna, e hade transmittil-a aos filhos — «com o seu nome honrado.» Conheço as lendas dos vampiros que vão sugar os cadaveres: são menos abjectas essas phantasias do que as realidades que alli temos: não ha insensibilidade de cadaveres; ha a agonia dos miseraveis que se estorcem *em ultima instancia* nas unhas molles do agiota sordidissimo e com um bacio no logar do coração! Chego ao ponto: é sobre estes vampiros peiorados que o governo carecido de dinheiro se esquece de lançar os seus olhos. Sob o ponto de vista da simples Moral, os *contractos* que tal gente realisa deveriam ser fiscalisados. Agarra-se a creada de servir que comprou um pão ao pa-

deiro ; esse pão é examinado, pesado, e a fraude é castigada : e porque não hade ser agarrado, ao sair do *prégo*, o miseravel que alli soffreu operação, e porque não lhe tira o fisco a *cautella* e não examina o *contracto* e não castiga a horrivel expoliação ? E fóra da simples questão moral, e a dentro da economia do estado, porque é que o Tributo não cae a fundo, inexoravelmente, sobre aquella industria ? *Fiscalisar* e *carregar na contribuição*, e, como elles dizem, — «quem não quizer que não venha cá... estabelecer-se !»

*

Mais ainda badalou o commendador; mas são esses os traços geraes da sua caturrice, ao termo da qual sempre se resolveu a comer. Comeu pouco, que o bom homem soffre do coração quando se lembra da fome dos outros. E' de bom tempo !

OIÇAM ! OIÇAM !

VEJO em alguns jornaes que o José Luciano prometteu dispensar do pagamento de impostos em divida os contribuintes que não pagarem a este governo. Com a mudança de guardas na fechadura, lembra o Saldanha a promover a alferes os sargentos *da meia noite*, quando foi do 19 de maio. Ficava bem ao illustre cabo de guerra, e não menos distincto insubordinado, galardoar a insubordinação dos parceiros. Vamos lá a vêr se tão bem fica o alamiré da resistencia aos impostos, assoprado pelo estadista da Anadia — e dos respectivos chouriços !

*

Eu já contei este caso, mas não me lembro onde. Creio que seria n'outra folha — que não esta em que estou philosophando. Como quer que fosse, propicios fados chamam tal caso á minha memoria. A coisa passou-se assim :

Estava no poder o Fontes, e pediu-lhe o rei D. Luiz uns centenares de contos, para uns extraordinarios, — se bem me recordo, eram festejos publicos. Declarou o chefe regenerador que não havia meio, em similhante occasião, de extrair dos cofres publicos, nem de sacar sobre o contribuinte, uma tal quantia. Entre enfadado e surprehendido, o rei D. Luiz recommendou-lhe que pensasse bem. — Tenho pensado, meu senhor, replicou o ministro ; mas obriga-me a trazer ámanhã comigo o A... (seu collega no ministerio), em cuja dedicação Vossa Magestade confia absolutamente, e elle confirmará o meu parecer.

— Pois traga você o A...

*

No dia seguinte — os dois ministros no paço, e a breve trecho o rei a contas com elles. — «Reconsiderou, Fontes!? E você, A..., é da mesma opinião?» E o A..., muito desenvolto: — Eu, meu senhor, sou exactamente da opinião do Fontes: é impossivel obter dinheiro n'esta occasião.

Palavras do rei D. Luiz:

— «Pois alguem o arranjará.» E voltou costas... (Estes pontinhos querem dizer — *Tableau!*).

*

Descem as escadarias do paço os dois ministros regeneradores, e diz o Fontes ao outro:

— Claro como agua, hein?

E o outro:

— Como a crystalina agua. Estamos despedidos!

Vão descendo.

Páram no atrio, mutuando impressães, e, eis senão quando, chega de batida uma tipota, da

qual pressuroso se apeia um cavalheiro, typo de taréco do Romantismo, o qual atarantado, os corteja, e pelas escadas arriba se vae esgueirando, emquanto o A... piscando o olho ao Fontes, assim commenta a apparição do taréco :

— Está arranjado o dinheiro !

Horas depois raiava a Liberdade... perdão ! Horas depois, o Fontes sahia do poder, porque — elle, o dissipador ! — não achara recursos nos cofres publicos, nem nas algibeiras do povo, — e subia a governo o taréco José Luciano, e arranjava-se o dinheiro, e faziam-se as festas, e o povo pagava-as e admirava-sas, — e não havia quem lhe dissesse que não pagasse a *cobrança illegal*. Creio bem que tudo aquillo obtivera a approvação dos *representantes do paiz*. Estava direito !

*

E' *esse* quem declara que dispensará do pagamento de impostos em divida os contribuintes que não pagarem agora. Quando é que tenciona dispensal-os ? Quaudo fôr ministro ? E como é que os dispensará : em dictadura — *illegalmente ?* Não ! O correctissimo adminis-

trador do que é nosso ha de recorrer ás côrtes, — como recorreu para arranjar o dinheiro recusado pelo Fontes a D. Luiz I. E outra vez direito, — bom taréco!

*

Tal o homem, com a sua politica e a sua gente, que aconselha os contribuintes a que se entalem — para desentalarem do ostracismo e do becco sem sahida o sympathico partido que mais berrou no parlamento — *Viva a independencia nacional!* em ultraje infamante aos republicanos, *traidores de Badajoz!* Lá estava isolado na camara o Jacintho Nunes, e apanhou em cheio a trovoada de lata: scena grutesca e odiosa, que eu nunca teria esquecido, nem perdoado, e que o Jacintho Nunes — bom homem! — perdoou até aquillo que se vê — mettido de gôrra com elles! Mas não tem duvida, tambem o Eduardo d'Abreu perdoou ao padres de Braga. Falta saber a quem perdoará a ultima fila do *Zé* — a que não se vê d'ahi, a que não mette os dedos no nariz, nem apparece aa Avenida, nem nas hortas, porque não tem sapatos para apparecer em pubico...

OIÇAM MAIS !

Diz alli o orgão progressista — «que não se reconhecem agora progressistas ou republicanos.» Mal redigido, mas entende-se : quer dizer que não ha entre os dois partidos distincção, no momento historico presente. Tal seria, dado que o convite aos padres de Braga — para a defeza da Liberdade, — convite formulado pelo Eduardo d'Abreu, houvesse recebido a sancção do partido republicano. Não recebou tal, como a não recebeu a alliança do Jacintho Nunes, em comicio, com os mesmissimos figurões que no parlamento iam dando com elle em doido — a berrarem *Viva a Independencia Nacional !* para confusão dos *traidores da Ba-*

dajoz e annullação do *contracto de venda!* Pódem uns Machiaveis de alcôrce estender a mão aos Mirabeaus em cuécas, em nome da «disciplina» e das «conveniencias politicas»: o que importa estabelecer, disciplinada ou tumultuariamente, é que o Povo só póde admittir superioridades no systema politico mais sincero; e não poderá admittir a ideia de sinceridade, se os processos enfermam dos mesmissimos vicios dos partidos dos velhos systemas. Perdoar as injurias e as infamias é direito da moral privada; eu posso perdoar calumnias e traições (é hypothese: que eu tal não perdôo!); mas, quem diz representar um partido novo, reclamando contra a decadencia e a relaxação dos outros, não tem o direito de esquecer imbecilmente, ou de simular esquecimentos, em assomos de ridicula esperteza! Que vá para o diabo a disciplina! — dirão os republicanos sinceros; e importa que das ideias violadas por taes *politicos* não diga o mesmo o Povo — o que ainda crê em systemas!

Possuem os Regeneradores, como os Legitimistas, uma especie de virtude, que ninguem

póde contestar-lhes: é a virtude da *coherencia*. No poder, ou na opposição, no favoritismo, ou no ostracismo, *estão sempre com o Rei*. D'elles reza justamente a Historia—que tem vindo tanto mal ao Povo como dos Progressistas, ou dos Furta-côres. Nunca ao seu rei — ao que lhes distribue poder ou amarguras, — levaram inquietação. São fieis. Por calculo, ou por gratidão? Eu creio na gratidão dos outros, pois que conheço os meus auctores, e tanto é assim que, apenas favoreço alguem, ponho-me em guarda e peço a Deus que me proteja; mas é um modo de vêr particular a que admitte algumas vezes excepções. Gratidão ou calculo — está alli, como eu vos disse, a coherencia que briga com a escandalosa vida dos outros que nós sabemos e que se chegam para os *traidores de Badajoz*, em nome da Liberdade ultrajada. E eu vos conto uma historia de que já em tempo dei uns breves traços.

*

Foi ha dezoito annos, no Porto. O sacco das ostras... perdão! o ostracismo pezava sobre os

Progressistas e o Fontes tripudeava sobre a Carta, com hetairas, compadres e todo o *tremblement* da corrupção. A imprensa progressista — a grande força que elles perderam na sua orientação de pacovios — incommodava o soberano então reinante e excitava os espiritos populares. Uns politicos progressistas, que vinham da Patuléa, procuraram—no Porto, como já vos disse — um jornalista republicano, tres mezes antes das eleições geraes, e contrataram com elle a fundação de um jornal, que veio a chamar-se *Voz do Povo*, Já lá estão na terra da verdade o sincero Delfim d'Oliveira Maia e outros menos sinceros, como o Adriano Machado e o Thomaz Lobo. Ainda vivem o Costa e Almeida e o Correia de Barros. Toda esta gante concordava em que chegara a hora da *soberania do povo* (está hoje em Agueda). Não havia artigo jacobino do redactor republicano que não ateasse uma alegria satanica — e patriotica — nas almas santas dos agitadores. O triumpho obtido na urna foi monumental e em toda a linha, e até o Miguel do Pateo dos banhos, na rua de Santo Antonio, celebrava a festa, berrando da

janella á tia Joanna, a tascante : — »Mas é que se fosse que dissessemos que foi n'uma assembléa... mas é que foi em todas !» E a Joanna, assaz piteireira e com a visão retrospectiva da Maria da Fonte, grunhia, espulgando-se, das profundezas do pateo : — «Arre ! que é para não serem ladrões !»

No centro progressista. á rua do Almada, a noite do apuramento de votos foi um delirio. Berrava-se com a energia e com os restos de sinceridade d'aquelle bom povo : — «Viva a Liberdade !» e cantava-se atroadoramente a Maria da Fonte. Succedeu que uma philarmonica, em frente das janellas do centro, desacertou em tocar o hymno do rei D. Luiz, e, apopletico, o Adriano Machado correu a uma janella e bradou : — «Toquem o hymno do Povo ! Nada de hymno real ! O unico soberano é o Povo !» E tudo a berrar de enthusiasmo. Parecia o fim do mundo !

*

...Já sabem que o jornalista era eu. Bem. Decorrem breves dias, e convidam-me a compa-

recer no Centro, onde eu nunca fôra senão com toda a gente — na tal noite da «soberania do povo» (imprime-se em Agueda). Não acceito o convite, e procuro um dos *conjurados*, em sua casa, para saber o que havia. — «Ha. meu caro amigo, que é preciso mudarmos de politica. Vencemos na urna; o rei acceita esta victoria como uma indicação do povo (o soberano !), e vamos ser chamados ao governo. Portanto, é preciso mudar as guardas á fechadura: creio que me entende...»

Não respondi. Fui me, como um raio, á redacção, onde destruí todo o *original* que já escrevera, substituindo o por esta simples noticia, por mim assignada e a publicar na pagina: — «A contar de hoje, deixo de redigir este jornal.» E fui-me ao Brazil — a ganhar o pão.

Quando regressei, pouco tempo volvido, encontrei a cidade em festa. Era á noite. O soberano — não o povo soberano: o outro — o da Ajuda — havia chamado os Progressistas. Por curiosidade, fui passar pelo Centro do partido. Tudo illuminado e embandeirado, e lá dentro grande berrata enthnsiastica: — «Viva o partido

progressista ! Viva el-rei ! Vlva a familia real !» O povo soberano andava cá por fóra, com cara de desthronado, a desviar-se da cavallaria municipal, que o atropellava — sem attender á sua soberania...

*

Juro lhes que chorei — como se chora aos vinte e cinco annos — quando se assiste ao desenlace d'uma traição. Mas isso não importa : está llquidado. O que importa é dizer ao pobre *Zé* — que taes são *elles*, como ahi ficam no painel : tal a *politica* d'esses «fieis alliados» a quem o Jacintho Nunes perdoou — até isso que tendes visto : mettido de gôrra com elles ! Ahi está o levedar da traição — na carantonha ao rei, menos horrenda do que a carantocha que mostrariam ao *povo soberano*, se do paço das Necessidades *alguem* dissesse : — «Venham, com a condição de serem ferozes !» E sobre ridiculos, seriam ferocissimos !

FÉMEAS! FÉMEAS!

MULHER litterata, por via de regra, é uma razão perdida no vacuo da consciencia: — vão com esta, do nosso grande Camillo, os de galanduchas á litteratura feminina! Mas, ha peior: é a *mulher politica*, e, á conta do inferno que tal sujeita póde introduzir no viver de um homem, fala de cadeira o commendador Francisco.

*

Foi justamente a noite passada, que, girando eu pela Praça da Flores, se me deparou, sentado n'um banco, do lado da estação municipal — que Deus haja! — o preclaro commendador,

Estava elle docemente melancolico, — qual victima de dispepsias ou de traições da Soledade: estava bonito! Perguntei-lhe — onde lhe mordia a Fatalidade, e elle respondeu-me, commovido e commovedor: — «Morde-me no socego do lar!»

— ?!

— D. Genoveva metteu os corninhos na Politica!

— O' commendador!!!

*

Davam duas horas no relogio de S. Bento. Francisco inclinou ás minhocas, — como quem diz ao terreno humido da praça, — a veneravel cabeça de pensador como burro, e assim falou á minha besbelhotice:

— «Imagine você que por accordo procopio... perdão! por um tacito accordo, minha esposa e eu estabeleceramos — que ella seria a encarregada das despezas e da bolsa e eu de fornecer essa bolsa. Ora, muito bem. Isto foi ha dez annos, logo depois da nossa união... encanta-

dora *(Francisco faz a cara de um bode que se constipa)*. Corria tudo menos mal : o meu activo era de dois contos de réis ; D. Genoveva arranjava me um passivo de tres contos e pico ; mas vivia socegada, e tanto peior para os crédores ! Haverá seis mezes, senti-me encalacrado : cautellas de *préguistas* patrioticos, letras de torpissimos judeus, e contas de moeistas de má nota : uma inferneira ! Paguei tudo — das economias, — e segurei-me, estabelecendo mezada fixa a D. Genoveva, para as despezas do cazal. Acceitou ella, com um sorriso de vibora, e procedeu ao amanho da vida — como uma pomba ! Mas, haverá um mez, esperou-me, ao termo do meu almoço, para me fazer observar que o dinheiro não chegava, porque havia extraordinarios e coisas...

(Levantámo-nos, pois que o ambiente arrefecia, e démos algumas voltas pela praça...)

— E havia extraordinarios ? perguntei.

— «Já lhe conto. Perguntei a D. Genoveva o que vinha a ser isso de extraordinarios, e ella, sem hezitação, declarou me — que, não tendo de preoccupar-se nas coisas do orçamento domestico, chegara muito naturalmente a pensar nas

coisas da governação publica, e que, não lhe parecendo que taes coisas corressem em harmonia com as exigencias dos povos, — vá você vendo! — resolvera, de accordo com varias pessoas amigas e altamente collocadas, promover reuniões politicas, (e, muito agitada,) — quer eu quizesse, quer não!

— E você?!...

— «Eu?!... A principio, julguei a doida. Depois, lembrei-me de coisas várias, ácerca dos nervos do mulherio, e tive dó da infeliz. Ponderei-lhe — que eu, Francisco, cabeça do cazal e senhor dos miólos do lar — para as questões criticas — era o responsavel, á face de Deus e dos homens, pela nossa politica *intra-muros*. Citou-me, batendo o pé, diversos cazaes desorientados, e eu, a encolher-me, para conter-me, objecteilhe: — que não tinhamos que vêr na telha do nosso proximo, que eu não admittiria relações com intrigantes, menos ainda os auxiliaria em suas maroscas; que a mulher cumpre a sua obrigação quando nos dá filhos — ou faz por isso — e quando ólha por elles; que o espirito feminino mais lucido e instruido desatrema do simples

juizo, logo que se mette em cavallarias machas, e que um marido que permitte á mulher a intervenção nos seus negocios politicos é mais ridiculo perante o publico do que se lhe permittisse outras pagodeiras: n'este caso póde haver cynismo, o que chega a ter admiradores: n'aquelle caso só póde haver imbecilidade. Falei bem, ou não falei?

— Você falou como um catita!... E a D. Genoveva?

— Isso é que eu queria que você visse! Assanhou-se, e veiu me com as mãos á cara, e, como eu lhe dardejasse um olhar de respeito,— d'estes de metter pelo chão abaixo, — teve um ataque de nervos. Puz o chapeu, sahi e não fui jantar a casa: accrescimo de despeza — para dois! D'ahi, tem sido um fado: falta de apetite — emquanto eu prezente, a bella *piada* sobre a impotencia do espirito — o que me é indifferente, sob este ponto de vista bem restricto... Mas, você imagina lá o que me custou a despedir *a corja?!* A toda a hora, politicões afamados a saberem da illustre *madama!* Corri com elles, e espalharam que eu a tyrannisava e que não tenho idéas...

Ora, você, que tem visto mundo, diga-me — você, que é meu amigo : — Tenho, ou não tenho idéas ? !

— Tem, mas falta-lhe uma...

— ? !

— Vá dando o seu tabefe !

OS REMENDADOS

Desde o Anno Bom (parece troça... Anno Bom!) anda o Melchiades das Obras Publicas a fazer orçamentos que dariam agua pela pêra do Carrilho — se esta entidade macabra não houvesse supprimido tal excrescencia pelluda. E' addido o Melchiades, e nas convulsões da patria leva-lhe o diabo uns cincoenta por cento — de vinte e um mil réis que elle fruia — para seu amparo, mais da D. Joaquina — sua mulher, do Ernestito, que tem dez annos e pico e já soffre as torturas da imbecilisação pela grammatica, e do gato *Carôcho*. Todas as noites, esperando o dia fatal, Melchiades, de lapis nos dedos enclavinhados, arranja, sobre a meza

da cozinha, — que não ha outra em casa, — orçamentos d'esta ordem:

Activo

— Mensal: das Obras Publicas, depois da reducção.....	9.500
Idem, da escripturação do Onofre....	8.000
Idem, das lições.....	4.800
	22.300

Passivo

— Mensal: Mercearia: feijão, azeite, bacalhau, vinagre, velas de sebo, sal, phosphoros, etc. (média).....	10 000
Idem, padeiro.....	2.500
Idem, carvoeiro.....	1.200
Idem, hortaliça e peixe miudo.....	1.200
Idem, escola e livros do pequeno.....	1.500
Idem, renda de casa.....	3 800
Idem, cigarros.....	1.200
Somma.....	21.400

Transporte.....	21.400
Idem, vinho.....	1.800
Idem, agua (sem vinho).....	320
Idem, juros do relogio empenhado....	520
Idem, miudezas que não se esperam..	1.000
	25.040
Activo.....	22.300
Deficit.....	2.740

Com as suas lições de portuguez, com a escripturação do Onofre droguista e com a metade do vencimento, que lhe deixaram nas Obras Publicas, arranja Melchiades um deficit mensal de 2.740 réis. A D. Joaquina cozinha, lava, engomma, e concerta a roupa, e elle Melchiades concerta o calçado e os chapéus. Faz rir — o chapéu do Mélchiades; em compensação, as botas fazem chorar.

*

Nove da noite. A' meza da cozinha, está o Melchiades a contas com os estudos orçamen-

taes; a D. Joaquina faz maravilhas em teia d'aranha nos fundilhos do Ernestito, O pequeno dormita, abraçado ao *Carôcho*. Este, de quando em quando, espulga-se com phrenezi nos desvãos da rabadilha. A voz de Melchiades trombeteia:

— Não ha remedio! Emquanto vinham os vinte e um mil réis, ia-se aguentando o barco. Assim... toca a supprimir!

— A que chamas tu supprimir?

— Eu te digo. O rapáz escusa d'ir á escola, ou vae á Municipal, ali de baixo, que é gratuita.

— Será gratuita, mas a professora não pôe lá os pés!

— Melhor! Ficará em casa o pequeno, para te fazer companhia, e não estragará calçado. Supprimidos mil e quinhentos réis.

(Tóma nota, e continúa:)

— Reducção de vinho a 900 réis e suppressão dos juros do relogio, — que o leve o diabo, mais ao patife do *prégo*. Nove e cinco: quatorze e um vintem!

— O relogio era de teu pae, e pelo vinho que nós bebemos...

— Mil quatrocentos e vinte, com mil e qui-

nhentos, sómma dois mil novecentos e vinte, e acabou-se o defict! (*Pausa.*) E pensar eu que alli o do predio do lado faz os seus dez contos em direcções de coisas e que o outro é director geral e administrador dos caminhos de ferro, sem ter mais intelligencia do que eu, e que o aquelle vae delimitar terrenos, com uns nove contos por anno!... Tu estás a resonar, Ernesto?! (*Sacode o pequeno e prega um murro no Carôcho. O gato foge e o pequeno choraminga.*)

— Diabo de brutalidade! Que culpa tem a creança, mais o animal, d'essas porcarias da tua vida?!

— Porcarias?! Ainda mais essa! A culpa que elles teem é tamanha como a que eu tenho! Não quero que se resone e se cáte pulgas, emquanto eu salvo a situação!... E, a proposito, esse estuporinho, esse *Cerôcho* não figura no orçamento e come cinco tostões por mez! Rua com o tal *Carôcho!* (*Tóma nota:*) Mais quinhentos réis!

*

Fala D. Joaquina, implacavelmente:

— Tens de arranjar um casaco!

— Eu?!

— Pudera! O que tens para sair tem pastadas de sebo e os cotovellos rôtos,

— Deixal-o ter! Não ha vintem! Se o paiz não me quizer assim, que me sacuda para a fronteira. Vamos ser gallegos!

— A creança precisa de uma camisola e de dois pares de meias. A noite passada levou-a toda a tossir.

— Não quero cá saber d'isso!

— *(Rancorosa:)* Olha que és torto como uma figa!

— Olha que eu chego-te!

(*Batem á porta.*)

— Não póde ser coisa boa!

(*Joaquina vem com uma carta.*)

— A letra é do Athouguia. Querem vocês vêr?... Ora tóma! E' a familia dos pequenos, os das lições. Teem á morte uma tia rica no Porto, e vão-se embora para o Norte! Quatro

mil e oitocentos a abater no activo! (*Faz um gesto furioso; a D. Joaquina e o Ernestito choram, o Carôcho esconde-se debaixo da chaminé, e de lá espreita, com olho reluzente.*)

*

— (*Serenamente.*) Mulher! Não se supprime coisa alguma, O Ernesto continuará nos estudos e terá a camisola e as meias, e eu heide ter um casaco, e não passa de ámanhã. Talvez até desempenhe o relogio! Haja alegria, e perdôem-me! Vou buscar mais vinho para a ceia...

(*Sae, resmungando:*)

— Não vale a pena luctar. Vou fazer como os outros: não pagar a ninguem, e prometter um terço. Com homem perdido ninguem se metta!

GOVERNANTES.

——

Um homem que foi ministro ha mais de vinte e cinco annos, e que continúa a ser um dos mais honrados, mais intelligentes e mais instruidos sujeitos que eu conheço, cónversava ante-hontem commigo, a falta de melhor, ácerca dos casos puliticos da actualidade portugueza e das hypotheses de outros casos — futuros. Observava o meu respeitavel amigo a falta de recursos da opposição para guerrear victoriosamente o governo, bem assim as circumstancias que auxiliam a conservação da actual: — reconhecido fiasco dos comicios deploravelmente conduzidos, — indifferença do povo, —

confiança da corôa, — suppressão do parlamento sobre o seu descredito, o que o não torna lamentado, — a corrente dos espiritos *pensantes* dirigindo-se á questão social abandonando as coisas da Politica : emfim, terreno aberto para tudo que o bom Deus inspirar aos que estão de cima.

Deus, ou o Diabo, — que tambem é gente.

*

— Quer v. insinuar, interroguei, que temos governo para lavar e durar ?

— Quero apenas chamar a attenção de v. para o seguinte phenomeno politico, que de um momento para outro se produz no systema : Dispondo de todos aquelles recursos — confiança da corôa, indifferença do paiz, parlamento supprimido, ou maioria ás ordens, um governo cae subitamente, sem que ninguem perceba as origens e causas da sua quéda ! Por que diabo caiu elle, se o paiz ia pagando, o exercito estava ás ordens, o rei dizia que sim, os partidos só faziam asneiras, o parlamento, — fechado ou aberto —

era propicio aos fados? Por que carga d'agua cairam elles?

— Porque estavam gastos.

*

— *Estar gasto*, no governo, é uma phrase — é facto; mas não é como se julga. Não prejudica os governantes *estarem gastos*, quando todas as forças vivas dormem á volta d'elles, ou se declaram d'accordo, bocejando. *Sentem-se gastos:* é isto! Sentir-se gasto um governo é perceber que falhou, e ha quarenta annos que elles vem falhando — por falta de ideias, ou por falta de vigor, ou por falta de processo, ou por falta de tudo. Ao termo de alguns mezes, ou de trez annos, principiaram a notar que á sua volta a indifferença converteu-se em desprezo e se alastrou. Lêram esse sentimento nos olhos do rei e nos olhos dos dependentes e nos olhos do publico. Ora, não é impossivel viver n'uma atmosphera de odios, mas na do desprezo geral é superior ao cynismo dos homens, quando a retirada é possivel. D'ahi o desagregamento entre

os do grupo que domina. Depois de se reverem no publico, reviram-se uns nos outros, e terminou cada um d'elles por contemplar-se ao espelho e vêr-se inepto, ridiculo, desprezivel. E então, apoiados no rei, no exercito, na maioria, ou no parlamento fechado, e na indifferença do paiz, os governantes cairam por si — como causticos do corpo do moribundo. E não houve grude que os prendesse ao Poder!...»

*

Tal disse o ex-ministro. Esqueceu-lhe, ao meu velho amigo, a seguinte ampliação: Ha ainda uma qualidade que póde auguentar em qualquer dos casos um governo, ou um estadista: é a *tenacidade* — contra tudo. Se a ideia inspiradora do governo, ou do homem dominante, não é patriotica, se é toda pessoal, inconfessavel, peior para a collectividade, pois que já lá vae o tempo das revoluções politicas. Dado, porém, que «uma ideia patriotica» inspire um governo, ou o homem da situação, a *tenacidade* do dirigente hade vencer a indifferença, por mais relaxada e cy-

nica, e hade convertel-a em *movimento de attenção.* N'essa hora, que alli o estadista dos *carapaus* deixou passar — por que era ôcco, como uma abobora de cem annos, — estará feito o renascimento : se fôr tarde para viver com fortuna, ao menos para morrer com honra !

——

... Aqui temos nós — um tanto a proposito — o *Correio da Noite*, orgão dos Progressistas, a accusar, no seu artigo de terça feira ultima o actual governo — de *fazer activa propaganda contra as instituições.* Crê a gente que o governo em questão tem posto a mira, principalmente, em aguentar as taes instituições, e que por isso o aggride o partido republicano ; pois não é assim: elle só tem empregado a sua actividade na demolição das taes instituidas ! E' o José Luciano quem o entende e o affirma...

Comprehende-se que os Progressistas, ao mesmo passo que á cú ligação liberal chamam os partidarios da Republica, não se esquecem, ainda mesmo em crise de desespero, de apresentar-se

ao Rei — como as unicas e verdadeiras pilulas de familia... perdão! como os unicos sustentaculos do throno. E' dos livros pórcos da Politica furta-côres! Mas, aqui temos nós um elemento de conservação para um governo — elemento mais valioso que a confiança da corôa, a indifferença do paiz e o respeito: — é a quintessencia do cynismo e da inepcia da opposição!

OS RAPAZES !

——

Ora, os rapazes ! A' primeira vista somnolenta, não se furta a gente a concordar em que os estudantes, coisas e tal, «realmente abusam !» Mas, pae das nossas almas ! quem é que no decorrer de todo um anno, fóra do Carnaval, não abusa da paeiencia do proximo ? E quem é que nos protege durante os onze mezes pacatos contra as obnoxias tropelias dos nossos concidadãos ? Alli temos nós o lojista Paschoal, todo encanzinado e a protestar junto aos jornaes e á policia, contra os estudantes, que lhe espantam a freguezia. Pois, senhores, durante todo o anno do Senhor, o Paschoal abusa da ingenuidade ou da relaxação dos freguezes, im-

pingindo-lhes queijo de batata, assucar de gêsso e de tremoços, manteiga de sebo Thereza, nozes podres como a consciencia d'um ladrão e vinho amargo como os ciumes d'um velho. E dos jornaes e da policia zomba o Paschoal — e não o faz por brincadeira, que já não se mette em folias o homem sério!

*

Não ha quem nos proteja contre o Paschoal, nem contra a lingua venenosa da senhora vizinha que todo o anno me diffama sériamente e que sobre os protestos da sua gazeta conspicua contra as «brincadeiras dos rapazes,» berra e barafusta contra a pouca-vergonha de taes «abusos.» E a tal gazeta, que execra e fulmina os desmandos da Mocidade, esquece-se de que muito a sério emporcalhou os lares domesticos, levando-lhes a narrativa minuciosa dos casos dos *invertidos*, — e o bréjeiro é o *Pimpao*, já se deixa vêr! E o litterato que não sabe Portuguez abusou da credulidade das massas e empeçonhou-lhes o entendimento, com a lingua

bunda. E o advogado e o procurador abusaram do demandista, esfolando o; e o medico ignorante abusou do enfermo — cortando-lhe o fio da preciosa existencia; e os *cu-ligados* da Politica abusaram do riso publico, escorchando e escornando o *dogma* com as patas e os chavelhos da *disciplina;* e o homem do «prégo» espremeu até ao sangue a têta do abuso — quando arrebatou ao proletario o ultimo cobertor, a vinte e quatro por cento sobre doze vintens, e lhe falou, ainda por cima, de direitos civicos!

*

Ora, em boa verdade, estar um pobre rapaz entre os quinze e os vinte e cinco annos, — a deliciosa quadra em que se é amado sem segundo sentido, e em que o vinho sabe a uva e o sol aquece e não perturba, nem escalda nunca: estar o bravo rapaz durante onze mezes de um anno a reservar para a idade madura os gozos da vida — a satisfação do apetite para quando não tiver dentes, nem paladar, nem estomago! — todo apoquentado sobre os compendios

dios e sob os pedantismos dos educadores, apavorado pela chamada á lição, pelo exame, pela collocação na vida, pelas responsabilidades futuras: e porque, durante o mez da folia se diverte e applica duas gebadas a um tyrannete ou a um explorador sisudo, ou prende um rabo a uma besbelhoteira, — levantar-se, por taes motivos, uma berrata de hypochritas, pedindo contra aquella mocidade rigores policiaes e leis de excepção — é o que póde haver mais repugnante e mais digno de rabos nas orelhas dos berradores! Olhem lá o Mathias dos oculos, que passa o anno a dar cóices na familia, e que todo se enfurece porque um estudante lhe molhou o cachaço da sopeira, — cachaço que apanhou agua pela primeira vez! E a D. Brites, que é o escandalo da travessa — não lhes digo mais nada! — a vociferar contra os rapazes que puzeram uns chavelhos fingidos no seu infeliz esposo! Já viram uma pepineira assim?

*

Supprimir o divertimento dos rapazes! Cortar

os *excessos* da sua alegria! Eu me confesso, meus amigos: o pequenino Marius faz ordinariamente tal bulha na casa que habitamos — elle, eu e a familia d'elle, — que, obrigado eu a trabalhar em relativo socego, saio de casa e vou encerrar-me n'uma redacção, ou na Bibliotheca — porque não posso trabalhar com tal ruido. Offerecem-me os paes do innocente moderar-lhe as expansões, e eu recuso obstinadamente: seria o mesmo que amarrar o bico de uma avesita, para a impedir de cantar!...

Ora, a respeitavel Sociedade a querer a Mocidade circumspecta! Só esta me faria rir!

A TAL COISA

——

Quando ha dias regressou de Londres a Paris, em virtude da amnistia, o jornalista Rochefort, apresentou elle, como fructo das meditações no exilio, o seguinte parecer que para o correspondente do *Seculo* em Paris constituiu novidade aproveitavel pelos espiritos na nossa terra: — Que pódem considerar-se perdidas todas as aspirações, ou tentativas revolucionarias que não tiverem em vista a questão social.» Esta novidade já fizera as delicias meditativas dos gentios Papeis da Guiné, ao tempo em que o velho panphletario a enfrascava em Londres, para delumbrar os ingenuos de arribação á capital franceza. Cá em casa é tão velha,

como materia de exportação, que os rancores dos revolucionarios opportunos e dos conservadores que se lhes cú-ligam trombeteiam-me á entrada da travessa, qual mosquitada bravia ; — mas não férram, acho eu que em attenção misericordiosa á minha velhice antecipada e aos meus achaques correlativos. Clemente bicharia!

*

Não estou hoje para casos do alto. Não insistirei em dizer-vos, sobre mil e uma vezes, que o Povo propriamente dicto, — como lhe chamaria o Encravado, — o Povo que não vae a comicios, a não ser para a troça, e que não vae á urna por motivo algum, não só não acceita dos agitadores politicos a ideia revolucionaria que não se prende vigorosamente á questão social, mas principiou de ha muito — entre nós, que é o mais que se póde — a desprender-se de toda a ideia revolucionaria que trouxer o carimbo da Politica. Já não acceita cú-ligações, nem propositos descú-ligados de vida nova, pois que *bem sente* que não ha vida possivel, em commum,

da sua miseria com os interesses dos *systemas* — desde a Monarchia absoluta, até á Republica radical, passando pela Monarchia democratica e pela Republica conservadora. Os Miseraveis não teem nada com isso!

*

E afinal, cá estou eu a insistir, pela milessima segunda vez; mas a culpa é alli do Rochefort. A minha ideia de hoje, ao principiar estas divagações era a de falar-vos de um funccionario que, no anno de graça do Senhor e da miseria de Portugal, se está lambendo com 18 contos por anno, — *cincoenta mil réis por dia, ó Rôtos!* — sem que se levantem contra o attentado os brios das cú-ligações, com *prégo* e tudo! Mas, emfim, cá vim dar a Roma, pelo caminho de Moçambique. E' da letra dos *Lazaristas*.

Vão, a esta hora, a caminho do Brazil centenares de familias, e o registro da sua partida traz-me a visão do tristissimo éxodo em que ha uns quinze annos eu tomei parte, quando me fui ao Brazil, porque, em Portugal, para mim,

não chegava o pão. Horrorosas lagrimas as dos expulsos da Patria pelo Egoismo dos irmãos em Christo!... Mas ha tambem os malditos dos homens, que se vinculam á terra-berço, pelos enternecimentos da fraqueza: esses ahi andam a empenhar os boisitos da lavoura, para pagarem os desoito contos... perdão! para pagarem ao fisco; ou, mais instruidos, nas cidades, a saborearem, á falta de pão, os preceitos da Virtude pelo jornalista amigo. Decididamente, se não péga de estaca a alliança da Egreja com a Sociedade Burgueza — que a guerreia ha um seculo e que *esclareceu* com sua troça o espirito das multidões, — não vejo meio de triumphar a solerte orientação do Rochefort: *o encôsto á questão social!*

CAUTELLA!

——

EXULTA alli um jornal opposicionista, com a esperança de que o actual governo sossobre, a impulsos de conspiração no paço. E' bom que a gente se entenda. Já lá disse o Paulo Luiz Courier: — «Á la guerre c'est une cour qui a perdu Bonaparte, tout Bonaparte qu'il était.» Queria dizer o padre-mestre dos Pamphletos — que nem o genio napoleonico vingara equilibrar-se em plena intriga dos palacianos. Ignoro qual seja a cotação dos intrigantes de agora, do paço das Necessidades, no juizo do chefe do estado; mas, *projectos patrioticos* de tal origem, deleitosos para os famintos do poder

— os da dança dos cú-ligados, — devem ser registrados pelo povo como trabalho de uma cáfila sinistra que em toda a nossa Historia empeçonhou e apodreceu todas as boas intenções que porventura germinaram no alto. Ingratidões, abusos, maus desfallecimentos, inspirações malevolas de uns trinta monarchas portuguezes — foi tudo obra das camarilhas. Tudo! E' de simples revisão de chronicas a facil demonstração do que ahi vos digo!

*

Não ha ponderar se este ou aquelle governo merece que contra elle advirtam (!) o soberano. Desde a hora em que uma *intriga do paço* se agita contra esse governo, o primeiro dever em toda a linha — exceptuando as abertas dos *collaboradores* — consiste em acautellar-se. Intrigam, os taes, — e porque? Que especie de interesses em aberto lhes contraria esse governo? Que nova suja marosca lhes embargam os que estão no poder? Que monstruosas *luvas* recebem os intrigantes? Quem é que lhes promette essas

luvas cortadas na nossa pelle ? Que problema social tratam de resolver taes seresmas ? Como ha ahi quem das fontes do escandalo espere rebentos de dedicação civica ? E que especie de auctoridade vem a ser a dos patriotas que esperam obra de luz e de redempção d'aquellas toupeiras — as dos sexos todos ? !

*

Cautella ! Contar com aquillo, sem precauções desinfectantes, é merecer as ultimas vergonhas : a troça dos vazios de entendimento e de honra ! Atravessamos uma triste hora, e é preciso que, ao menos na quéda, se é inevitavel, nos não deshonremos, acceitando logares de comparsas nas mascaradas funebres ! Cautella ! Do Parlamento esperou o paiz—o que ainda vinculava á Politica as suas esperanças — o que era ainda possivel em salvação. Viu se o que ihe deu o Parlamento. Deveu o paiz á rotação costitucional a sua quéda, e os extra-partidarios só revelaram pedantismo e incapacidade. Fechado o Parlamento, prin-

cipiou a acção da Dictadura, e aos seus actos de energia e ás suas transigencias e ás suas hezitações, hade-se fazer inteira justiça — quando voltar o Parlamento, ou quando voltarem *os outros*. Os decretos dictatoriaes já conhecidos não vingam resuscitar esperanças do publico? Talvez. O remendo novo em panno velho tem dezenove seculos de condemnado, e este panno está pôdre e é toda uma civilisação! Mas de quem é que se espera a obra reconstituinte e reformadora, energica e sem hezitações? E' d'uma intriga no paço? E se o rei é suspeito de cegueira, alli pelos do José Luciano, esperam elles que uma camarilha o illumine?!

*

Esperam, decerto... Eu lembro-me de por ahi ter lido que, n'um dos famigerados comicios, um orador republicano dissera, explicando a cúligação,—que não se tratava então de Republica, mas da Liberdade. Era tambem a opinião do prior da Lapa, e os abbades do Minho, solicitados, não chegaram a emittir seu juizo, o que foi

pena. Pois bem, não se trata *agora* de systemas: trata-se de combinar o juizo com a vergonha: de impedir que nos cômam uns politicos depravados que foram pedir aos corredores do paço a collaboração que não encontraram no povo, nem nos republicanos precavidos!

ACHAQUES

ENTRE os que opprimem a bella raça luzitana, avulta a Puerilidade, como quem diz: a Creancice nos taludos. Sinto que me tórno apprehensivo, sempre que assisto a demonstrações d'essa candura rheumatica dos meus contemporaneos. Agora se deu o caso de adoecer o Zorrilha — provavelmente nostalgico — e d'ahi a dias a Regente de Hespanha, diz-se que de sarampo. Foi quanto bastou ás expansões da *bôlha!* A doença do chefe republicano retardou o advento da Republica, pelo menos, meio seculo tezo: foi o juizo critico de todas as sopeiras da Politica nacional. E, mudadas á fecha-

dura as guardas pelo sarampo da Christina, estabeleceram as alludidas sopeiras — que a mulher morre e que a Republica está por quinze dias. Foi mesmo n'esta convicção que o Guedes do talho, grato para a vida e para a morte a um ministro que lhe fizera um favor, rompeu immediatamente relações com tal ministro. Que a Republica não lhe levaria a bem a «falta de sentimentos!» O Guedes é pueril, mas bom cação!

*

Devem ter notado a *facilidade* de croia matriculada, com que os meus Lusos acceitam n'um «arraial» politico a adhesão de qualquer adventicio disposto a cú-ligações de momento. Já antes de virem ao mundo os cú-ligados dos cú-micios, o José Dias dos Carapaus adherira — salvador extraordinario — aos partidos que durante vinte annos e pico lhe serviram de alvo aos projectis, no «pim-pam-pum» parlamentar. Adheriu, ao pedir-lhes o seu apoio; e antes que os partidos lhe déssem com a tabua no deposito das ideias sal-

vadoras, a candura dos Lusos teve ensejo de applaudir, em enchentes de gozo e de esperança, as bellezas da confraternisação !

*

Não lhes falo do Fuschini — porque me faria chorar, em reacção do meu espirito contra as minhas barrigadas de bom riso. Mas, ha aqui um novo encanto : é o jornal portuense conhecido por *o orgão dos manos Arroyos* a sair-se com estas delicias da Reboleira :

«Queremos que vigore a Carta Constitucional e que sejam respeitadas as instituições do paiz por todos, governados e governantes. Queremos que não se persiga ninguem por motivos futeis, que se não armem obstaculos á manifestação do pensamento, que se não fulminem ameaças vãs que acabam por desprestigiar os que as fazem e não executam. Queremos que não se exerça o governo pessoal, porquanto exigimos no governo, tanto como nos partidos, a mesma obrigação de se sacrificar pelo bem do paiz, começando por

executar e respeitar todas as suas leis fundamentaes, e colhendo ahi a auctoridade, sem a qual não está habilitado a exigir sacrificios aos outros.»

Uma simples interrogação inoffensiva traduziu para logo o meu pensamento : — «Que mais quer *elle?*» Observancia da Carta, tolerancia, sacrificio e abnegação do alto — é um conjuncto magestoso de aspirações civicas e moraes ; não é porém crivel que o Arroyo despejasse o fundo do saco. E' capaz, o diabo do homem, de querer, *tamém*, a Republica, una, indivisivel e conservadora, — como a sonhára o Lopo Vaz...

E emquanto eu esmiuçava as pretensões do varão, eram de vêr as expansões dos Lusos : — «Ainda ha gente sincera ! — Aquelle é homem de sacrificio ! — E quem tal diria ? ! — Bem se vê que e do Norte, região das virtudes antigas!» E o orgão do Prior da Lapa — esse brigão de ultima hora — commentava arguto e satanico : — «Não se ouve senão maldições contra o execravel governo, o atroz e odioso governo !» A feira da Agonia, meus amores !

Eis que *de sùpeto*, como diz a minha lavadeira,

a tia Gertrudes, salta-me d'alli a *Vanguarda*, e responde assim á minha interrogação *(Que mais quer elle?)*

—«Quer ser vogal do Supreme Tribunal Administrativo, e por isso *quer* as outras coisas.»

E ahi está porque eu vivo sósinho. Perdi a candura em paiz de crentes! Uma entidade phantastica — como o outro que perdeu a sombra!

TOMEM NOTA!

Uma coisa sensibilisadora — mesmo assim! — é a cú-ligação magna que se vae esboçando a traços largos na interessante sociedade dos nossos dias: cú-ligação que deixa a perder de vista as ridentes pataratices dos cú-ligados contra a Dictadura. Refiro-me á que resulta da harmonia dos interesses da Burguezia com os interesses da Egreja. Não ha conveniencia da classe dominadora n'este seculo que não obtenha a esta hora approvação — em encyclica, ou em escabeche, ou em frituras. Pela sua parte, quer a Egreja mais um dia santo: marque-se mais uma á preta! E um centenariosinho reli-

gioso apanha commissões em todas as travessas d'uma cidade prompta a converter-se em pia!

*

Sabbado passado, procurou-me na Bibliotheca, — onde eu consultava agiologios, cá para uma coisa, — o velho philosopho Tiberio. Queria novidades politicas, pois que não se fia nas gazetas — diz elle, e accrescenta, para o fim de lisonjear-me: — Eu acreditaria no que v. escreve, se pudesse perceber uma coisa.

— Qual é a coisa?

— Quando é que v. fala sério: quero dizer, *escreve* com seriedade.

Explico-lhe: que eu *falo*, ou escrevo sempre *sério*, mas que ás vezes me succede *pensar* menos sériamente. Outras vezes penso a sério e *sinto* o contrario da gravidade. Tiberio julga isto uma troça, e renuncia a fazer obra pelo que eu escrevo. E por isso me procurou, no sabbado.

Puz de parte, com o devido respeito uma historia de Santa Iria, que hade agitar os animos

calaceiros, e entrei no assumpto grato ao philosopho amigo.

— Quer pois v. saber o que ahi vem, nos dominios da politica nacional? Eu supponho que que a nossa caranguejola tem de acompanhar o cortejo da civilisação fim de seculo. Ora, a minha opinião, que é a da minha creada Elisa, — boa rapariga das Caldas, pouco falladora porque lhe tarda a falla, e muito reflexiva porque falla pouco, — a nossa opinião é que atraz do actual governo vem coisa de arripiar um caréca.

— ?!

— Vem um governo ca-tho-li-co. Já o Nuncio, você reparou decerto, dá sentenças e ordens, como em sua casa, e regula o procedimento dos bispos e das gazetas, e parece, pelos modos, que está no uso de um direito que lhe foi concedido por accordo secreto, derivado a official accordo. Olhe v., não lhe escape, para a agitação dos diversos Barros Gomes; combine a importancia ganha dia a dia por essa gente, com o descredito dos do José Luciano, — que continuam cúligados como o *Joli* e a *Ditosa*, para gaudio dos padeiros e das varinas. Quem fica á vez, pela

encravação d'esses perdidinhos? O José Dias? Morto como os carapaus para o gato, os que a Elisa guisou esta manhã! E vá lá organisar um bom ministerio de nephelibatas sobre as ricas tradicções dos que Deus lá tem! Logo, philosopho amigo, só fica uma hypothese ca tho-li-cis-si-ma!

— Isso não póde ser!

— Tambem me disse a Elisa — que não podia ser. Mas eu objectei-lhe, convencendo-a, que um tal facto está na corrente redemptora da civilisação. Veja bem: ha um seculo que a Burguezia diz aos do Quarto Estado — que não ha Deus, nem vida futura, e que «a coisa é cá n'este mundo.» Ora, o que esqueceu á Burguezia foi suavisar a vida dos Proletarios, por modo que elles náó se revoltassem contra a falta da Protecção Divina. Imperdoavel esquecimento, Tiberie amigo! O Quarto Estado, sem Deus, sem esperança de melhor vida futura e mal collocado na presente, principiou a olhar por si — occupando-se, implicitamente, dos seus modernos senhores. Que diabo hãode fazer os senhores, atarantados pelos fructos da rica semen-

teira ? E' claro que chamam a Egreja em seu auxilio, a vêr se ella restitue aos Rôtos as crenças religiosas — que a Burguezia lhes arrancou. E a Egreja, que é mãe misericordiosa, arranja um socialismo catholico que é mesmo uma invenção de chupeta — e que á Burguezia se afigura a salvação. Você percebeu, Tiberio amigo?!

— Percebi que se a Burguezia não fôr devorada pelos Rôtos é tasquinhada pelo Catholicismo.

— Tóque n'estes ossos, Tiberio ! E deixe correr, que só se perdem, na baralha, as que cairem no chão !

DESGRAÇAS

TOUTES DISPUTES SONT GRAMMAIRIENNES — dizia o Montaigne, á moda do seu tempo. Vinha a sustentar o moralista — que tudo é questão de relatividade n'esta vida. N'estas circumstancias, succede que o marquez de Franco é tão desgraçado como a velha faminta a quem recusa esmola insusceptivel de estardalhaço moralisador. A velha soffre as amarguras da sua miseria, géme o philantropo as privações da admiração publica. Dois desgraçados!

E, no mesmo caso, o prior da Lapa é um infeliz, pelo motivo que a dentro do meu ser moral mette jubilos satanicos: os ridentissimos desastres dos cú-ligados. Como padre-galopim,

o bom prior, almeja a victoria da hypochrisia — a dos escribas e dos phariseus; como sectario incorrigivel do *Pão-pão, queijo-queijo*, regalo-me com os desastres da velhacaria. E assim vamos na travessia do carnaval funebre!

*

Aqui temos nós um homem que faz consistir a sua desgraça n'um facto que é para o encolher d'hombros dos homens importantes e que, a mim, me impressiona como pretexto para a revelação de uma alma boa. Foi ha quatro dias que, conversando eu na Avenida com o Rosalino Candido, — meu velho amigo e camarada, renegado por muitos iguaes e por subalternos seus em intelligencia e em virtudes, — me disse aquelle pensador o que vae ser lido:

*

— Tenho notado que v. gósta de verdura.

— Gósto, — em alface, especialmente. Eu sou de Lisboa, da freguezia de Santa Isabel.

(Isto é manhosamente remmettido á Historia).

— Não digo isso, — volveu o philosopho, sorridente. Quero eu dizer que, visto eu encontral-o amiudadas vezes em sitios arborisados ajardinados, com ar de quem gosa as maravilhas da vegetação, supponho que você é amador.

— De vegetaes? Muitissimo! Creio que é a nostalgia de um mundo em que eu fui herbivoro, ou pastor de lanigeros e de caprinos, e jardineiro — nos intervallos. Só na Terra, onde nos encontramos me succedeu *relacionar-me* com os focinhos e as orelheiras; mas não sympathiso com os cérdos: de modo que, ás minhas horas disponiveis, mato o vicio das saudades — na contemplação das arvores e das flôres. E tenho observado, entre as raras coisas que eu observo, este caso infallivel: — Que não é de todo mau o individuo que se compraz em similhante distracção. Por via de regra, são almas ulceradas as dos *amadores:* pois, meu amigo, acho eu que se adoçam entre estas innocencias do bom Deus...

*

— Ora, ahi é que está o ponto ! bradou-me o philosopho n'um estado de irritação que é n'elle vulgar sempre que lhe surge maroteira. — Ahi justamente (continuou, exaltando-se) é que me dóe ! Eu não sei se você tem ido ultimamente ao Passeio da Estrella. Não ? Pois, senhor e amigo meu, vá vêr, que tem alli assumpto para amaldiçoar a enorme estupidez humana ! Imagine você que teem derrubado arvores, arrazado as moitas, terraplenado, e semeado relva. Dizem que é *á ingleza* aquella merenda para burros ! Ora, você sabe que a Inglaterra semeia relva em milhas e milhas de terreno apropriado pela natureza e pela arte ; mas não ha ideia de os inglezes destruirem arvoredos, supprimirem moitas floridas, espatifarem parques -- para semearem relva. E é por toda a parte a ostentação de *jardins* tosquiados : veja você a praça da Alegria e veja o velho jardim de S. Pedro de Alcantara. Até cheiram a sabonete ! Uma profanação ! E os passarinhos já não teem onde cantem, nem onde se abriguem !...

*

Mais disse o meu velho amigo, na corrente de suas armarguras, mas não poderia achar coisa que mais me impressionasse do que o attentado contra os innocentes alados. Pondo de parte o espirito destruidor dos *fabricantes de relva*, acho que as avesinhas santas estão pagando as culpas dos passaros bisnaus, mais ou menos cúligados e com raizes no Banco Hypothecario e outros pontos escuros. Calou-se o poeta Vidal, que as cantava deliciosamente; depois, deram as mercearias em expôl-as mortas, para arrozadas, entre o polvo secco e o atum de salmoira, e á ultima hora a civilisação municipal destroe-lhes os poleiros e os abrigos, em homenagem á *merenda para burros*. E' o fim de seculo, a liquidar n'uma cú-ligação de imbecis!

SEGUNDA SÉRIE

25 de Março a 30 de Junho de 1895

THEORIAS

QUE TUDO SE PAGA N'ESTE MUNDO é correntio entre bons crentes na Bemaventurança e entre todos os sujeitos que não crêem n'ella. Eu, que vou trepando á Sabedoria e que, portanto, cada vez tenho mais duvidas, não lhes direi se entre os crentes em filho, ou se entre os outros; nem se trata d'isso. O que eu hoje lhes digo é «que tudo se paga n'este mundo,» mas não por uns processos consentaneos ao commum entendimento e ás leis da escripturação commercial. E' como eu tenho observado e vou dizer-vos.

*

Pelo ordinario, todo o meu dó se concentra

nas creanças — quando vejo o soffrimento a contas com as diversas idades. Porque são debeis? Porque soffrem mais? Não. O soffrimento está, ordinariamente, nos seus ataques, em proporção com as forças da sua victima. Se eu, especialmente e quasi exclusivamente, me condôo das creanças, é porque ellas ainda não justificaram por maroteiras as tropelias do seu destino. Se é um homem quem eu vejo causticado, eu pondero friamente ao meu coração abelhudo e em ponto de rebuçado — que o tal sujeito deve estar expiando varias poucas vergonhas que arranjou durante a vida, ou, pelo menos sua velhacada que os outros homens desconheceram, — quem a não fez, meus filhos?! — e que não escapou á Providencia. A deslealdade nos contractos, o abuso da amizade, a inconfidencia de má sorte, a dureza para com a familia, o egoismo em frente das dôres alheias, a ingratidão que ulcerou outras almas: *tudo isto se paga n'este mundo*, e assim o penso, para meu socego relativo, quando vejo o meu proximo entalado na engrenagem da Desventura. Por defeito de organisação, tenho-me regalado de esfolar os

dedos, auxiliando os esforços de algumas creaturas por se desentalarem ; mas alfim me sinto elucidado. Póde ser que eu continue, — *mas não me enganam.*

Claro que em mim se dá com a Mulher no seu crepusculo, a solicitar pão ou piscadella d'olho, o mesmo caso de ponderações sisudas do meu espirito pratico ao meu coração que se escagarrinha. Olho para as rugas da sujeita, para os olhos que perderam o brilho, para as faltas na dentadura, — e penso que terá feito derramar lagrimas aquella mendiga de pão ou de carinhos, aquella que ha trinta annos foi desleal e a dentro de um nobre coração levou peçonha para uma vida inteira...

Só as creanças me dispensam de taes ponderações amargas, pois que não teem passado que justifique as suas dôres de hoje. O infortunio de uma creança tóca a rebate na minha alma, chamando a colera toda, e eu considero resgatado de todos os delictos um pae, ou uma mãe, que um dia pediu pão para um filhito, ou chorou sobre a creança enferma.

*

Tudo se paga n'este mundo... Tenho levado horas, quando descanço do meu trabalho, a recordar-me de uns que eu vi soffrer e do que elles haviam feito para justificação do martyrio. E' pavoroso de *exactidão* — como tudo se ajusta! Oiço um leitor que me diz: — «Conheci muitos malvados que morreram impunes e felizes.» E' que os não conheceu. Ainda não vi alma criminosa, inacessivel ao remorso dilacerante, que não seja ao fim profundamente ferida n'um affecto, ou n'um interesse que represente uma paixão. E o egoista placido e flacido, alheio a paixões e a interesses — admittamos essa phantasia, — tem o physico hypothecado ao Destino. Está seguro.

Alguns homens que taes lições aproveitam sentem-se dispensados de uma parte violenta da sua tarefa: a de ajustarem as suas contas com perversos que lhes seringaram a vida. Os acontecimentos produzem-se hoje tão rapida e inesperadamente que o mesmo é vêr no *carnet* janota uns estuporinhos do *flirt* e da alta rapio-

queira e subitamente a noticia de estenderetes, fugas, um inferno! E de mãos na cabeça, perguntam pessoas graves: — Como se explica «tão lamentavel acontecimento?» — E' que *tudo se paga n'este mundo.* — Mas, tudo que? Que fizeram elles? — Pouco: escandalisaram e perverteram, pela ostentação requintada e cynica da sua pagodeira dourada; deram aos fracos de coração a ideia de que *tudo isto é d'elles* — dos taes, dos do pagode; mascararam aos olhos dos crentes a intervenção da Moral; enxovalharam os pobres e os que, pobres ou não, vivem com dignidade. Onde esperavam os meus amigos que *elles* pagassem? Na Eternidade? Queriam agora que no tribunal do Eterno se discutisse o *flirt* e os escandalos correlativos? E porque não os prazeres de Lesbos? *Tudo se paga n'este mundo.*

*

... Mas, que não resulte das minhas palavras a suspeita de que o Destino salda as contas de cada um. Saldemol-as nós, — que podem estar erradas as Theorias!

OS PRETOS E OS OUTROS

Em fallar do admiravel livro *A Africa para os Africanos*, que um preto da Liberia publicou ha tempo e que eu ouvi citar, com a admiração devida, pelo sr. conselheiro Antonio Ennes, — sem indicar os estreitos vinculos que prendem a doutrina d'esse livro aos brados dos cafres de Moçambique, quando ha dias atacavam as nossas tropas: — «Vão-se embora, que estas terras não são suas!» — sem penetrar, por esta vez, nos escuros desvãos onde se alaparda o direito dos Europeus á *exploração* do continente negro, — deixem-me dizer-lhes que, pelo menos, em compensação das explorações

impostas a Africanos, ou a Asiaticos, tem por costume a pratica Inglaterra desenvolver a magnificencia da hospitalidade, quando um dos seus amigos, ou alliados, ou vassallos, de alguma d'aquellas *especies*, acerta em visitar o solo bretão, onde florescem os de Whitechapel e os de Regent-Street. Por tal modo affirma a Inglaterra aos olhos dos incultos impressionaveis a sua grandeza, e assim os captiva duplamente : no espirito deslumbrado e no coração agradecido.

*

Ora, a mim me parece que não é principalmente a falta de dinheiro que nos colloca *um tanto* abaixo da Inglaterra ; mas sim a falta de miolos. Isto é velho, mas ha sempre quem entre nós — officialmente — se incumba de o tornar muito novo. Ahi tivemos agora de visita o rei D. Alvaro, do Congo. Chega doente o nosso amigo africano, com a sua comitiva, e eis que a sensata generosidade official o encafúa no hospital de marinha — o que em circumstancias vulgares é rasoavel, mas que é idiota nas circums-

tancias em questão. A mesmissima generosa sensatez lhe estabelece dez tostões por dia — para extravagancias, e, salvo uma audiencia particular que o chefe do estado concedeu, não vejo odyssêa, assim patusca, como a d'esse rei — atravez da magnanimidade do Portugal amigo. Em S. Carlos o mettem na friza policial e, ao que vejo no *Diario Popular*, fazem-lhe troça os janotas — naturalmente os espiritos criticos que um dia desejaram demolir o *Bezerro de Ouro* em recita especial: finos espiritos! Depois, n'um restaurante barato, se lhe offerece um banquete de bacalhau com batatas e carne assada — qual o dos presos do Limoeiro em dia de festa, — e foi de espantar que a Cozinha Economica dos Anjos, ou a dos Prazeres, não se regalasse com a escolha primorosa. Não caiu no banquete o rei D. Alvaro, mas lá foi a sua comitiva, na qual existia um tenente do exercito portuguez, sendo alli representado e paiz official por um sargento enfermeiro do hospital da marinha. Portugal representado por um enfermeiro: está menos mal!

*

Lá se foram os Pretos, e eu não sei o que de nós pensam : da nossa grandeza, da nossa hospitalidade e das nossas disposições para com a raça africana. O reporter do *Seculo* apenas nos informa do que dois d'elles pensavam, ou antes — do que diziam ácerca do bacalhau do banquete. Parece que nada disseram das batatas,— mas não se trata do tuberculo : o que importa é deixarmos bem assente que a falta de delicadeza para com tal hospede correu parelhas com a insensatez. Eu disse lhes acima — que usa a Inglaterra affirmar, por meio da hospitalidade magnifica, a sua grandeza e o seu prestigio aos olhos e ao coração dos seus hospedes em circumstancias identicas ao do que ahi tivemos. Pensam os inglezes que é boa politica ; em Portugal pensa-se que é inutil. Entra os dois paizes delibera e resolve o Destino.

Talvez me digam que a hospedagem do rei Congolez no hotel Central, que um jantar no paço, em sua honra, e a collocação de um official superior ás suas ordens, durante a sua per-

manencia em Lisboa, e um camarote nos principaes theatros — não a frisa da policia — á sua disposição, e, por fim, uma guarda de honra com sua musica, a acompanhal-o á partida : que todas essas honrarias viriam destoar do acolhimento obtido em Lisboa pelos nossos expedicionarios enfermos. N'esse ponto, só me resta o silencio e... já não escrevo mais ; faço desenhos !

O VELHO THEMA

Não se trata do que floresce no theatro das Donas Marias; mas sim do que além fenece na travessa da desesperada Espera, — onde o prior da Lapa assume responsabilidades, como um pimpão. A' similhança dos corações amorudos, que tanto mais se agarram ao objecto da sua paixão quanto mais chinelladas apanham na rabadilha do seu affectó, aquelles rebentões da Anadia todos se esfalfam e esgotam de puro amor pelas instituições, que os descobrem, e pelo rei — que lhes flagella o descoberto.

Em tal estado afflictivo, eis que perdem a cabeça os cú-ligados — os que berimbauseiam a Maria da Fonte, — e não perdem grande coisa.

Em taes condições, de descabeçados, eis o que elles produzem — como demonstração de juizo e de correcção, — como titulo ao pavor dos contrarios, á sympathia respeitosa do publico que não é burro e á affectuosa reconsideração do rei:

«Os ministros e os seus amigos espalham por toda a parte que é o rei quem os incita, quem os impelle no caminho de desatinos em que entraram, e que mais d'uma vez lhe tem dito que estão promptos a resignar o poder, se elle tem medo, ao que o joven soberano, levado dos seus brios cavalheirescos, responde sempre que por sua parte está disposto a todas as arremettidas contra a constituição e contra os que se revoltarem contra os actos do governo!

«Isto espalhou-se, repete-se, diz-se em differentes tons. Os ministros, no dizer de muitos, são victimas do auctoritarismo do soberano. E' elle quem deseja mostrar que não tem medo, que não recúa, que sabe medir-se com os perigos e está disposto a ir até ao fim.»

Tal dizem. E' do *Correio da Noite* de 25 do mez corrente.

*

Em litteraria cavaqueira, dizia me o Julio Cesar Machado — «que ao litterato respeitador do seu officio cumpria abster se de escrever coisas que n'uma sala não pudessem dignamente ser pronunciadas e ouvidas.» Era um ponto de vista apoquentador, porque era estreito e porque era curto. Guardasse-me o bom Deus dos torturados de uma disposição social que, no terreno da Sinceridade, me amarrasse os bicos da penna, em nome da Hypochrisia! Rasoavel me parece outra coisa: que ninguem possa, em lettra redonda, affirmar, sem uns dias de multa e custas, aleijões d'alma, que n'um collegio para educação de meninos seriam titulo á execração e ao desprezo dos rapazinhos.

*

— «Que os ministros e os seus amigos espalham por toda a parte que é o rei...» Claro que deve ser mentira; mas não ha documento mais réles de vergonhoso ecpirito de intriga!

Nem no collegio, entre os pequenitos; nem na casa de malta, entre os aguadeiros; nem no lupanar, entre as infelizes, se admittiria um tal processo de mexerico com todas as aggravantes que deshonram a traição, a grosseria e a deslealdade, porque estão muito abaixo de tudo isso. — Senhor Rei! Os ministros de V. M. andam por toda a parte a dizer que é V. M. quem manda: que V. M, é quem tem a culpa! Mande-os V. M. embora, que nós aqui estamos — para todo o serviço. E não nos olhe V. M. para as rugas da nossa Politica: de noite não se vê nada, com o pó d'arroz, e as carnes ainda estão rijas! Livre-se V. M. d'esses marotos que andam a espalhar invencionices!...

E' pataqueiral!

*

Tanto mais, que, volvidas quarenta e oito horas sobre a affirmação dos «brios do joven soberano» infamados «pelos ministros e pelos seus amigos,» sae da travessa da desesperada Espera esta berimbauseadella — a proposito de o Jacintho Nunes andar pelo Alemtejo a orga-

nisar a sua republica. E' no *Correio da Noite* de 27 :

«Como se vê, o rei tem toda a razão para considerar o epileptico do reino como o melhor esteio da monarchia.»

Agora, já não são os ministros, nem os seus amigos, quem lança sobre o rei as responsabilidades. Agora, são os furibundos — em sezão — quem accusa o chefe de estado de «considerar o ministro do reino o melhor esteio da monarchia» e de proceder em harmonia com tal consideração. E accrescentam os pobres de espirito : — «Cresce a onda !» Crescem duas ondas, mas não são essas que fingis sonhar — tristes ondas de papelão barato, para miserrimos barracões de feira ! São as ondas alterosas, espumantes, irresistiveis, do Desprezo agora, da Colera a breve praso, — que não escolherão partidos nem systemas... *Melhor fôra ao perverso não haver nascido !*

Nem no collegio, entre os pequenitos; nem na casa de malta, entre os aguadeiros; nem no lupanar, entre as infelizes, se admittiria um tal processo de mexerico com todas as aggravantes que deshonram a traição, a grosseria e a deslealdade, porque estão muito abaixo de tudo isso. — Senhor Rei! Os ministros de V. M. andam por toda a parte a dizer que é V. M. quem manda: que V. M, é quem tem a culpa! Mande-os V. M. embora, que nós aqui estamos — para todo o serviço. E não nos olhe V. M. para as rugas da nossa Politica: de noite não se vê nada, com o pó d'arroz, e as carnes ainda estão rijas! Livre-se V. M. d'esses marotos que andam a espalhar invencionices!...

E' pataqueira!!

*

Tanto mais, que, volvidas quarenta e oito horas sobre a affirmação dos «brios do joven soberano» infamados «pelos ministros e pelos seus amigos,» sae da travessa da desesperada Espera esta berimbauseadella — a proposito de o Jacintho Nunes andar pelo Alemtejo a orga-

nisar a sua republica. E' no *Correio da Noite* de 27 :

«Como se vê, o rei tem toda a razão para considerar o epileptico do reino como o melhor esteio da monarchia.»

Agora, já não são os ministros, nem os seus amigos, quem lança sobre o rei as responsabilidades. Agora, são os furibundos — em sezão — quem accusa o chefe de estado de «considerar o ministro do reino o melhor esteio da monarchia» e de proceder em harmonia com tal consideração. E accrescentam os pobres de espirito : — «Cresce a onda!» Crescem duas ondas, mas não são essas que fingis sonhar — tristes ondas de papelão barato, para miserrimos barracões de feira ! São as ondas alterosas, espumantes, irresistiveis, do Desprezo agora, da Colera a breve praso, — que não escolherão partidos nem systemas... *Melhor fôra ao perverso não haver nascido !*

NA BELLA POLITICA

Mentes de mais, vá este naco de prosa progressista, em acésso de furia, á conta da reforma eleitoral. E' no *Correia da Noite* de 1 de abril — dia fatidico para furias de cúligados!

«Estes miseraveis *(refere-se aos ministros)* sem crenças, sem patriotismo e sem nobrezas, vencidos por um egoismo torpe, renegaram todas as tradicções do partido que diziam representar, esfrangalharam a constituição que tinham jurado manter e cercearam uma a uma todas as liberdades, todas as regalias, mentindo assim ao programma hypochrita e desleal, que formularam ao subir ao poder, para captarem a opinião pu-

blica. Apresentaram-se ao rei como os seus melhores defensores; apossaram-se-lhe da vontade, lisongeando-lhe as inclinações e vaidades, e desde então correm á solta na estrada dos desatinos, guiados por um valentão de opereta, por um epileptico sem responsabilidade, sem talento e sem prestigio, cuja alta posição politica é o melhor symptoma da decadencia a que chegámos.»

Dizem, maravilhados, os supra-numerarios da cú-ligação — que essa prosa é do José Luciano, e eu não duvido. Pela declamação, pela injuria sem responsabilidade, — havia de ser commigo! — e pelos desatinos pataratas de taréco sem carapaus e sem ratos, estou reconhecendo o *João Lucio*, que do «Boletim da Torreira» se baldeou ao *Jornal do Porto*, com os dois ódres de todos os ridiculos. Vejam aquillo: o José Luciano, — o José Luciano: reparem bem! — accusa adversarios politicos de falta de patriotismo, de falta de crenças, de hypocrisia, de deslealdade para com o paiz e para com o rei (o Jose Luciano, o chefe progressistas: notem bem!), de irresponsabilidade, de falta de talento e de falta de prestigio, e vê na alta posição dos outros (o

José Luciano !) o melhor symptoma da decadencia a que chegámos !

E' o que eu digo : nem carapaus, nem ratos!

*

Ha no grutesco artigo a que eu me estou referindo mais um trechosinho dignissimo da attenção dos amadores : é aquelle em que o amigo *João Lucio* explica os actos dos dictadores — «pela inercia de um povo sem alentos e sem brio.» *Caveat Populus !* Lembraes-vos decerto de que algures vos contei o caso do Fontes precipitado do poder, porque não arranjou ao rei D. Luiz uns centenares de contos, e substituido pelo José Luciano — que os *achou* immediatamente... na bolsa do paiz. Estaes certos do enredo ? Pois, quando o illustre *João Lucio* tem ganas, pelo partido — que, por elle, dizem que está melhor na tripeça do Hypothecario, — quando sente as ganas partidarias de sair da encravação interminavel da desesperada Espera, e appella do rei para o povo, do povo para o rei e d'ambos para os accordos e d'estes para

as cú-ligações, e em toda a parte é corrido, — chama ao povo «inerte, sem alentos e sem brios»; ao rei — *caveat Rex!* — diz *que os ministros lhe lisonjeiam as vaidades;* dos accordos politicos, que só por troça lhe terão sido offerecidos, brada: — «Que nunca, pela bandeira dos Passos!» Ainda não diz mal da cú-ligação, porque tem esperanças, o pobre de espirito! São as que supuram n'estes dizeres pacovios: — «A revolução e a anarchia vem de cima; e quem se poderá admirar de que a essa venha a responder a revolução de baixo?» Mas se o povo está *inerte, sem brios e sem alentos,* como quer o pobre de Christo a revolução?!

*

É a deslealdade d'essa gente, combinada com a sua inepcia e com o ridiculo cynismo — de que dão prova artigos como aquelle: é esse pestifero sarapatel que torna justificaveis e até sympathicas as violencias de quem tira vermes do costado d'esses aventureiros! E não préguem a

«guerra santa», que provocam a rizota do «povo sem alentos» e põem nódoa nas ideias revolucionarias ! Esperem os acontecimentos, em paz, mas escondendo o esverdeado da dentuça e mettendo no sacco a viola ! Humildade ! Sejam capachos, como é sua indole, — mas sem veleidades de revolta, — e talvez a coisa se arranje !

MONÓLOGO

DISCUTE-SE, á falta de melhor, a conveniencia — ou pelo contrario — de publicar noticia dos suicidios, e parece estabelecer se que o melhor será não abrir bico sobre o tal sombrio assumpto e deixar os suicidas a contas com a obscuridade — até vêr. Ha mesmo um jornalista que receita uma tenacissima propaganda contra o obnoxio desvario. Tal propaganda póde ser de caroço, ou póde ser de pevide, em caldas, ou secca e coberta. A medicina de galão branco *tamém* collabora, chamando nomes aos delinquentes em suicidio; depois tratará de descobrir o curativo das constipações — um tanto abandonado desde Hypocrates até ao doutor Pepineira. Vae ser bonito!

*

Ors, a mim me quer parecer que não é o furor da publicidade para o «destempero da morte voluntaria» — a que o marido da Angelina das pernas gordas vae chamando uma «insigne covardia», — não é, digo, o ardente desejo de chamar para as suas miserias a attenção dos fajardos e das culatreiras o que impelle para a morte voluntaria os causticados da vida. Porque, emfim, temos de suppôr que, nas horas ou nos momentos de agonia moral que precedem um tal desfecho horas ou momentos determinados pela perda de um ente amado, pelas dores de uma molestia incuravel, pela intensidade da miseria irremediavel, ou pelo naufragio de uma reputação honesta, laboriosamente adquirida,— temos de suppôr que n'essa agonia do inferno a perspectiva das noticias do *caso*, — redigidas, demais a mais, como o Diabo é servido e nós sabemos, — não influe funestamente na deliberação do causticado. E antes, me atrevo a julgar que, se um homem em similhantes apuros pudesse ser sustido na existencia por conside-

rações de letra redonda, talvez a perspectiva das noticias, assim ferteis em inconveniencias que em asneiras, lhe embargasse o desesperado impulso. Eu, cá por mim, se tivesse tempo e cabeça e estomago, para pensar n'isso, talvez retrocedesse — *para me livrar das noticias.*

*

Mas, não ha duvida que na ordem dos papamoscas é admissivel a existencia de uns suggestionaveis pelo «exemplo» dos taes desfechos. Eu tive, em tempos, uma creada que, a proposito de haver quebrado de uma só vez dezeseis pratos — felizmente, de louça de Sacavem — e de haver sido avisada de que para a outra vez teria de pagar estragos similhantes, recolheu-se ao seu quarto, onde n'uma trave armou um laço de corda, dispondo-se ao bello enforcamento. Casualmente presentida, e *consolada por doces palavras*, foi d'ahi a dias, sob qualquer pretexto, posta no olho da rua, porque em materia de malucos bastam-me fóra do lar. E' claro que a tal Josepha, ou como se chamava a bebeda, fôra

inspirada — e ella o disse, emquanto a serenavam, — por diversos *casos* que tinha lido, de enforcamento em desaggravo de offensas; mas agora, pergunto eu aos meus botões — que diabo perde a Sociedade na falta de um imbecil que se mata por imitação, ou por suggestões palurdias?

*

Pelo que toca á suppressão das noticias e ao direito a supprimil-as, penso eu que é discutivel tal direito. Se afora, os suicidios resultantes de amarguras individuaes extraordinarias, avultam os *casos*, até ao ponto de assustar a condoída Sociedade em que vivemos, importa reconhecer as origens e causas da enormidade: e quer se tracte do aggravamento da miseria, quer alli se revele uma depressão da mentalidade n'uma grande parte das massas contemporaneas, temos reclamações da Estatistica — contra a suppressão das noticias. Faz-se hoje a Historia, faz-se a Chronica e faz-se a Legislação sobre a fragil base do registro jornalistico, e assim será, á falta de outra base. Pois que é

admissivel a ideia de que um gravissimo problema de ordem moral se derive d'aquella enchente de horrores, como hãode a Chronica e a Historia e a Legislação, dada a suppressão da publicidade, recolher, registrar, discutir e deliberar em busca da solução ?

Abafar taes *escandalos* é talvez de grande conveniencia, por que não se perturbe a ordem social, que manda crêr em que *vae tudo bem;* e é possivel que, em periodo de reacção devota, por igual sirvam ao regalo das boas almas — levando as á convicção de que não ha desesperados no mundo, nem revoltas da creatura contra a obra do Creador. Tenho ideia de, ha mezes a esta parte, vêr a suppressão das taes noticias preconisada por uma folha conservadora, janota e devota — sem offensa aos seus bonecos. Deume que scismar a insistencia, mas acho que está no seu programma o bom jornal que detesta o *escandalo.* E a propozito me occorre que a propaganda contra os suicidios poderá ser incluida, com seguro exito no programma das festas de Santo Antonio.

A vêr se lhe péga o Burnay, — esse cavalheiro!

AQUELLE TYPO!

No fim de contas, um espectaculo que me contrista: é que não ha meio de celebrar, por um cortejo, os meritos de um varão superiormente prestante, ou — por demonstrações posthumas de consideração — os dotes de um bomem illustre que terminou o seu fadario, sem que nos appareça *aquelle typo* — a encafuar-se, a empoleirar-se nos bicos dos pés, a estender o pescoço, a grasnar improvisos de mez e meio, a agarrar-se á casaca do festejado vivo, ou ao caixão do morto glorioso: parece que é elle o vivo! parece que é elle o morto

*

Quinze dias antes do cortejo, dizia-me *aquelle typo* — revoltado — que não se devia fazer similhante coisa! Não porque João de Deus o não merecesse, mas porque a commoção poderia damnificar-lhe a saude. Estava fulo *aquelle typo* — e já suppondes que não era pela saude do poeta, mas porque não via no cortejo um logar bem saliente e bem a geito para sua collocação. Mas não se lhe deu volta: o cortejo fez-se, foi festejado o poeta, e quando *aquelle typo* procurava «o seu logar» já o viu assaltado por *outro typo* — um que, á ultima hora, saiu *intimo* e que ha vinte e cinco annos, e d'ahi ás vesperas do cortejo, ninguem viu á beira do poeta.

Sebo!

*

Ácerca do morto glorioso de ha poucos dias, lembra-me que *aquelle typo* me disse, ha um mez, o mais que se póde contra a obra litteraria do escriptor enfermo. Não lhes dou traços da critica esverdeada, porque é bom que a gente

se respeite, — ao menos, profissionalmente. Pois senhores, morre o doente, vem o cortejo funebre e manifesta-se o jornalismo: *aquelle typo* não vê no transito, da habitação do finado ao cemiterio, pedras assaz elevadas, onde se encarapite, para dar nas vistas. Levou as horas da enfermidade do escriptor a denegrir-lhe o trabalho, e lá vae a pedir áquelle cadaver um subsidio em consideração! E o cadaver d'aquelle homem ainda produz calor para aquecer phocas desprezados pelo urso branco!

E aos jornaes vem *aquelle typo* a chamar *mestre* e a chamar *amigo* e a chamar *collega* ao que já não póde defender-se, nem póde ser defendido de taes aggravos — porque essa escorrencia da Hypochrisia réles está garantida pelas conveniencias!

*

Facilmente a gente se affasta *d'aquelle typo*: consiste o processo em affastar-se dos pontos onde a tres quartos se mostra o insignificante, de ridiculo immortal, a cortejar os importantes que vão passando. Olhem para *aquelle typo!* Não

tem hoje cortejo festivo o grande homem, nem cortejo funebre o morto illustre, nem se espera na *gare* a viajante afamada, nem ha jantar para divulgação dos convivas á admiração das Gouveias da minha travessa. Está reduzido a «sopa, vacca e arroz» do jantarinho do Grutesco. Elle ahi está no Chiado, á cóca das importancias! Assalta os directores geraes e caustica-os com monosyllabos — para que o publico admire a intimidade. Não agarra os minitros, porque vão de trem; nem os janotas do *Turf*, porque lhe não dão corda; fazem lhe, porém, conta uns noticiaristas do *Carnet mondain*, uns que acumulam chás e trêtas e que pódem proteger-lhe os versos idiotas e todos os ridiculos sem rima.

Não lhes dou o retrato physico *d'aquelle typo*. Não tem physico definido. E' como o Claques-sous dos *Miseraveis*. Só tira a mascara — de noite, quando a sós, no remanso da alcova, se contempla ao espelho, e, todas as noites, maravilhado, vê no espelho — um burro!

EM FESTA!

—

Está se me sahindo muito gaiteiro este bom paiz! Ha uns tempos a esta parte, que eu o vejo a ligar com as festas do Carnaval as da Semana Santa e a entretecer os vinculos que vão prender a Paschoa ao Centenario de de Santo Antonio — e continuar se-ha. Das festas ao Thaumaturgo nada vos digo, pois que emfim diz o Fidelio economista — «que é dinheiro que nos entra em casa», e bemvindo seja elle! Accresce que já uma gazeta exaltou o padre Franciscano como precursor da liberdade de pensamento; — n'este ponto de critica historica, deu-me a pensar que é tão certo como

serem o Luiz XIV e os seus dois successores,— o amigo da Dubarry e o marido de Maria Antonietta — precursores de Robespierre. Está direito, e mais uma vez vos digo, jubiloso, que linda coisa é o saber. Antonio de Bulhões precursor de Luthero é o que meus olhos teem de mais catita, depois da montra do Peixe — e do merquez de Pombal precursor da Republica!

*

Estabelecido que se festeja um benemerito do pensamento libertado e que taes festas serão impulso ao giro do commercio e das industrias, não vejo razão para nos esquivarmos á folia em homenagem ao Franciscano. Mas, aínda nos fica panno para mangas no espectaculo da pagodeira perpetua em que vivemos. Deixai-me cortar um naco de prosa do Marianno, por este pratico e sceptico exposa na montra do *Popular*, no festivo domingo de Paschoa. Diz o naco em questão:

«Varios espiritos atrabiliarios e merencorios murmuraram, porque, estando o paiz entrado

n'um anno de fome, a imprensa nos seus principaes artigos trate principalmente de assumptos alegres, taes como os feitos e gestos d'uma illustre escriptora franceza, o centenario de Santo Antonio, a primeira tourada no Campo Pequeno, os enfeites das confeitarias, mercearias, talhos e salchicheiros, etc. Mas são amarguras de maldizentes systematicos, porque se a arte de reger os povos consiste em dar-lhes pão e jogos, bem faz a imprensa que, confiando de Deus o cuidado do pão nosso quotidiano, o que é profundamente religioso, guarda para si a gloriosa faina dos *circenses.*»

Não sou eu só que reparo, — bem o tendes visto!

*

Que, emfim, lá o diz a tia Gertrudes, minha fiel lavadeira de ha oito annos e pico: — «que quem canta, seus males espanta.» Mas, n'uma ordem de observações escapas á tia Gertrudes, sei eu que as creanças e os timoratos cantam quando teem medo, ás escuras, ou em sitios solitarios. Teremos nós na alegria d'este bom

povo uma revelação de taes pavores da infancia, ou de fraqueza de animo? Cantam, cabriolam, fazem bulha, — *porque teem medo?* Effectivamente, ha perspectivas de mau gosto no destino das luzitanas gentes: faltas de juizo, faltas de energia, faltas de confiança nos recursos proprios e apenas uma esperança na Providencia — ora manifestada no discurso da corôa, ora nos artigos do Fuschini. Má situação!

Pessima situação, pois que se me afigura a Providencia muito farta de aturar a nossa gente e os seus saques sobre a protecção divina. Porque, emfim, deu-nos a Providencia o clima que vós vêdes; conservou-nos colonias de apetite, que seriam minas em poder de mórdomos correctos; aos governantes deu um povo que está por tudo; aos governados deu rasoavel comprehensão, — porque, este bom povo *entende as coisas:* olhem que lh'o digo eu! E de todas estas vantagens resulta, em frente da Providencia dadivosa, uma collectividade de afflictos, sem dinheiro e sem credito, de terrenos improductivos, de colonias estragadas e, em vez de *minas, — sorvedouros,* de governantes a expiarem nas

difficuldades d'esta hora patifarias de duas gerações, e de governados que se espulgam, que se coçam no cú e no coiro cabelludo, que tentam recordar-se da *Salve Rainha* e que cantám, cabriolam e fazem bulha, *porque teem medo* — acho que não é outra coisa.

*

A mim me quer parecer que a Providencia não acode. — «Trabalha, que eu te ajudarei!» são palavras atribuidas ao Creador. Não acho que façaes quanto cumpre no sentido de conquistar uma ajuda: isto vos digo com a auctoridade de quem aos quarenta e sete annos de vida — fil-os no domingo de Paschoa — espera o *descanço final*, para saber «o que é o descanço». Mas tambem vos digo que é de mau effeito, para as pessoas de fóra, essa folia permanente. Como processo de medrosos, ou como desorientação de malucos, é de supina indecencia!

E ASSIM VAE!

Um dia d'estes, espalhou se a noticia de que o *Peninsular* voltara atraz, com a expedição militar destinada a Moçambique, — trazendo avaria na machina. Para o fim de poupar aquelle transporte a algum desgosto de muito pezo e de grande fundo, determinou o ministro das armadas que se providenciasse por modo que um vapor contractado *ad hoc* pudesse acudir ao transporte, em caso de atrapalhação.

E o *Seculo* explicava — que tal contracto provinha «de não haver n'este momento nenhum navio de guerra em estado de sair com similhante tempo.»

*

Vem muito a proposito da visita de Madame Adam esta declaração publica. Ainda na vespera a respeitavel senhora, olhando para o Tejo, lhe chamava *um mar* e achava justo que de tal mar dispuzessemos — «pois que seremos sempre os grandes navegadores.» E' o que se vê. Declaramos, para que todos o saibam, que com um tempo assim damnado, não dispomos de um navio de guerra para sair á rua... perdão! para sair a barra! Estão á porta as festas no Baltico, e annuncia se que Portugal se fará representar pelo avô dos janotas — o couraçado José Vasques da Gama. Aguardamos com anciedade — como de suas obras no chôco dizem nas gazetas os litteratiços. Vae ao Baltico o José Vasques, sem aguardar o juizo do Saragoçano?! E se chove? E se troveja? E se ha ventosidades? E se faz frio! O avô dos janotas — couraçado José Vasques—está se mettendo em luxos! Olhe que já não está nos vinte annos — no periodo da lagosta ás duas da madrugada e da Pilar ás tres, até ser dia! José Vasques tem de olhar

pelo catharral, pelas hemorrhoidas, pelo rheumatismo, pela aneurisma, pela figadeira, pela dispepsia, por todo o *tremblement* das suas crueis faltas que lhe resultaram dos tremendos excessos ! Seja cauto, José Vasques ! não se faça fino !

*

Olhe o avô dos janotas para os seus co-representantes da nossa grandeza maritima : o *Peninsular* em perigo e elles amolando ! Qual finge que dorme, qual outro distrahido se espulga na rabadilha e de olhos em alvo *conversa* com o espirito do Gama ! Mas não vão lá fóra com um similhante tempo : saibam-n'o os grandes navegadores perpetuos e a respeitavel Madame Adam — que delicadameute faz de convencida !

*

A que nós chegámos ! Só por extremos de galanteria nos pódem dizer amabilidades em referencias ás nossas glorias, e a fatalidade do nosso destino a puxar nos a lingua para a ver-

dade crúa — e tal verdade é um protesto contra as amabilidades todas! *Sempre os grandes navegadores:* e não ha um navio de guerra que saia com similhante tempo, e não ha um transporte que liberte de contractos o governo — quando é preciso enviar ás colonias uma *mayonnaise* militar! Temos ahi o Tejo, que deslumbra os viajantes, e fazemos-lhe o mais que se póde: empalmamos-lhe uma parte, para alargamento da margem, e do resto fazemos a cloaca pestifera dos trezentos mil navegadores da capital. Se ha um syndicato que nos compre o rio, engarrafado, ai d'este! — que o indigena é uma esponja, sem deixar de ser uma alforreca!

... Mas, emfim, «os grandes navegadores perpetuos» é de consolar os cahidos. A vêr se uma subscripção nacional arranja uma zôrra para o José Vasques, com cúpula envidraçada, com estufa, com o rhum e os limões para *grogs* e com a benção do Sempiterno — e se elle nos desaggrava no Baltico... não se enganando no caminho!

... E ANDANDO!

DIZIA-ME, um dia d'estes, um velho conhecido, para o fim de me ser agradavel, — que o litterato José Migueis, — «um competente, acho eu!» — lhe dissera a meu respeito, no tocante a merecimentos varios, coisas de enternecer. E logo para alli o bom homem poz as lérias do José Migueis addicionando-lhes o seguinte commentario: — «Gostei de ouvil-o, tanto mais que os senhores estão inimizados. Tudo aquillo é de justiça!»

Tratei de esclarecer o sujeito: — Que, em primeiro logar, o José Migueis não tem competencia alguma para me louvar e que se a opinião

de similhante asno, a meu respeito, podesse distrair-me o espirito, eu desejaria que tal opinião me fosse desfavoravel. Mais, que eu não estou inimizado com o José Migueis: não lhe dirijo nem lhe acceitaria palavra, porque o acho ridiculo e porque sentiria um certo pejo se me julgassem relacionado com o estafermo, — o que não me livra, infelizmente, um vez por outra, de trocar saudações com enxovedos assim, mais mettediços. E, n'uma palavra, pedi ao bom homem — que não me relatasse as parvoiçadas dos Josés Migueis, dado que elles o tornassem confidente das suas opiniões sobre o meu pezo e os meus feitios.

— Pois elle é assim camello? interrogou o pávido burguez.

— E'. As corcundas estão inviziveis, porque as tem na alma. Por fóra, é acceitavel na rua do Ouro e na Avenida e nos pontos onde *um homem* faz figura. Veste-se caro, — o alfayate diz que e carissimo, e lá se entende. N'essas condições de fateota é bem recebido e, uma vez por outra, anda em tipoias de sujeitos ricos. Olhe você que a historia da fateota leva de vencida considera-

ções philosophicas de muito boa gente! Aqui, onde você me vê, tenho observado que muitos individuos ao approximarem-se de mim, na rua, para me fallarem, observam préviamente o estado do meu vestuario; eu sigo-lhes o movimento physionomico, e noto que, ou se tranquillisam, demorando-se na palestra, ou se constrangem, tratando de se pôr ao fresco, — consoante o meu fato está bem ou mal conservado... De que se ri você?

— Acho que é phantasia! Quem demonio está agora a reparar?...

— Quem? Os Josés Migueis — a maioria dos que se vestem bem! Pois que cuida? Se você ouvisse como eu, ha tempos, as palavras de amargura e de furia de um homem de altissimo valor, maguado pelo *exame* demorado e descarado a que um José Miguel qualquer lhe sujeitou o casaco coçado e o colete cheio de nódoas! Altissimo valor intellectual, mas vinte e tres annos d'edade, meu caro senhor, e essa edade não sabe rir-se por dentro e é cheia de melindres e de pudores hypothecados aos soffrimentos da *transicção* — a de rapaz para homem!

Dou-lhe a minha palavra que se eu pudesse valer áquelle desgraçado, ter-lhe-hia valido no infortunio, vestindo-o de ponto em branco — para que elle afrontasse as vistas do José Miguel. Nunca enxugou as lagrimas d'uma creança, dando-lhe dôces? Pois, poque não enxogaria as do rapaz, dando-lhe fato novo? A caridade não é apenas de pão.

— Com que então, o José Migueis é um camello?!

— Como tive a honra de lh'o dizer. Não reparou ainda em que não ha banquete publico, nem cortejo, nem espera de notabilidade, nem reunião apregoavel em gazetas, nem qualquer outro pretexto para dar nas vistas, em que não figure o José Migueis? D'ahi resulta que a população acostuma-se a lêr todos os dias esse nome. Pois que tal nome não está vinculado a qualquer trabalho de intelligencia, ou a qualquer crime audacioso, o publico esquece se das circumstancias em que o leu, mas não póde esquecer a a existencia de tal individuo. — «O José Miguel? Não me é extranho! — Ora, não conhece você outra coisa?! — Mas quem vem a ser o José

Miguel? — Você não lê os jornaes? Ainda hontem se fallava d'elle, e hoje lá vem n'um jantar de brazileiros! — Ah! agora me lembro: é o José Miguel!» De que é que você se ri?

— D'esta vez, acho que tem razão.

— Ora bem. Porque eu tenho razão, peço-lhe que nunca me transmitta o que *elle* pensa e diz das minhas qualidades moraes e intellectuaes. A competencia d'esse bacio coberto restringe-se ao exame das minhas botas. Que *elle* as observe e as commente e discuta: está no seu direito; mas se *elle* levar longe a curiosidade, até ao desejo de fornecer-se no meu sapateiro, previna-o de que o «mestre» não fia!

E VOLTA?!

—

E' como se diz no Porto — tenho ideia — quando o caso não apresenta solução. Abreviatura, já se vê, d'uma phrase geralmente usada: — «E que volta se lhe hade dar?» E' o nosso caso de hoje.

E' corrente em moralidades cazeiras que um estadista e jornalista que se préza, logo depois de, mais ou menos espontaneamente, abandonar o poder, onde collaborou com unhas e dentes na perdição das almas, desata a protestar — na opposição — contra os abominaveis vicios de que enferma a sociedade contemporanea do nosso «malfadado paiz.» E' dos livros que, entre

esses vicios, não deixe de surgir o da *empregomania*. Que a maioria dos cidadãos portuguezes aspira a empregos publicos! Que taes manifestações de madraceira constituem um symptoma deploraval, etc., muitos etc., etc. Muito bem moralisado — na opposição!

*

Ora, a verdade é que ha empregados publicos tão diligentes, zelosos e trabalhores como os melhores empregados *particulares*. O argumento da madraceira é, pois, um absurdo de moralidade opposicionista — depois da collaboração activa na «immoralidade». Que haverá, pois, especialmente seductor nos empregos publicos, por via de regra mal remunerados? A reforma do funccionario? E' alguma coisa, mas para seduzir um temperamento meridional não me pareee hoje de grande pezo a possibilidade de uma reforma na velhice — em épocas tão prenhes de acontecimentos.

A mim me quer parecer que mais immediata razão justifica a mania dos empregos: *é que não*

ha outra coisa. Fala bem o industrial que fez fortuna — bemaventurado entre os réprobos! — quando encarece as alegrias do trabalho industrial remunerado pela opulencia. Deve ser bom: concebo o com os especiaes conhecimentos de quem, para auxiliar *um industrial*, entalou uma fortuna feita — nas unhas molles do ignobil troca-tintas. Mas, a situação geral não se subordina a factos isolados; e no momento em que vos fallo, tal situação justifica ou absolve pretensões e expedientes de apparencia extranha, e atenúa responsabilidades. Olhae, por exemplo, para estas *scenas:*

*

Conheço um habilissimo professor de portuguez e de latim, que ha perto d'um anno arrasta uma vida de miseria. Não tem discipulos, porque a familias retraem-se em despezas de educação: a crise é geral e as touradas e as peças novas são uma ruina orçamental! Não tem logar em collegios, porque os professores são em cardume e por cada um que sae do estabelecimento de ensino, o director só tem a escolher entre os

mil e um recommendados. Não escreve em jornaes, porque ha bandos de *jornalistas* filhos de outros de quem o Teixeira de Vasconcellos dizia : — «Enchem-me a gazeta, e eu não lhes levo nada por isso !» Não faz recados, porque tem certo pejo — resultado de educação perniciosa. Não rouba, porque tem a mania de ser honrado. Não pede esmola, porque perde a voz, quando abre a bôcca — para pedir.

Ha perto de um anno que eu me interesso por este homem, — a vêr se o arrumo. Duas fraquezas ! Eu não tenho influencia para melhorar a sorte de um servente na sua repartição, e ha quem me julgue nas circumstancias de fazer ministros. E' a opinião das Gouveias. No entanto, o professor vae indo para o outro mundo, de beça baixa, como os vencidos de sessenta e cinco annos.

Outro caso é o de um pobre rapaz, com todas as qualidades conhecidas, de intelligencia, moralidade — e mais etc., etc. Antes de eu pedir que o fizessem conego da Sé, pedi a um dos principaes commerciantes de Lisboa, que é muito meu amigo, desde a minha infancia, que apro-

veitasse os serviços do rapaz. O excellente cavalheiro respondeu-me — que conserva os seus empregados porque attende a serviços passados, e não porque lhe sejam precisos na totalidade: que poderia dispensar meia duzia d'elles. E eu ha seis mezes, a pedir pelos ministerios e por S. Vicente e pelos arsenaes! Já um *reporter* conscienciosо me tem seguido, para perceber *a marosca*, mas eu côrro mais do que elle. Ahi o deixo inteirado.

*

Tenho d'aquelles martyres, ás duzias, — a pedirem-me que lhes acuda — pobre de mim! Que hão de elles todos pedir, com o commercio e as industrias e o professorado e as gazetas atulhados de supranumerarios, — que hão de elles pedir, senão *o emprego publico?* O moralista na opposição bem vê, que não é cego, mas está no seu elemento e no seu papel. Está direito; mas *tudo isto* está torto como um côrno!

Está torto. Bem o sabeis, como eu. *E volta?*

AI DOS POBRES!

EMQUANTO nas religiões do escandalo forte e gordo se discute o padrinho da Companhia do Nyassa, com o molho de vilão dos respectivos telegrammas, deixem-me contar-lhes o que no sabbado passado aconteceu á familia do cidadão José da Silva, morador na rua da Procissão. Oiçam-me os pobres, — que são os *descontentes*.

*

Dava eu, á hora do jantar, entrada nos meus penates, quando alli chegou a mulher do alludido meu visinho, para o fim de me contar o

seguinte : Que n'uma salchicharia comprara, por quatro vintens, um chouriço moiro, o qual com alguns kilos de favas constituiria o jantar da familia — sete pessoas. Que ao preparar a comida, reconhecera que o chouriço estava pôdre. Que então se dirigira a um policia, o qual lhe declarou ser novo na corporação e não saber muito d'aquellas coisas, mas que, em todo o caso, lhe parecia o melhor dirigir-se ella ao delegado de saude.

Entendeu a pobre de Christo que o melhor seria dirigir-se ao salchicheiro, a pedir-lhe chouriço em bom estado. Assim o fez, e pelo salchicheiro foi então insultada e expulsa do estabelecimento ; não se limitando o patife a estas aggravantes de ladroeira, pois ainda em cima, á cautella, lhe empalmou o chouriço pôdre: a peça para o corpo de delicto.

*

Pedia me a pobre mãe de familia que eu a orientasse — para se desaggravar. Pois que o homem dos chouriços pôdres lhe deitara a unha

ao objecto da contenda, que diacho lhe poderiam fazer reclamações de gazetas, providencias policiaes, intervenção do delegado de saude? Irritei-me contra a innocencia d'aquella mãe de cinco filhos, que assim se deixara ludibriar; mas depois, reflectindo, assentei n'isto: — Que tal *innocencia* é o fructo da pobreza, com as humilhações de cada hora, com a triste consciencia da desprotecção, e na ignorancia dos passos rudimentares na vida.

*

Nem todos os pobres são assim — d'uma candura soffredora. Ha mulhersinhas, do povo que teriam esborrachado o chouriço na cara do salchicheiro e amotinado com a berrata os transeuntes, — dando agua pela barba ao intrujão. Mas são as regateiras, as de faca na liga, as que nadam valentemente nas aguas do conflicto. Uma pobre mulher de sua casa, que só sabe do amanho caseiro, que só lida com o marido e com os filhos, acha-se burlada por um patifão e depois insultada, escorraçada e burlada outra vez;

perde a cabeça na odyssêa de supplicas: — «Sr. Policia! Desculpe-me vossa senhoria!» — «Sr. doutor! V. ex.ª desculpará!» — «Sr. meu visinho! Eu não queria incommodar...» E o outro ficou-se rindo.

*

Ai dos pobres! E restrinjo-me a exigencias modestissimas: Pois que elles não sabem desaggravar-se, nem defender-se, veja a auctoridade se, pelo menos, os não deixa espesinhar assim! Não sei o que cumpre aos delegados de saude, nem tenho hoje tempo para indagar, mas acho que as mixordias expostas á venda em estabelecimentos publicos estão sujeitas á sua vigilancia e ao seu exame. Olhem por isso! A compradora do chouriço pôdre atreveu-se ainda a ir pedir outro, melhor, porque pagara á vista; mas os pobres que compram *a credito* — a maioria — não abrem bico, ao sentirem-se roubados, sob pena de os esmagar o vendedor. Olhem por isto! A população definha-se, pelos trabalhos da vida e pelas porcarias da alimentação, todas as podridões e todas as falsificações, e não creio

que se trate acintosamente de a enfraquecer por taes processos. Em todos os serviços publicos, desde o chefe mais graduado até ao infimo agente, conheço homens de excellente coração e de rasoavel intelligencia; mas o *serviço geral* resente-se de uma relaxação estupida e cruel! De quem é a culpa? Quem é o responsavel pelos negrumes que mais e mais vão infernando a vida dos desherdados? Veja, quem tem de vêr, se acha a explicação dos *descontentamentos!* Ahi lhe offereço, para tópico, o chouriço pôdre!

O QUE AHI VAE!

——

É dos livros que o excesso de numerario — como quem diz: de patacaria — introduz na economia de um estado perturbações tão graves como a absoluta falta de pecunia. Não é menos certo que a demasia de benevolencia parlamentar — a falta de opposição — prejudica um governo, tanto ou mais ainda que a falta de apoio ou de condescendencia do parlamento. E o mesmissimo acontece com os jornalistas, a quem uma excessiva abundancia de assumptos póde perturbar muito mais que a temivel «falta de assumpto» — o terror de cada um da officina. Tal me sinto eu hoje — atordoado

pela abundancia de factos. Ceus! como elles superabundam!

*

Tenho alli boa duzia de bilhetes postaes recheiados de injurias e de ameaças — e anonymos, com lettra disfarçada: o melhor meio de aterrar a gente, pela demonstração de *bravura* do correspondente. Nenhum d'esses cloacarios de suas almas quer que eu fale de Politica! Saem d'essas intimações peremptorias, polvilhadas de parvoiçadas, uns aromas de *cu-ligação* que estão pedindo chloreto de cal: e ahi teriamos um assumpto de escacha, dado que se não produzissem outros, simultaneamente, que me obrigam a pôl-o de remissa. Que não tem duvida nenhuma hão de produzir fructo os excitantes!

Prende-me a attenção a *historia do Nyassa*, tanto mais que, tornam accessiveis similhantes factos á perfeita comprehensão pelos profanos, custava-me a entender a historia, quando já a lucidez da minha lavadeira — a tia Gertrudes — estava farta de perceber, e os saloios, na estalagem visinha de minha casa, todas as noites

discutiam e hoje apoiam em berrata o parecer do Procurador Geral da Corôa. Percebo finalmente, e vejo com magua, *qu'il y a eu des malheurs*, como no passado das viuvas frescalhonas. N'esta orientação, afigura-se-me que a mais eloquente e resolutiva das conclusões é a que o meu visinho Quinhones espreme do immundo assumpto: — «Vamos n'um sino!» Vamos.

*

Primeiro de maio, e respectivo cortejo. Não me parece que os discursos proferidos attestem notavel progresso na orientação dos socialistas moderados — em Portugal. Mas, emfim, é já bastante que elles saibam responder: — «Álerta está!» Um ponto de especial importancia vi eu alvejado por um dos oradores: — o centenario de Santo Antonio, que se aproxima. Não quer o orador que o Proletariado concorra ás festas: ha um grãosinho de boa critica na repulsão. Depois, outro orador reage contra o Santo Antonio «precursor do Livre Pensamento» e considera-o, antes, precursor da Inquisição e da forca.

Algo arbitrario! O Franciscano não tem nada com taes primores.

*

Touradas, batalha de flores, dezesete dias de festas ao Taumathurgo... D'esta vez ha grãosinhos de *areia*. Diz-me, espavorido, um senhorio, — «que lá se lhe vão nas festas as ultimas probabilidades de lhe pagarem as rendas.» E' acceitavel o terror do proprietario: já o Osorio da tenda me confidenciou — que o Francisquinho das moças, desde que principiaram «os toiros,» abteve-se de pagar o consumo das vitualhas: as tipoias, os camarotes e os jantares com a Pilar absorvem os reditos do fréguez.

Vae ser apostolico-romano.

*

Grande vozeria dos operarios e dos trabalhadores da camara municipal, porque a Linda não lhes paga as férias. Allegam os queixosos que teem de sustentar-se e ás familias e que a mimosa caloteira dispende aos contos de réis em

folias de centenario. Alvitram a ideia de elegerem, de futuro, vereadores operarios. Se assim crêem, como eu, na inflexibilidade dos homens em terras de Portugal, façam isso — para experimentar; mas vejam, até lá, se apanham as férias á magana!

MIXORDIAS.

Não de perdoar os papa-m... oscas (vá lá — moscas !) que todos se escagarrinham, com *bravura* e tudo, nas intimações anonymas ; mas d'esta vez hade haver *politica* de embatucar as gentes, — ou eu não fosse vingativo como um cafre, sobre a cachaceira dos perdidinhos ! Já expliquei, por vezes, aos meus leitores amigos, o caso deleitoso dos anonymos, provaveis *cu-ligados*, que me intimam a «não fallar de Politica.» Se eu ha mais tempo soubesse que assim contrariava os banaboias, estabelecendo embargos entre a sua dedicação patriotica e a gratidão do publico, — certo que eu ma teria derivado dos embargos sérios á ane-

docta picaresca : — ás *cartas-consultas*, por exemplo.

Mas, tempo ao tempo !

*

Agora, vão morder-se os cavalheiros, á conta de eu servir os *tyrannos*, com um descaro que deixa a perder de vista os *telegraphistas* do Nyassa ! E' a proposito da vinda dos cú-ligados á terra do meu nascimento, para o fim de resolverem a sério se o partido Progressista fará da bandeira dos Passos um esfregão de cozinha urbana, ou um espantalho de pardaes em propriedade rustica.

Eu lhes conto :

*

Foi no sabbado, vespera do dia resolutivo, que um dos rifenhos da provincia depositou em meu seio hospitaleiro as «derradeiras esperanças» do seu partido. Seriam quatro da tarde, — quando eu me encafuava no ascensor da Gloria, rindo ainda de uma phrase que ouvira, duas horas

antes. Dera-se o caso na arcada do ministerio do reino, onde, tendo eu extranhado a um Progressista maganão a enchente de correligionarios seus debaixo da tal arcada — como se esperassem o ministro, — o homem assim me explicou : — «Coitados ! Vem para aqui *arquejar !*» Achei maravilhoso.

No ascensor da Gloria se agarrou a mim, duas horas depois, um dos *arquejantes*, e foi para me dizer o seguinte (Queira ouvir-me — e ouvil o — o respeitavel Publico) :

*

— «Nós, Progressistas, já não temos senão duas esperanças : a primeira é — que o governo recúe em frente dos trampolineiros do Nyassa : como você sabe, o paiz applaudiria com calor, apezar do que lhe dissessemos, a severidade do governo : isto é — a limpeza da cavallariça. A segunda esperança é que você não imagina...

— Deve ser de estalo ; que vocês são d'uma finura bexigueira.

— «Vá de troça ! A «mais derradeira das es-

perançaș» não está aqui; está em Lourenço Marques. Como você sabe, o Ennes vae guerrear o Gungunhana. Se o Ennes perde, é o paiz quem perde: é dos livros. O auctor dos *Lazaristas* talvez nem sequer soffra uma reducção nos vencimentos *(uns 50 mil réis por dia, ó póvos!)* Se elle ganha, apparece nos em Lisboa, como um triumphador — uma especie de Marius, depois dos Cimbros; ou de Sylla, depois do Marius, ou do Scipião, depois do Annibal. Hade ser obra! Está você vendo o Ennes a dominar as massas e o paço das Necessidades e a rua dos Capellistas, com um olhar tigrino, e de pulo feito para a predominancia summa. E não se lhe dará volta: o Ennes, vice-rei africano, será em Lisboa o que lhe apetecer e dará as cartas, e será nosso e nós seremos d'elle, e...

*

— E os do governo não prevêem?
— O que?
— A hypothese triumphal e obnoxia...
— Isso sim! Estão cegos. *(ao meu ouvido:)*

Está tudo cego : rei, ministros e povo ! Quem tem olho — sem vaidade! — somos nós, e o nosso trabalhinho nos custou. Deixe vir o homem ! E agora, não conte isto ao João Franco !

— Não conto. Só se o contar ao Francisco, o moço da estalagem, que tem dedo para os fados á viola, Eu, apezar de combalido, ainda bato — com a Pilar. Hade ser pandego ! E agora, não conte isto ao conselheiro Ennes — a fagueira esperança derradeira. Vocês sempre me sairam uns gajos !

(Não contem isto ao João Franco !)

CONFORMADO!

Desapparecera-me, havia tempos, da minha costumada circulação o preclaro commendador Francisco, quando hontem o encontrei para os lados do Intendente, perto do anoitecer. Está mais gordo e com umas desusadas côres afiambradas, o que eu lhe festejei com phrases de sincero jubilo. Explicou-me n'uma palavra o commendador a transformação risonha do seu physico: — «Conformidade!» E accrescentou, gaiteiro: — «Já não tómo a sério estas mixordias, meu especial amigo!»

A minha curiosidade, algo invejosa, quiz logo saber por que processos vingara o commenda-

dor conquistar similhante estado de ventura. Entre grave e bexigueiro, Francisco assim falou:

*

— «Aqui onde você me vê, cheguei, nos penultimos tempos, a um estado de irritação que me fez ter a suggestão da loucura, nos intervallos da suggestão de suicidio. Você não imagina! Toda a historia do nosso descalabro: ruina economica, ruina financeira. descredito, pouca-vergonha, relaxação, perigos no horisonte — mais terriveis ainda, porque a gente os não percebe, — a posse de uma furtuna a incommodar-me pelos pavôres, como a falta d'ella me incommodaria pelas privações! E a falta de juizo, a falta de energia, a falta de orientação, a falta de... repito: a pouca vergonha social: tudo isto me trazia em crises que o meu medico alcunhava de «neurasthenia.» Eu comia mal, dormia peior, descompunha a familia, espancava os gatos, ameaçava os vizinhos, mettia locaes perfidas nas gazetas amigas, e desejava um cataclysmo que nos rapasse. Você não imagina a minha vida!

— E vae d'ahi?...

— «D'ahi, meu estimavel amigo, dei-me a pensar muito a sério na urgencia de olhar por mim, pois que de nada me valia olhar pela Sociedade. Pensei que, chegado aos cincoenta e cinco, com uns bemsitos de fortuna, com uma organisação robusta, com uma familia estimavel... De que se ri você?

— E' que me lembrei de um assumpto amavel.

— «?!

— Como está a interessante Soledade?

— «Você, apesar da sua apparencia, está sempre com a carinha n'agua! A Soledade tambem vae boa. Seu bocadinho de nervoso; mas citou-a você muito a proposito, — que era uma das minhas meditações: — Dispondo tu do amor da Soledade, chega a ser um crime entregares-te á desesperação!

— E' bem pensado.

— «Oiça o meu amigo! Metti-me em Bellas, nas Paschoaes, durante estes dois mezes da minha auzencia de Lisboa. O unico hospede era eu. Durante o dia, sentado no poial da porta, meditei, e á noite, entre a ceia e a somneca,

desabafei com as mulhersinhas do hotel. Faz bem, é um tónico, a convivencia com os *simples* —uma vez por outra. Diziam-me as pobres creaturas «que não me ralasse, que cada um deve-se a si na terra e a Deus no outro mundo: — n'uma palavra — que não fosse tolo...

«Principiei a perceber que a minha indignação incomprehendida e motejada me dava ares de matuto aos meus proprios olhos e que era tempo de olhar por mim. Prohibi a entrada de jornaes na minha habitação, para não perturbar a reforma dos meus principios e sentimentos. Quando me senti *indifferente*, readmitti-os á minha observação, e já sem perigo de commover-me. *Nyassas*, alcances, impunidades e mixordias politicas, combinações, accordos, mascaradas e conspirações beatas, armadilhas á estupidez dos simplorios, colligações da Burguezia apavorada e da Egreja protectora e exploradora, e todas as lérias de todas as ficções de escolas e de partidos — tudo isso me encontra conformado com a feição *humana*, bi-partida de velhacaria trocista e de estupidez ingrata e insolente. Engordei, robusteci, suavisei-me. D. Ge-

noveva acha-me reformado — no bom sentido, e a Soledade, coitadinha, declara me reconstituido e quer que eu lhe receite «conformidade.» Em fim, conheço o mundo, e c... para elle. E você que me diz ?

— Digo-lhe que a *paz na indifferença* é um bello sonho. Desejo-lhe que não desperte, commendador ! No entanto, refocile-se !

É BOA!

A semana passada levou a dentro dos corações lisboetas a consoladora festa de um soldado da municipal, condecorado, — na Avenida, pelo rei e com assistencia de dois mil guerreiros, — porque attingira cincoenta annos de serviço, sem mancha de indisciplina.

Antes de applaudir, como quem se despede, quero dizer ao general Queiroz, principal iniciador da festa, o que me conta um velho militar, camarada do ultimo marechal do nosso exercito o conde da Ponte de Santa Maria.

Como se sabe, e eu me lembro, Antonio Vicente de Queiroz, conde da Ponte de Santa Ma-

ria, era tio do general Queiroz, commandante das guardas municipaes. Ha quem lhe conteste fino espirito; ninguem estupidamente lhe contesta a bravura insubstituida.

*

Dizia o *Conde de Santa Maria*, quando lhe recommendavam um soldado com vinte, ou mais annos de «bom comportamento :» — «Não quero nada com elle! Um homem que tem «bom comportamento» durante vinte annos não tem sangue nas veias!»

Não quero dizer que o velho *Epiphanio*, condecorado na Avenida pelo rei, esteja privado do rubro licor que dá excitações ao heroismo: o que me parece é que, de accordo com o bravo Queiroz das campanhas da Liberdade, se eu houvesse de realisar a travessia militar, durante vinte até cincoenta annos, eu teria sido considerado de «mau comportamento,» — como o desejava o marechal, — á primeira desconsideração do primeiro sargentola. Desconsideração: — bo-

lacha — E d'ahi nódoa : isto é, embargos á condecoração publica !

Não posso perceber — nem desejaria percebel-o o heroico soldado tio do general Queiroz, — o como por ahi se anda a extrahir de Lombroso attenuantes para os deiictos dos garôtos e não se extrae attenuantes para as virtudes dos pacatos. Consultado, diria o criminalista italiano: — «Se um soldado da Municipal de Lisboa está quieto durante meio seculo, é porque as consolações de duas gerações de sopeiras prevaleceram em seu animo contra as amarguras da vida.» E technologias d'ahi por diante.

*

Hein ? Pois já se deixa vêr. E agora lhes vou dizer porque approvo. Ha dois processos porque uma sociedade se regule, a castigar o Vicio : ou encafuando os patifes na cadeia, ou recompensando os virtuosos. Influencias por um lado, cumplicidades velhas pelo outro lado, e bonacheirice por cima : e ahi temos a Sociedade dos

nossos dias e da nossa terra, impossibilitada para as severidades directas. Mas fica-nos o recurso de indirecto e por igual digno protesto. *Antonio & João* metteram a unha até ao cotovello ; em demasia rechonchudos (moralmente), não cabem pela porta da cadeia ; pois bem, — tanto peior para os seus brios, que vão ser esbofeteados *como se não vê ha meio seculo !* O mais epiphaneo dos coêvos irá de tipoia para a Avenida, e, alli, o rei, o da guerra e mais dois mil — sedentes de bom exemplo — irão galardoar-lhe a Virtude : o epiphaneo abichará medalha d'ouro em seu nobre peito — extra-muros, e o *Zé Pacovio,* em extracção de stalactytes — a dedos — do nariz nefando e profundo, gosará o «bello exemplo de moralidade» em vélas do Estacio — sem ardor e sem inflammação !

*

É finorio, moralorio e resolutorio ! É d'uma canna ! Eu só digo que, se fosse rei não me prestaria á festa, — a não ser com o olho pratico nos lucros do «exemplar comportamento :»

— em obediencia ás intrujices da Politica. Como «povo,» estou na linha — rindo-me da festa. Arre! Encareceu tudo; diminuiram os proventos: e não me heide rir, quando é de justiça, pois que a minha alma justa tem vontade? Vão pôr embargos ao grandissimo diabo que os carregue!

O CARLOS DE MELLO.

Se é humano e se é licito manifestar contentamento, em quadra de dissabores e difficuldades — renda da casa inclusive, — hão de vêr-me contente como devota em mez de Maria, á conta dos ultimos acontecimentos. Falo da descoberta de *chantage* que levou ao fundo um homem de alto valor intellectual; mas não foi em tal desgraça que lançou raizes o meu contentamento: o que me dá jubilos ineffaveis e o doce orgulho de ser homem e portuguez é á subita e inesperada revelação das prendas d'alma que dão lustre aos meus contemporaneos.

Se na intensissima agonia moral que eu pre-

sumo torturar a esta hora o coração e o espirito do professor Carlos de Mello, ha ainda um parenthesis de attenção para os commentarios esmagadores do «seu delicto,» creio bem que mais fundo e terrivel irá a dentro d'aquelle animo succumbido o espinho do remorso, quando elle, Carlos de Mello, confrontar com o seu peccado a revoltada candura do seu proximo. Elle, que é um ser intelligente, estudioso, prarico da vida, naturalmente observador de homens, deve experimentar a mais pungente humilhação, ao reconhecer que se enganou: que não ha cumplicidades, nem tolerancia possiveis para o seu attentado: que já antes do seu delicto a consciencia publica e a de particulares o consideravam suspeito: que a sua collaboração era de má casta: que os seus artigos de diffamação contra o ministro eram execrados pela respeitavel e casta opinião: e que, em summa, a sua execução moral representa o saneamento da mais sympathica e mais interessante Sociedade, Foi no gabinete do ministro diffamado que o juiz de instrucção golpeou o tumor que nos affligia a todos. Agora, ahi tem o ferro quente!

E' d'esta unanimidade de juizos severos e de operações fumegantes que se extrae a minha satisfação. Tenho direito a ella, pois que muito duvidei da geral virtude e de taés duvidas soffri. Tudo puro! Tudo casto! Tudo revoltado,— inclusive os conselheiros que ha mezes iniciaram a campanha de infamissimas porcarias, sobre as quaes o professor bordou as suas!

*

Ha um facto psychologico (palavra bonita, de que eu uso pouco), *facto* em mim realisavel e cada mais intensamente : é uma grante difficuldade em irritar-me. Tenho perdido a noção da colera. O que não me entristece faz-me rir ; ás vezes são simultaneas as duas impressões : o riso e a amargura tranquilla. Hypochrita, ou desavergonhado,—nãome refiro ás pessoas prezentes — o meu proximo offerece-me sempre aspectos lamentaveis pela baixeza ou pelo ridiculo. Creio que não ha patifes a valer : já os Cesares romanos, os de má fama, eram irresponsaveis. Não é segura a philosophia que parte

do individuo para a Humanidade: tem de ser o contrario. Ora, se a grande collectividade dos Humanos é um poço sem fundo, de fraquezas, de ambições, de egoismos, de expedientes canalhas na lucta pela vida, como diabo tentaremos encontrar em cada homem as virtudes contrarias aos safados distinctivos do Todo? Bem sei que é difficil encontrar n'um só individuo todas as ruins qualidades da especie humana; mas, a não ser eu e a pessoa que me está lendo, todos os rebentos da especie concorrem para o *pic-nic* da maroteira geral, — um com as suas empadas de velhacaria, outro com umas almondegas de deslealdade, aquelle com um escabeche de traições o outro com o pudim do egoismo. Meza posta á face do Eterno e o sol do bom Deus a dourar a festim!

*

Agora, no caso do professor noto eu um derivativo do sentimento social: depois de fulminado o «monstro», condemna-se Carlos Valbom, porque não usou de misericordia. Desconheço

nitidamente as sensações que o alvo dos artigos do professor deve ter experimentado durante a immunda campanha iniciada por uns conselheiros e reavivada pelo professor. Regulando quanto possivel o coração do diffamado pelas leis rudimentares a que obedece o meu, acho que não seria precisamente um sentimento misericordioso o que elle experimentaria em similhantes circumstancias e em face de um dos diffamadores. Que o preso tem familia! E' tristissimo que assim seja; mas o alvo dos ultrajes immundos tambem tem familia. Que o preso é um espirito illustrado! Mas os proprios inimigos do ministro dizem, por entre as immundicies, que este é um talento robusto, illustrado e trabalhador. Que bastaria conservar as provas do crime, sem desgraçar o criminoso! Interessantes almas commovidas — as que durante mezes saborearam, deleitando se, as provaveis amarguras de um homem novo, trabalhador, cheio de talento, illustrado, com familia, com futuro, crédor da espectativa, embora severa, digna, dos seus adversarios e vendo diariamente o seu nome n'um pelourinho immundo, para delicia das varejas de praça publica e do

botequim e para ganancia dos traficantes! Onde se fazem se pagam: tal teria sido, desde a primeira hora, a minha divisa... e uivassem, commovidas, as interessantes almas!

... Quanto á execração especial do professor pelos innocentes, acho de utilidade urgente que venha, ahi para a praça publica, o bacio das austeridades — e que os Pilatos façam abluções aos pés de cima!

PÓRCOS! PÓRCOS!

——

Devem ter notado, entre as que amarguram a gente, a seguinte vulgaridade de cada dia: a facilidade com que um homem encontra fiador — depois de se haver inutilisado. Durante mezes, durante annos, a sorte maldita, o *pas de chance*, beliscou-o, atenazou-o, triturou-o; confessou elle a diversas boas almas as mais crueis vergonhas da pobreza, humilhou se, estorceu-se, agarrou-se ás theorias austeras, aos «dictames da consciencia,» ás recordações da infancia, aos preceitos religiosos; invocou a magnanimidade do proximo, a justiça de Deus, as clandestinas cumplicidades do Diabo. Falhou tudo! Um bello dia, sossobrou, amaldiçoando

as longas horas perdidas em hezitações. Mais um ao charco! E a legião dos virtuosos toda se esganiça e se flatuleja e trombeteia e zurra pela Pro-bi-da-de! — Que morresse! Que mais vale morte que deshonra!

Pausa. Trémulos na orchestra — emquanto o acido phénico purifica o ambiente; e, então, averiguado com mil cautellas, que o sujeito está bem morto e espatifado, — morto para a lucta pela vida, morto para a concorrencia legal, morto e hediondamente emporcalhado em todo o seu passado de trabalhos, de rezistencias e de amarguras, — produz-se o movimento philantropico: a Sociedade desperta, cóça-se, embolsa as notas bancarias, corre ao juiz e afiança o homem, e abre uma subscripção para as primeiras necessidades do perdido. Severa e austera, pero clemente, minha catita!

*

Não faço referencias a um determinado facto, mais ou menos recente. E' certo que nem sempre, na descuidada primeira parte da vida, se repara em similhantes mixordias; mas, emfim,

entrada na segunda parte, principia a gente, uma vez por outra, a olhar para o que lá fica e para o que vae passando, e a confrontar, — e reconhece que foi sempre assim. Diz o padre-mestre Balzac — que nas manifestações extremas de bondade póde haver o summo desprezo. Deve ser isso : — bondade das almas e desprezo concomitante. Vá lá uma pitada do meio grosso !

*

Ha dias me mostraram na rua uma rapariga que no Governo Civil está hoje numerada e fiscalisada — pela Sanitaria. Como se me contassem uma enormidade, das pouco vistas, disseram-me qua a moça, filha de gente pobrissima, fôra, successivamente, operaria em fabrica, costureira em *atelier* e creada em diversas casas. A sua formosura tornou-a perseguida pelos fabricantes, depois pelos fréguezes da modista e em seguida pelos patrões, Perseguida, rezistia e mudava de profissão. Um dia, sem pão, expulsa por *insubordinada*, tendo de acceitar um protector, acceitou o Publico. Foi ao Governo Civil e mer-

gulhou. Toda a familia da ultima casa onde ella não servira para as exigencias obscenas, concordou, ao saber do caso, em que uma desgraçada d'aquellas vinha a ter aquelle fim. Dias depois, a moça entrava no hospital. Pois, senhores! toda a familia concordou em que se lhe mandasse uma esmola diaria; e mandou-se-lhe, — que ainda ha corações primorosos em alta moral! Pedisse a operaria, costureira e creada sem trabalho, reclusa ainda entre os ferros da honra, um auxilio para o jantar, ou para o pagamento da renda! — Mergulhe, primeiro, e afogue-se na vaza, sua pórca, e depois conte comnosco!

Colera? Não! Um desnorteamento! Um estonteamento! Se não pagam tudo nos infernos, — capital e juros, — declaro que não percebo nada n'este mundo, nem percebo o Creador d'esta sentina!

?!

Os céus são testemunhas de que eu não exulto com as difficuldades de «cada um que trata da sua vida». Se não desfere a minha voz, um tanto surda, cantos harmoniosos, em saudação aos triumphadores, ninguem, com verdade, affirma que a horas mortas se ouve pela calada da noite, o meu pio de mau agouro, ou de funebre congratulação. A horas mortas, durmo, ou faço por isso, — que é a toda a hora o melhor que a gente póde fazer. E no resto do tempo faço paciencias, ou amólo, ou conto os dias que faltam... Para que? É o segredo da abelha.

*

Vem isto para dizer-vos que não me enthusiasmou, nem pelo contrario, o ultimo telegramma triumphal do generalissimo Ennes em Moçambique: aquelle telegramma excitante, em que nos apparecem — terminadas as operações no Incomati, — a margem esquerda batida, desde Macanda a Macaneta, — os fortes preparativos de resistencia inutilisados pelo generalissimo, — os revoltosos dispersos, — o Mahasul em fuga, — o Gungunhana reduzido á neutralidade, — e nem um soldado morto! Fólgo, como patriota e como boa pessoa, com esta invulnerabilidade das nossas forças, superior á do terrivel Achilles — que tinha a descoberto um calcanhar. Das tropas guiadas pelo dramaturgo nem a pontinha de um dedo para amostra, ou para alvo da frécha d'um africano! Bonitos lances para os *Bergerets,* em vesperas do centenario devoto!

Certo que a *falta de perdas*, se, por claras razões de humanidade e de patriotismo, me impressionou agradavelmente, para logo me sug-

geriu tambem a suspeita menos agradavel, de que no telegramma havia a poeira resultante da vaidade e mais miserias da terra, e nada mais haveria. Fez-me pena a probabilidade de uma tristeza funebre a invadir as almas de uns *cu-ligados*, feição progressista, que das assignaladas victorias do conselheiro Ennes e da sua entrada triumphal em Lisboa esperavam, alfim, a salvação; isto é, que a mão victoriosa e dominadora d'aquelle Scipião — sem Annibal! — os transferisse do montão das cascas d'ostras *(ostracismo)* ás culminancias do poder. Estão comidos pelo implacavel Destino! O dramaturgo generalissimo não faz coisa que o rehabilite no criterio dos espectadores do *Saltimbanco*. Não vejo que aquelle *Bonaparte* se corôe dos louros da victoria, a ponto de vir a *Paris* dissolver os *Quinhentos*. Antes pelo contrario, *cu-ligados* da desesperada Espera!

*

Bem informado, por pessoa competente, — é dos livros, — disse alli no *Popular* o Marianno, por modo que todos os leitores o entenderam,

o que representa o espaventoso telegramma do dramaturgo generalissimo. Entendido o que o Marianno escreveu, por todos os cidadãos que o leram; mas ha dois dos meus leitores que não fruiram as delicias das explicações. É com esses que eu estou falando. Com elles aproveito a instrucção e com elles a generaliso, sem um vislumbre de perfido egoismo.

E assim temos nós pela frente, sacudida a poeira das vaidades e das outras miserias da terra: — Que não podia haver séria resistencia na margem esquerda do Incomati, pois que de ha muito a pretalhada abandonou o terreno, — que os terriveis preparativos de defeza eram inferiores aos de Sebastopol, que em 54 deram agua pela barba á Inglaterra e á França e á Turquia cú-ligadas: e que eram inferiores, pois que apenas consistiam n'uns toscos abrigos para atiradores, — que o Mahasul não podia *fugir* agora, pois que ha mezes passou o pé, no tempo do governador Canto e Castro,—que o Gungunhana está longe de ser o alvo de temiveis projectos do conselheiro Ennes, attendendo-se a que o conselheiro *lhe fez um presente*, de que,

por signal, nada sabia o respeitavol publico — que o paga. E conclúe o Marianno que, «se as contas publicas não fossem um mysterio insondavel no nosso paiz, seria curioso saber-se as fabulosas sommas gastas, a pretexto da pacificação de uns regulos que pouca importancia tinham.» E de passagem noticía para gaudio dos contribuintes, — que em Moçambique se está pagando a diversos mentores ordenados e soldos que vão, por cada um, a 800$000 réis mensaes. Que admira, pois, que o generalissimo, que faz decretos, como um rei, e telegrammas da ordem do que se vê, ganhe *cincoenta mil réis por dia?* E que assombra que em similhantes poeiradas já lá vão para mais de tres mil contos?

*

Mas, emfim, não me consta que alguem se zangue. Apenas um e outro se coçam na rabadilha, nos intervallos da exploração das ventas. E não serei eu quem proteste irritado, porque não quero passar por doido, barafustando quando todos gostam e se divertem. Se hoje des-

mancho prazeres, são elles apenas dos cú-ligados do Progresso, que contavam com o *triumphador*, para o final do martyrio, e que apenas pódem esperar um impulso do João Franco : que elle lhes dissolva a abstenção féra, — e que os eleja... misericordiosamente !

MIXORDIA!

Pelo ultimo boletim triumphal do conselheiro Ennes, dramaturgo generalissimo em Moçambique, ficastes inteirados, como eu, de que a rainha dos Amatongas e o regulo Maputo imploraram o perdão de suas culpas e de que o generalissimo dos *Lazaristas* exigiu e obteve a entrega do Mafoco, irmão do Maputo e «principal auctor dos attentados.» Mesmissimo dramaturgo remetteu para Angola, a bordo da *Affonso d'Albuquerque*, o ferocissimo Mafoco.

*

Cumpre-me e ainda mais me apraz certificar-

vos de que é tudo uma cantiga. E posso asseveral-o, sobre o depoimento de um recem-chegado de Lourenço Marques, — um espirito esclarecido e observador, que, no domingo passado, — tomava eu o fresco, ás 6 da tarde, no Jardim da Polytechnica, — me forneceu as precisas instrucções.

Em primeiro logar, é bom saber-se que a rainha dos Amatongas é mãe do Regulo Maputo. A'quella magestade preta foi pelo governador de Moçambique, Fernando de Magalhães, solicitado um auxilio de 4 000 homens, quando em Lourenço Marques minguavam os meios de defeza e a auctoridade levantava barricadas contra o preto inimigo. Prometteu a rainha o auxilio, sob a condição de a livrarem de um certo rezidente portuguez — um alferes, ou tenente Gomes (?) — que a insultava «e lhe causava prejuizos.» O official que, por ordem do governador, fôra solicitar o auxilio, prometteu que o rezidente seria substituido.

Quem imaginaes vós, agora, que foi escolhido pelo governador, ou pelos seus delegados, para r ultimar com a rainha e com o Maputo, seu

filho, as negociações? — O rezidente que elles lá não queriam, porque os injuriava e «lhes fazia prejuizo.» Imagine-se como o sujeito ultimaria o tratado!

Não vieram os quatro mil guerreiros; vieram dois mil rapazolas, que, ao chegarem a Lourenço Marques, pediram armas. Não as havia. Mas uma especie de contrabandista vendeu mil espingardas que tinha na alfandega, sob a condição de lhe perdoarem uma forte multa em divida. As espingardas foram dadas aos pretos, e de tal *raça* eram as bellezas, que a pretalhada recusou recebel-a e, só muito instada, se dignou pegar-lhes. Até aqui tudo réles — e desleal! Mas, continúa.

*

Decorrem breves horas, e chega a Lourenço Marques um enviado do Gungunhana, que em plena praça publica conferenceia com os chefes dos nossos auxiliares. Poucas horas ainda: vem a noite e, durante ella, os pretos vão-se embora, abandonando as espingardas por terra — e affrontando-nos n'ellas *pórcamente*. E o go-

vernador geral muito satisfeito, congratulava-se pela partida dos auxiliares — «pois que não confiava na bravura d'elles.» Por tal desconfiança, os tinha acolhido e armado !

*

A ultima hora, a rainha e o Maputo pedem perdão. De que ? E' melhor que perguntemos :— Porque ? E a resposta é facil : — O Gongunhana *vencido*... pelos prezentes do commissario régio, deve ter negociado a *humildade* dos outros. E a respeito de Mafoco, irmão do regulo, é sujeito de quem nunca se ouviu fallar : tanto como das suas responsabilidades nos «attentados de setembro.» E' isto o que o dramaturgo envia para Angola, a bordo da *Affonso d'Albuquerque !*

Querem mais poeira ? Querem mais pandega ? Querem mais mixordia ? !

FOME E FESTAS !

——

No Porto, uns milhares de homens, tecelões, estão em gréve, arrastados pela reducção, successiva e terrivel, da remuneração da mão d'obra. Tal reducção provém da concorrencia dos operarios do campo — os que nas horas vagas do seu trabalho de lavoura, mourejam no tear, por um preço arrastadissimo. A' ultima hora, os grêvistas dizem, n'um manifesto, — que hão de vir a Lisboa, com as mulheres e os filhos famintos e andrajosos, a pedir *justiça* ao rei. Ignoro que especie de *justiça* podem, no presente caso, fazer o rei e o seu governo, e supponho mesmo que os angustiados homens pedem justiça como um naufrago

no alto mar, longe das vistas dos homens, pede soccorro — sem saber para que. Mas, emfim, talvez que uma disposição répressiva da concorrencia dos operarios do campo, — estabelecendo que só pódem trabalhar em teares os individuos que são *apenas tecelões*, — suavisasse as agruras da situação. E ao mesmo tempo um especial tributo sobre os teares mechanicos tornaria a mão d'obra dos teares manuaes susceptivel de mais elevada remuneração. E' certo que os operarios do campo allegam que os trabalhos extraordinarios, dos teares, são indispensaveis ao seu equilibrio orçamental: e ahi teriamos nova complicação. Coisas das leis economicas, contra as quaes não me parece que prevaleça a *justiça* dos poderes do estado! O êxodo dos miseraveis não é pratico, e os fieis do Centenario não devem, pois, receiar que uma invasão de famintos do Norte venha perturbar as delicias do arraial Franciscano.

*

Muita miseria! Muita miseria! E tão pouco

juizo, — para não dizer «pouca vergonha!» Já não ha quem não confronte,—desde o Marianno, padre mestre jornalista, até ás minhas vizinhas Sepulvedas, sentinellas vigilantes do mexerico da minha rua e tapadas como a sola dupla das minhas botas d'agua, — já não ha quem, nos momentos de serenidade, não commente severamente o estonteamento quasi geral d'este paiz, vinte e tres horas e tres quartos em cada dia! Miseria, que determina emigração de populações inteiras, ou que appella para a *justiça do rei*, ou que se suicida «por falta de recursos» (como se dizia, quando se fallava), ou que se lança nos expedientes vergonhosos, ou que no fundo dos antros se ageita para morrer: de tal sabemos todos; e quando tal succede, e, como estado, caloteamos, perdido o crédito, negro e relampejante o futuro, ameaçada a propria existencia, — quando todos nós o sabemos e todos o sentimos e por tal trememos, — é então que ao mundo culto offerecemos o espectaculo da folia doida, firmada em todos os pretextos para o arraial continuo! Como se nos escasseassem e responsabilidades e obrigações de trabalho,

contrahidas pelo desleixo e pelos erros, ahi nos damos a revolver a trapagem das nossas glorias dovotas; — e diz o jornalista Fidelio que é o inicio da solução, entre nós, do Problema Social. Mas o Fidelio é maluco.

*

Tenho aqui na minha frente um cartaz, colorido, com a imagem do Santo Antonio e o programma dos festejos. Está a tres passos da minha meza de trabalho, e não preciso de levantar-me, para o ir lendo. *Arrayal, corridas de touros, tiro aos pombos, marcha «aux flambeaux», corridas de velocipedes* e *festa do trabalho, dedicada aos operarios portuguezes...*

Festa do trabalho! Ahi teem os tecelões do Porto perfeitamente dispensada a justiça do rei de Portugal! Que mais querem os miseraveis, alem da consideração de que são alvo por parte dos devotos festeiros, da sociedade conservadora? Que mais pretendem... mas não vale rir, que a hora é amarga e cruel e não vá confundir-se o riso amargurado com o riso dos espe-

culadores! Festa do trabalho, quando pela relaxação agonisamos! Festa dedicada aos operarios, quando a questão social é impellida para o *desfecho* pelo egoismo, pela má fé, pela vilania dos Senhores! Não vale rir, que tudo tem de ajustar se, e seria monstruoso que não se ouvisse a *ultima palavra* sobre essas festas e sobre aquellas fomes!

OIÇAM CA!

Leio n'uma folha de Lisboa, que o general Primo de Rivera, dado á *galanteria*, escreveu uns versos n'um leque de uma senhora portugueza, — senhora honesta e distincta. O jornal reproduz os versos, — versos em pé de alferes. Mas não se trata de attentados contra a Poesia: para isso, não passemos a fronteira. A coisa é outra.

*

É que o general Primo de Rivera descança, pelo visto, na galanteria amavel, sem consequencias e grata ao espirito dos salões, — de

outra especie de *galanteria*, que é a extrema condescendencia para com outra especie de mulheres. Não sou eu quem o affirma inicialmente: é o cadaver do capitão Clavijo, trespassado de balas no campo do supplicio, em desfecho de uma vida lamentavel de soffrimentos — pela perseguição constante. Não esqueçam que foi a rogos de uma creatura ignobil, croia d'aluguer, que o vencedor de Estella martyrisou o official, mediante successivas transferencias, a que se prendeu a miseria levada até á fome. Ha documentos: — «Cá fiz a transferencia que me pediu.» E em que circumstancias lh'o pediu a marafona? Ahi estava assumpto para versos, não em leque de mulher honesta, mas em album de leiloeira das podridões proprias!

*

Está de mim tão longe a ideia de offender o general ferido, que nem sequer lhe attribuo *originalidade* na sua condescendencia galante. Ha muito d'isso, espalhado pela vida; o que não ha sempre é um Clavijo, que se offereça em

holocausto, fatigado de affrontoso martyrio. Velho guerreiro prestigioso e *galanteador*, que muito era que o general desgraçasse aquelle verme da terra, — *chair à canon* nas Vascongadas, ou em Cuba, ou *chair à fusil* no terreno das execuções? Nada! O que me revolta e me dá rebate á velha alma é o ignobil processo summario: a tampa infame collocada sobre a *galanteria!* Póde o general, nos seus momentos correctos, alinhar maus versos nos leques das senhoras virtuosas; mas as suas condescendencias de galanteria sinistra, divulgadas pelo torturado capitão, punham embargos ao processo summario que alinhou em frente do infeliz os soldados executores. A' honra da altiva Hespanha, á do seu vistoso exercito, á dos dois militares em especial, cumpria apurar toda a *historia* e distribuir todas as responsabilidades. E uma explicação terminante é facil encontrar para a altiva bravura do capitão Clavijo, em face da morte: é que *elle*, ao menos, *ficou limpo*.

*

Mais alto? Pois seja! Que era da disciplina militar a urgencia de um tal desfecho: o *supplicio do official* e o *silencio sobre o resto*. E' assim, meus amigos!? Pois então, se assim é, direi eu á creança que me considera «seu amigo:» — «Soldado, por modo nenhum! Olha que teu pae e tua mãe beberam as tuas lagrimas, em beijos de afflicção, quando em crises da enfermidade te ameaçava a morte; era quando eu n'uma hora mudava tres vezes de religião, para que nos valessem a Virgem e Mafoma e Buddha! Olha que as tuas creancices fizeram rir loucamente espiritos severos e os cuidados pelo teu futuro deram estremecimentos de terror ás almas impassiveis! Soldado? Mas ouve, alli, o que me pondera o especialista: — Que uma croia infamissima explora a galanteria morbida de um velho general: que lhe arranca — a essa galanteria — a tortura dos teus dias, durante annos: e que, se ao termo da tua paciencia, não do teu martyrio, te lembrares de que és um homem — para um desaggravo á altura das tuas

dôres, serás *summariamente* julgado e atirado á morte, e das tuas revelações não será tomado conhecimento que influa em tua sorte maldita! Sê mineiro, jornalista, aventureiro, domador de feras; soldado — nunca!»

*

Hade ouvir-me o pequeno, pois que a cousa assim é. E, de passagem, lhes digo que muitos dos que já são homens me estão ouvindo e applaudindo d'esta vez.

PANDEGOS!

Dizia-me em tempos, n'um paiz extranho, onde eu pretendia fixar a existencia, um pratico d'esse paiz: — «Olhe que o essencial á sua vida repousada e prospera consiste em você se encarregar de coisas de que não entenda. A sua ideia, naturalmente, é fazer jornalismo; pois não caia n'essa! Seja-me engenheiro; não faça artigos, faça estradas férreas. Não sabe? Ora, adeus! ahi tem você o Luizello, que em Portugal vendia bichas e hervas e que é, entre nós, relojoeiro dos caminhos de ferro. Pergunta-me você — se os relogios vão regulando. Creio que sim, — providencialmente. Tudo sae da Fé, meu rico amigo!»

*

Dei-me a pensar uma vez por outra, até esta madrugada, que taes maravilhas do Absurdo e da Fé só florescem em exoticos paizes. Mas, como quer que o movimento do Centenario — com bichas e hervas... perdão! com bichas e bombas, me impuzesse um espertina dos diabos, relanceei as vistas sobre factos da nossa historia grutesca, e descobri que a nossa bella sociedade não cede os seus direitos, n'atal especialidade, ao exotico paiz que me assarapantou ha quinze annos. Vejam com olhos de vêr — como diria o Sergio, que é myope:

Viram, decerto, como eu, a noticia de que a commissão dos monumentos va representar junto ao Restello, afim de que a *memoria* do Terreiro do Paço seja desaffrontada das barracas que lhe puzeram em volta os festeiros do arraial antoniano. Ahi temos nós o amigo pharmaceutico chamado á barra da Esthetica e da Dignidade da Arte, — elle, que só conhece a Mystica da batota eleitoral e a Cabalistica do vinho nutritivo! Mas é como prezidente da camara municipal que...

Não digam mais! Bem sei que é o prezidente da camara o D. Xarope do Restello: facto que abona as regalias populares do suffragio, a independencia do voto, a intelligencia dos eleitores — e o mais das sagradas conquistas! E' o D. Xarope do Restello o mais illustre cidadão de Lisboa, o mais prestigioso e o que melhor traduz, sendo eleito para o primeiro cargo do primeiro municipio, a elevação civica dos espiritos lisboetas. E é por isso que elle faz nos monumentos o que nós sabemos. Não digam mais! Cá me fica!

*

Faz-me lembrar, sempre na corrente das minhas considerações sobre a ordem, o tempo em que o *Zé dos Carapaus* governou estes reinos, de parceria com o padre de Bethsaida, — outro que sabe da póda. Foi preciso uma festa de chupeta e um respectivo ornamentador e director das festas. Toca a escolher o fino e educado espirito: e escolheu-se o *Folgosa*. Lembram-se do Folgosa? E isso: uma vaga recordação risonha: o mastro no Rocio e todo o *tremblement*

de asneiras. E' isso : *Zé dos Carapaus* ao leme, no pateo do Pimenta, e o Folgosa no cesto da gávea — em frente da tabacaria Neves. Foi bonito !

*

E' como a inspecção de Bellas Artes em Portugal nas unhas molles do Almedina. Por um triz não apparece o Raphael Bordallo ligado a esse especialista, na exposição da Arte Sacra ! E' distrahido o artista de genio; mas o Santo Antonio, que, pelo visto, deixa em naufragio de ridiculo todos os banaboias que por ahi o exploram, zelou nobremente os creditos do grande artista — suggerindo-lhe um afastamento desdenhoso. Acode perguntar que terão na caixa craneana, á guiza de miolos, todos os festeirolas, mais ou menos Almedinas, que não se lembraram do Bordallo para a formação e direcção superior de um geral programma que honrasse a capital aos olhos do paiz e o paiz aos olhos dos extranhos, e que formaram pulo para se lhe arrumarem, á volta, em igualdades de commissões —tu cá, tu lá,—Raphael diz, mas o Burnay pon-

déra e o Restello protesta e o Almedina objecta e a Dona Francisca seringa! E cá estamos na especialidade: o genial artista ficou-se em casa e os *pierrots* fazem decoração!

*

O glótico Adolpho Coelho publica um folheto, sobre o *ensino do portuguez nos lyceus*. A ideia inicial do folheto é arrazar Theophilo Braga. Tive medo por este, quaado abri a obra do glótico, porque, emfim, poderia ter se dado o caso imprevisto de o Coelho haver aprendido portuguez, depois de haver escripto um diccionario. Mas não ha novidade: o folheto do glótico está á altura do diccionario. Ha alli veneno, mas de acção neutralizada pelas tolices. Se o glótico chega, um dia, a conhecer a lingua, póde tornar-se medonho!

E aqui temos outro que faz grammatica, e os grammaticos, a esta hora, quiçá fazem doces de côco.

TERCEIRA SÉRIE

1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1900

INTRA E EXTRA-MUROS

I

Este anno, que se despede [1], tem originalidades ratonas: — não se estabelece, ao certo, se é o ultimo do seculo XIX, e tão arrevezados são os argumentos em discussão que eu, pela minha parte, já renunciei a perceber; accresce que o ultimo dia de tal anno é o fim da semana, o fim do mez, o fim do anno, e, segundo muita gente boa, o fim do seculo. Diz-me Tiberio — que o domingo não é o fim da semana, e eu lembro lhe que Deus trabalhou 6 dias na creação d'este rico mundo e descançou ao setimo dia, ao domingo: portanto, não me caustique o philosopho!

[1] 1900.

*

Para mim, não foi dos peiores. Tive saude e trabalho, os entes que eu amo não soffreram desgostos serios, a Sarah Bernhardt esteve em Lisboa, os rapazes das Monicas estão melhorados de sorte e os da aldeia de D. Maria vão muito bem com a professora. Que Deus conserve a situação presente, e ampare os bons, e que os maus vão para o Diabo!

*

Faltas de dinheiro... coisas que sempre houve: diz-me ainda o Tiberio que nunca entre nós se viveu tão causticado; e eu recordo-me de que, salvo um breve periodo de apparente bem-estar — e talvez o mais cruel da minha vida — principiaram as minhas causticações com o uso da razão, por signal precoce. A vida é isto, meus amigos: uma inferneira. Dêem-se ao incommodo, como eu, de observarem n'um carro americano — por exemplo — as physionomias dos outros passageiros, quando suppõe cada um d'el-

les que ninguem o observa, e hão de notar em toda a linha expressões de soffrimento, sulcos de lagrimas: a dôr humana! Por mim, quando me corre serena a vida, entro em sustos, com a idéa de tempestade proxima.

*

Aquelles pobres soldados inglezes e aquelles pobres camponezes boers estão provando — os primeiros por *dever disciplinar*—que os esforços dos pensadores e dos philosophos dão em droga, com a Civilização em ponto de rebuçado. Temos a revolução nos espiritos, mas só ahi; no dominio dos factos é o que se vê: um Chamberlain qualquer tem a phantasia de arruinar e espatifar dezenas de milhares de homens, e elles lá vão *por honra da bandeira*, e os mais elevados espiritos tomam partido por Inglezes ou por Boers: pela Civilização e pela Humanidade só bérra o philosopho Tiberio... por espirito de contradição.

*

Estou pelo que dizia Camillo Castello Branco: um amargurado pratico da Vida: — «Deixaremos o Mundo tão mau e tolo como o encontrámos.» Mas isto é na generalidade, pois que ha ainda na Existencia *episodios* doces.

II

As successivas desfeitas soffridas na Africa do Sul pelos nossos amigos inglezes cada dia mais assanham, entre nós, espiritos que, em regra, se despreoccupam em assumptos nacionaes. Opinam uns — o menor numero, eu entre elles, — que a Inglaterra terminará por vencer; os outros sustentam, animados por natural resentimento em seus desejos, que os Inglezes serão d'esta vez expulsos do continente negro. E' esta a occasião de dizer ao philosopho Tiberio — que é todo boer — o seguinte:

— Ao rebentar uma guerra,—hoje que a guerra tem de obedecer á Logica, — o erro de quem se interessa pelos acontecimentos consiste em observar apenas, como factores decisivos, as forças militares e os recursos financeiros de cada um dos combatentes. E' um ponto de vista falso, como todo o arbitrario. A França da primeira republica, a do Consulado e a do primeiro Imperio dispunha de recursos inferiores em homens e em dinheiro aos da colligação europeia, — e, todavia, desde Dumouriez em Jemmapes, até Moreau em Hohenlinden, e Napoleão Bonaparte em Marengo, em Austerlitz, etc., etc., vemos a França vencedora. E' porque as bayonetas e os sabres francezes levavam a diversos pontos da terra noções da *nova lei;* e, porque tal fôra resolvido pelo Destino que fixa as Leis Historicas, não podiam prevalecer contra a Françaș os poderosos exercitos colligados e sustentados pelo odio de Pitt — pelo dinheiro inglez. E Napoleão só foi anniquilado quando, de certo modo, se affirmou o grande chefe da contra-revolução...

*

Proseguindo:

— Veja você, Tiberio, a declaração da guerra entre a Austria e a Prussia, a guerra que terminou em Sadowa. Você recorda-se?

— Recordo-me de que apostei pela Austria.

— Como quasi todos. A Austria dispunha de um formidavel exercito e da Alliança dos principaes estados da Confederação Germanica; era um estado incomparavelmente mais rico do que a Prussia, — e, todavia, a derrota foi prompta e decisiva. Porque? Era inevitavel que o trambolho austriaco, — o imperio apostolico — fosse expulso da Confederação, para dar logar á formação da Allemanha — essa enorme expressão de trabalho, de pensamento e de predominio. Olhe para a guerra de Hespanha com os Estados-Unidos: não faltou quem imaginasse dissabores para os Americanos. Pois, meu amigo, crê você que *a questão* dependia de couraçados de um lado e de duzentos mil soldados do outro? Nada d'isso: é que a dominação anachronica e hedionda da Hespanha, perpetuamente fradesca — palmas ás corridas de toiros e pensamento na Inquisição

— tornara-se uma das vergonhas impossiveis do fim do seculo. Tinha de acabar o seu dominio colonial, e acabou vergonhosamente, sem resistencia honrosa e sem protesto do povo...

*

Interrompe-me Tiberio:

— E derivando-nos á guerra actual, entre os Inglezes e os Boers?

— Não me afasto do meu raciocinio. E' certo que a Inglaterra tem de ser expulsa da Africa, e, successivamente, tem de arruir a sua obra, firmada nas *vias de facto* mais perfidas e mais crueis; mas acha você que aos Boers, usurpadores em Africa — como todos *os brancos* — está reservada a missão de expulsar o Inglez?! Não despreze você estes factores para a sua critica: o boer é tão odiado pelos africanos como o inglez; o *libertador* d'Africa, contra todos os *brancos* que a explorem e escravisem, tem de ser um africano: um Menelik; a hora da Inglaterra não chegou ainda; olhe para o medo — o medo real e incontestavel — de todas as grandes

pòtencias em frente do poderio da Inglaterra, medo tal que nem ousam aproveitar as difficuldades com que o colosso está luctando, para lh'as aggravar, colligando se. Emquanto virmos o Allemão, o Francez, o Russo e o resto a affirmar odio á Grã-Bretanha, sem dar *officialmente* um passo contra ella, pensemos *que tem ella a palavra.* Está convencido ?...

*

Tiberio amuou. Não respondeu.

III

Rico mundo ! Rica bóla de meus encantos ! Já viram, a proposito da desgraça do Cronjé, o seguinte amor de telegramma ? Vejam e revejam isto :

«LONDRES, 28. — Participam de Berlim ao

Daily Telegraph que o imperador Guilherme telegraphou enviando parabens á rainha Victoria e ao principe de Galles.»

Deu-me para rir deveras, mas já me esqueceu como a gente se ri — a valer. E lamentava a auzencia de Tiberio, — propicio aos desabafos, — quando elle me appareceu a solicitar cavaqueira. Foi á noite, no Tavares.

Jantavam a alguns passos de distancia, a uma meza, o João Chagas e o Joãa Saraiva, a outra Antonio Candido, a outras uns *viveurs* conhecidos e alegres, e o philosopho assim me falou:

— Aposto em como você reparou no telegramma de parabens!

— Estava justamente a deleitar-me com esse *documento humano*.

— Que diz você ao grande homem... inedito?

— Digo-lhe que é o Carlos Magno fim de seculo: um catita!

— Pois é um Carlos Magno catita, não haja duvida!

— Veja você, Tiberio: emquanto os Inglezes

levam pancadaria, o Allemão retorce os bigodes e dá-se ares de presidir a uma cruzada europeia contra a perfida Albion, — a qual cruzada não chegou a sair da *phantasia* para o *facto*, pois que os cruzados contam pelos dedos os couraçados inglezes, e perdem-se no conto. Toda a Europa, todo o Mundo execrando a Inglaterra absorvente e insolente, está de accordo em que os bravos Boers merecem vivissimo applauso e um devido apoio... e todo o Mundo concede aos Boers o *apoio moral,* excellente para sezões depois da morte. Pois não é assim ?

— E' como diz.

— De repente, os ventos mudam. O Roberts aprendeu na desgraça alheia : os resultados vão-se produzindo. E, á primeira dos Inglezes em cheio, o presidente da cruzada europeia contra a Inglaterra dá-se pressa em mandar, pelo telegrapho, parabens á Rainha Victoria, mais ao principe de Galles. E' um grande homem aquelle sujeito : é um Cezar modernissimo ! Napoleão enviava exercitos, ou commandava-os pessoalmente ; aquelle Guilherme envia telegrammas, — ora ao Paulo Kruger, ora á rainha Victoria.

Os outros cruzados não enviam parabens, mas talvez lhes não falte vontade. Que lhe parece ?

— Parece-me que este mundo está cada vez mais retorcido.

— Justo ! Justo !

*

Ao mesmo tempo, os Americanos do Norte apanham a sua conta nas Filippinas. E' o Agoncillo, agente de Aguinaldo, quem diz — que os Filippinos derrotaram em Batangas os Americanos, fazendo-lhes muitos (?) prisioneiros. Uma vergonhas para *nuestros hermanos !*

Mas, querem apostar em como os Filippinos perdem a partida final ! Aquillo, então, nem se tóma a sério.

Queiram desculpar !

IV

Sem commentarios, dá um jornal a seguinte noticia.

Pois devia fazel os, ao menos para me tirar esse trabalho. E' verdade que me dá *um assumpto.*

Ora, eis a noticia:

«Refere o correspondente principal do *Daily News* no theatro da guerra que teve uma demorada conversa com lord Roberts, no seu quartel-general em Jacobsdal. Era ao escurecer; as patrulhas começavam a rondar o acampamento, e para os postos avançados seguiam pequenas forças, com os capotes vestidos, a irem render as sentinellas. No extenso valle, em baixo, picava-se de lumes progressimente o sinuoso desdobramento da povoação, com espelhamento macio nas aguas mansas do rio.

«Lord Roberts, tranquillamente, fumava um charuto, sentado n'um tanborête de lona, e o seu claro olhar azul vagueava alheado pelo es-

paço. Como que antecipadamente certos da victoria, o seu desejo e o seu olhar seguiam, na vaga amplidão do céo, as grossas nuvens que, do sudoeste, o vento impellia rijo... na direcção de Bloemfontein. Oh! se elle pudesse ir com ellas!

«Perguntando-lhe o correspondente se esperava sahir se bem da empreza, limitou-se o generalissimo a mover affirmativamente a cabeça e continuou silencioso.

— «Não receia alguma surpreza de Cronjé?

«Roberts teve um sorriso de desdem.

— «Está completamente em meu poder. Vae render-se.

— «Quando?

— «N'um dia memoravel, verá!

— «Mas se, por um d'esses acasos terriveis, emfim, a sorte fosse mais uma vez favoravel aos *boers?*...

— «Seria a primeira vez que a Inglaterra deixaria de fazer a sua vontade!»

*

Não está certo. O marechal Roberts, que não é precisamente um Wellington, pois que as vantagens obtidas sobre o Cronjé (10 contra 1) não se aproximam dos feitos d'armas de *Talavera*, de *Victoria*, de *Salamanca* e de *Waterloo*, sem falar da campanha de Portugal contra o Massena, — o marechal Roberts, digo, — não tem o direito de fazer phrases destinadas á Historia, sobretudo phrases em desaccordo com a Verdade.

Parece certo que a Inglaterra *deixou de fazer a sua vontade* quando Joanna d'Arc a derrotou em França, quando os Americanos do Norte sacudiram o jugo inglez, aprisionando o exercito de lord Cornwallis, e quando Napoleão a expulsou do continente europeu, derrotando, durante annos, todos os exercitos que William Pitt organisava contra elle. Expulsa do continente, — salvo este cantinho portuguez!

Creio que *fez a sua vontade* a Inglaterra, quando queimou Joanna d'Arc e causticou Napoleão em Santa Helena, mas não destruiu os

factos consummados, e nem a fogueira de uma, nem o captiveiro de outro são titulos de gloria para a grande nação ingleza.

Factos consummados: quero dizer — os Inglezes expulsos de França, os Estados Unidos da America organisados e os principios democraticos espalhados no mundo velho, pelas bayonetas napoleonicas. Não ha Roberts, nem d'ahi para cima, que destruam *o que se passou!*

V

Não me ha de esquecer tão cedo aquella do orador irlandez, que ha tempos disse no parlamento da Grã-Bretanha: — «A Inglaterra só tem um partidario n'esta guerra: é o Turco!» Por signal, toda a camara desatou a rir.

A amarga referencia do irlandez, sublinhada pelo riso dos outros, punha em fóco a ferocidade algo selvagem de Abdul Hamid — partidario e amigo da Inglaterra; quando todo o Mundo

Civilisado *pensava* n'uma cruzada contra ella. Pois, senhores, mais uma vez o Turco, retrogrado e feroz, envergonha o Mundo Civilisado: é quando affirma originalmente a amizade á Inglaterra execrada, ameaçada por novissimos cruzados e a braços com difficuldades graves na sua campanha contra os Boers; e é sobre tudo quando, á primeira vantagem obtida pelos Inglezes n'essa campanha, os representantes do Mundo Civilisado desatam a felicitar a execrada Albion,—é alli o Carlos Magno em cuécas, mais o das figuras de gêsso, mais *os outros* que o telegrapho não cita. Bravo, Turco!

*

Desviando o pensamento d'esses *episodios* da Civilisação, não devemos perder de vista (aprendendo a orientar-nos na desorientação alheia), os calculos e as hypotheses de certa imprensa, a que incitava á *cruzada* Carlos Magno *fim de seculo* e os outros, — sobre a continuação da guerra. Sem pretensões a propheta, creio ter satisfeito os meus tres leitores effectivos, que

me perguntavam, em plenos desastres dos Inglezes, se eu mantinha o parecer—de que a Inglaterra acabaria por triumphar.

Respondi-lhes quasi dlariamente—que não tinha a menor duvida em sustentar aquelle parecer, e não me limitei a firmal-o nos extraordinarios recursos de que a Inglaterra dispõe.

Mais disse, repetindo:

Disse que a Inglaterra triumpharia e sustento que triumphará, pois que a Africa não póde ser *libertada* senão por Africanos, e não pelos Boers, tão tyrannicos, pelo menos, como os Inglezes.

E accrescentei que o medo revelado pelas grandes potencias, em face da Inglaterra, constituia um symptoma indiscutivel—de que o momento historico da decadencia ingleza está longe de chegar.

E mais ponderei — que não se trata de saber se devemos odiar, ou não a Inglaterra, mas de reconhecer que o odio, mais ou menos justificado, das grandes potencias e dos povos pequenos não influirá no resultado da campanha.

... E os factos vão demonstrando que não desorientei os meus tres leitores.

VI

Ora, aqui temos nós o illustra Naquet — o da lei do divorcio em França, — elucidado ácerca dos nossos famosissimos 80 a 90 %! Eu bem creio e digo que não ha nada como *insistir* para *conseguir*. Não faltam, menos, adagios que tal confirmam em excellente portuguez: devem conhecel-os.

Contra o voto conspicuo de cavalheiros que julgam secundario *caso* a instrucção do povo, e que até a consideram prejudicial ao *heroismo*, venho eu caturrando, ha tempos, em protesto contra a cifra indecentenssima de 80 a 90 % de analphabetos em Portugal, e considerando tal *cifra*, ou tal *facto*, como embargo a conquistas de civilisação, ou assim geralmente consideradas. Pois bem, reparem n'isto os meus tres leitores effectivos!

No *Seculo* vem duas cartas sobre o Divorcio, trocadas entre Naquet e o deputado portuguez

sr. Sampaio e Mello. E' da carta d'este ultimo o seguinte trecho :

«Concordo com as indicações que me daes a respeito das deficiencias do meu projecto de lei.

«Mas o meu paiz, se é capaz dos grandes ideaes, como mostra a sua historia gloriosa, tem tido, durante seculos, como religião dominante, o catholicismo, e tem ainda hoje uma triste percentagem de 80 a 90 por cento de analphabetos na sua população ! !

«N'estas condições, toda a innovação levanta grande alarme, e eu só quiz vêr se conseguia fazer consignar na legislação de Portugal o principio do divorcio com todas as tolerancias pelo existente.

«D'aqui, a minha iei.»

...Que me dizem d'isto ? Temos, ou não temos, o caso dos 80 a 90 % revelado ao Mundo Civilisado, por intervenção de Naquet ? Fica, ou não, ponto assente — que os 80 a 90 % influem desgraçadamente contra *qualquer innovação* civilisadora, — ou geralmente assim considerada ?

(Faço esta restricção, porque a respeito da lei do Divorcio tenho cá o meu modo de vêr... particular).

*

Estabelecido que os 80 90 % constituem uma desgraça nacional, a esta hora já revelada a todo o Mundo, temos nós agora, alli, á espera de applausos, o nosso inclito Espregueira. Eu disse á *espera de applausos*, e ninguem lh'os regateará com justiça. E' á conta da seguinte informação do «Diario de Noticias»:

«O sr. ministro da fazenda, por despacho de hontem, determinou que as academias de bilhar, do dia 1 d'abril em diante, deixem de estar avençadas e paguem o que a lei determino, que são 25 % sobre o producto liquido de cada premio».

Só quem desconhece a putrefacção que se chama *Academia de Bilhar*, em Lisboa, deixará de encontrar na disposição do ministro da fazenda motivo para louvor. Eu apenas me permitto uma restricção: — no logar do ministro

eu faria pagar pelas taes academias 80 a 90 % dos seus lucros geraes ou brutos. E que se governassem com o resto!

VII

Estava eu hontem á noite a parafusar, sobre o que hoje diria aos meus tres leitores effectivos, quando o assumpto me appareceu, nas condições que eu já lhes digo; mas, antes de mais, deixem-mo dizer-lhes onde eu estava hontem á noite.

Era n'um hotel a tres leguas de Lisboa, já noite. Eu encerrara me no meu quarto, esperando o jantar, e a minha porta conservava-se escancarada, para o fim de eu mais facilmente vigiar os preparativos do *festim*, A certo ponto, uma creada veio dizer-me:

— Quando o senhor quizer...

Eu quiz immediatamente, e fui, gelado e faminto, sentar-me á meza, onde notei a prezença

de outro individuo, sem lhe prestar mais attenção. Apenas notei que elle atacava a sopa e a travessa do cozido com energia igual á minha. Pareciamos dois naufragos, e foi só ao café, depois de se retirar a creada, que nós reparámos attentamente um no outro...

Elle era o commendador Francisco!

*

— Você por aqui?

— E' o que se vê, commendador; e nós tão calados e sem nos reconhecermos, valha-nos Deus! O que é o apetite material!

— E' verdade: eu estava com uma fome damnada; mas ainda havia outro motivo para eu não reparar em você.

— Preoccupações, hein? Coisas da catita?

— Qual catita?

— Pois que! ha duas Soledades n'esta vida?!

— Paz aos mortos!

— Que é isso? Pois a Soledade?...

— E' como se estivesse morta, pois que mor-

reu para as minhas delicias; mas não era n'isso que eu pensava.

— Então?

— Você tem viajado muito?

— Eu nunca fiz outra coisa.

— Andado pelos hoteis?

— Mais que o bastante.

— Pois bem. Qual é o momento temivel para o viajante, n'um hotel?

— E' o da sahida.

— Toque n'estes ossos. Bem se vê que você tem corrido mundo! Você rafere-se aos centenares de milhões de creados que apparecem á espera de gratificação?

— Justo.

— E você costuma dar-lhes?

— Nunca!

— Explique-me você o caso!

*

E então eu disse ao commendador:

— Lembra-me o amigo n'este momento a *sahida dos hoteis* por um homem extraordinario

que foi meu amigo, Camillo Castello Branco, e lembra-me — a Sarah Bernhardt — tambem *a sahir dos hoteis*. O primeiro não dava nada aos creados; fazia annunciar a sua partida, para ter o gosto — dizia elle — «de passar entre duas fileiras de respeitosissimos velhacos», altivamente e sem corresponder aos cumprimentos d'elles. A Sarah é exactamente o contra-rio.

— ?

— Imagine você que, o mez passado, vi-a sahir de um hotel de Lisboa, para a gare. Tinha em cima de um movel um masso de notas. Vi a receber o *bon voyage, madame!* de umas 20 pessoas, pelas quaes distribuiu uns 200 mil réis. Eu cheguei a dizer, baixinho, a uma das suas callegas prezentes:

— E' uma verdadeira contribuição de guerra!

*

— E você... qual é o seu processo?

— Não dou nada, como já lhe disse, mas não ostento a minha resolução. Faço as malas, mando tirar a conta, saio do hotel — como quem já

volta — e mando um moço buscar a bagagem e pagar a conta. Faça ideia das pragas!

— Todos os dias aprendemos, murmurou Francisco. E, elevando a voz:

— E'-me sempre util o seu cavaco. Até amanhã!

E recolhemo-nos aos nossos quartos.

Esta manhã, quando perguntei por elle á creada que nos servira á meza, ella disse-me toda embezerrada:

— Safou-se, sem dizer *aguavae!*

— Hein? Não pagou!?

— Pagou a conta... e mais nada. Mandou cá buscar as malas — o trastalhão!...

VIII

A noticia que á ultima hora faz bater com extraordia violencia os *corações* estacionados na Arcada é da candidatura do sr. Ressano ao logar do sr. Carrilho. Este homem, que parecia

singular na sua velha obra de preparador de pêtas orçamentaes, encontra um substituto que, na opinião geral, o apagará na memoria dos vivos. Dizia, hontem á noite, um politico, dos entendidos, como quem diz a ultima palavra, sobre a solução Ressano :

— «Agora é que vae ser um enredo e um sarilho !»

Apreciaveis tinturas de calão !

*

Emquanto o sr. Carrilho arranja as malas para a viagem ao Tribunal de Contas (parece que substituirá o conselheiro Henrique da Gama Barros, o qual será aposentado para deixar o logar livre), e emquanto o sr. Ressano, Garcia, a seu turno, se enfeita para a Contabilidade, lá vae percorrer a Europa, á caça do convenio, o sr. Madeira Pinto. A gente põe as mãos na cabeça, pensando em que a falta de homens leva a patria dos Albuquerques, mais dos Gamas, a ser representada nos centros de civilisação pelo sr. Madeira Pinto !

Este alto funccionario, — que eu conheço desde que elle era aspirante no correio de Lisboa — nunca teve uma ideia, nem uma phrase, nem ha perigo de que se lance em taes extravagancias. Basta ouvil-o ; basta vêl-o. Publicou, em sua mocidade, uma especie de guia postal, annuario ou coisa assim, e encafuou-se no centro progressista. D'ahi foi indo, protegido pela fama da sua nullidade, até director geral e tão firme é o seu *prestigio*, que, se alguem se lembra de citar os nomes dos directores geraes dos diversos ministerios, esquece-se infallivelmente de que *elle* existe.

Pois não temos outro que vá procurar o convenio !...

*

Fallei-lhes hontem do pavilhão portuguez na exposição de Paris, — isto é, do que figura em gravura e phototypias ; pois hoje, o «Popular» referindo-se a um desenho que d'elle apparece no «Figaro illustrado», produz as seguintes considerações :

«... O desenho d'este edificio, como o vemos

no «Figaro», é a reproducção, pela phototypia, do original, e acha-se assignado—*Ventura Terra, architecto, 1899.* Mas seja elle d'este architecto ou do sr. Monteiro, diremos que o plano, embora simples de mais, não é feio no genero chalet e teria seu logar n'uma estação-restaurante ou exposição maritima de terceira classe no Campo Grande ou no Monte Estoril. Portanto, Portugal teria feito melhor brilhando pela sua ausencia.

A culpa d'este fiasco não poderá ser imputada ao architecto que, decerto, se fez um projecto tão insignificante e pobre, foi porque assim lh'o encommendou quem na organisação da secção portugueza tudo manda.

O peior é que a insignificancia do plano não corresponde ao exaggero do preço que o paiz paga. Pena é que o «Figaro», a respeito de cada uma das construcções que exhibe, não indique o preço por que cada uma foi adjudicada. Então se veria que o pavilhão portuguez é modesto como construcção e só luxuoso no custo.

Em Portugal guarda-se segredo com as despezas feitas com a exposição de 1900, que já excedem as auctorisadas por lei; mas, em Paris

e sobretudo entre gente do mesmo officio, é notorio que o pavilhão portuguez foi dado de empreitada por preço descommunal »

... Mas os *80 a 90 o/o* declaram que não teem nada com isso.

IX

A homenagem prestada hontem pela cidade de Lisboa á memoria de Camara Pestana, honrou a capital, — refiro-me, é claro, á parte intelligente d'elle, — e suavisou a magua despertada pela morte d'aquelle homem de sciencia e de honra. São conhecidas pelo paiz inteiro aquellas demonstrações de veneração e de saudade: nada tenho, pois, a noticiar de novo, mas cumpre-me o dever de registrar n'esta columna o facto consolador.

Camara Pestana, morto ao sahir da mocidade, victima da obstinação no dever — levada ao sa-

crificio, foi mais do que um sabio, porque foi tambem um justo. Vagamento sentiram todos — os que o não conheciam de perto — que uma immensa bondade aquecia a alma d'aquelle trabalhador. N'uma epocha em que tanto abundam e se põem em evidencia os grandes egoistas, os grandes velhacos e os grandes tratantes, — n'um periodo em que os mais desacreditados biltres *tudo* ambicionam... e *tudo* conquistam, um homem como aquelle dá a uns durante a vida, e a todos depois da morte, a certeza de que *alguma coisa* existia — e existe — que os arrojados e cortejados tratantes não vingaram colher e de que teem de afastar o sentido: — é a estremecida veneração que os sentimentos de honra e de equidade despertam na alma collectiva e que se vincula a um grande prestigio ou a uma grande memoria. Falta isto no *tudo* que os *outros* empolgam e foi isto o que fruiu em vida e está recebendo na morte aquelle notabilissimo homem que tanto honrou o seu paiz.

*

Descancem os attribulados por um pessimismo injusto: no instincto publico ha justiça compensadora para o trabalho e para os sacrificios dos que foram superiormente bons: acodem-nos naturalmente á memoria os nomes de João de Deus e de Souza Martins, predecessores do querido morto de agora — no trespasso e na glorificação. Trabalharam esses justos, com perseverança de fanaticos, o primeiro por destruir a ignorancia, o outro por alongar e suavisar as vidas, e em taes esforços consumiu e abreviou, cada um d'elles, a existencia propria. Mas o tributo que se não compra — o do pranto da veneração enternecida — tiveram-n'o elles do povo por quem luctaram... e por quem morreram.

X

Dando noticia do estado em que se acham os trabalhos da installação portugueza na exposição de Paris, communica-nos o correspondente do *Diario de Noticias* n'aquella cidade que até agora só lá existe um tapume. A proposito, alguns jornaes e muitos particulares bradam contra o desaforo, perguntando ao espaço — em que se empregam dezenas de contos destinadas aos trabalhos de instaljação.

E' louvavel a curiosidade e justificado o espanto. Mas temos o caso de ponderar-se — *que nunca é tarde para um mau acontecimento.* Em publicações estrangeiras, — que toda a gente vê em Lisboa na livraria Gomes, — apparecem, magnificamente gravadas, todas as *installações*, europeias das outras partes do mundo. As que não são bellas e grandiosas são simplesmente bellas — *acceptuando a portugueza*, que é deploravel. Em cada uma das outras collaborou

com a arte o sentimento patriotico ; no projecto portuguez... nem sei que lhes diga !

Imaginem, os que não viram, um barracão com tres janellas que devem dar muita luz para o interior ; ao fundo do barracão ha uma porta gradeada ; no telhado tres ou quatro bandeiras. A opinião geral, quando se nos depara similhante construcção, é que está alli uma vaccaria em excellentes condições : adivinha-se muita luz, muito ar e muito asseio. Deus queira que bem alimentem as vaquinhas ! Está a gente a vel-as sahir pela porta de ferro, com têtas que parecem odres, e os vitellinhos a vociferar dentro do cano da bota : — «Ora o diabo do pavilhão !»

Ora, em consciencia e entre nós, que ninguem de fóra nos ouve : não será melhor demorar o tapume e conservar quanto possivel o mysterio ?

XI

Noventa e sete concorrentes a uma cadeira de instrucção primaria n'uma aldeia, e enire elles um bacharel formado : — tal a noticia que appareceu hontem na imprensa de Lisboa e que impõe meditações pouco risonhas a quem se preoccupa ainda nas miserias dos outros. Ganha o professor primario uns 420 réis diarios, que ha dez annos valiam quatro centos reis e que hoje, dada a carestia de tudo, orçam por metade do aeu antigo valor. E' certo que a vida d'aldeia menos custa que a da cidade, mas a quantos de nós é permittido pelas condições da existencia ir refugiar-se na aldeia ?

O caso noticiado na imprensa é um symptoma aterrador da miseria publica, e o accrescimo do pobre bacharel que consumiu a mocidade em conquistar a formatura. Deus sabe com que sacrificios da familia, — para hoje disputar os taes 400 réis diarios aos outros 96 infelizes — é

para affligir devéras quem tem de olhar pelo futuro dos filhos. E no quadro que para ahi se ostenta — das industrias, da agricultura, dos officios e do commercio, como nós sabemos, — dos cursos esmagadores e dispendiosos, ao fim dos quaes o rapaz *formado* liquida em pretendente a quatro centos réis por dia, — n'esse quadro, digo eu, está a justificação da *furia burocratica*. Entende-se: é pouco, mas é garantido — quanto portuguezmente se póde garantir alguma coisa. Mas, quando todos os Portuguezes — excepção dos *raros apenas* — forem empregados publicos, quem demonio pagará para sustental-os?

*

Só n'uma cidade grande, onde é licito occultar dolorosos expedientes, se produzem *factos* como os que eu conheço por especiaes circumstancias... e um tanto por experiencia propria. Refiro-me a accumulação de trabalhos: conheço um empregado publico — 2.º official — que é cobrador de dois Monte-Pios, e um official do exercito que é revisor de uma gazeta, mais ou-

tro empregado publico, tambem 2.º official, que faz a *escripturação* de quatro mercearias, e um escriptor publico, muito relacionado em Corva e em Mondim, que ainda o anno passado enchia os recibos de uma Companhia — a 5o reis a duzia. Hão-de dizer-me que não são deshonrosos taes expedientes, e eu digo que são apenas *amargos* — pois que, emfim, os homens que usam d'elles, para, com dignidade, sustentarem os seus, não poderão furtar-se, um dia por outro, a confrontações severas — da sua sorte com a de triumphaes e consiflorados gatunos...

Quanto ás outras considerações — impessoaes — volto a dizer que a vida entre nós não está para alegrias, nem para indifferenças, pois que não se vê no horisonte nesga de céu azul. Mas é provavel que aos espiritos gravidos de philosophia conformada se affigure bastante o *heroismo*, para melhorar a vida d'este povo, — e em tal caso terão um dia, breve, a palavra os *8o a 9o %*, e só Deus sabe o que elles dirão!

*

Outra coisa :

Hontem á noite, passeando eu por S. Pedro d'Alcantara, vi um ajuntamento de povo. Aproximei-me, e notei que uma mulher da especie conhecida por *as infelizes* berrava as ultimas injurias, á porta de um estabelecimento, dirigindo-se a uma especie de fadista que lá estava dentro — amolando. A *infeliz* accusava-o de lhe haver roubado tudo que ella possuira, vociferava as ultimas obscenidades e desafiava-o para a rua, promettendo-lhe fazel-o *em picado*. O fadista, muito branco sorria nervosamente — e não saía.

Durou um quarto de hora, ou mais, aquelle espectaculo immundo, sem intervenção policial — bem entendido. E, quando a *infeliz*, farta de inuteis provocações, abalou, jurando vingar-se, o fadista saiu do estabelecimento, e, encostado á parede, encetou explicações ao respeitavel publico.

E então um sujeito novo, bem vestido e bem parecido, interrompeu o fadista, e disse lhe severamente :

— O senhor e outros assim é que teem a culpa d'estas porcarias. O senhor é um homem na flor da idade; talvez seja um operario, e abandona o trabalho para viver á custa d'estas perdidas!

Qual imaginaes vós que foi a resposta do fadista? Foi esta, que eu reproduzo sem commentarios:

— «Pois, senhor burguez, fala vocemessê com cabeça; mas quem nos ensina esta regra de mal viver são os burguesitos novos e pobres que casam com velhas ricas. Com o devido respeito, meu patrão, se um pobre diabo dá em *chulo* é porque tem os exemplos nas camadas finas!»

XII

Hoje, eleições municipaes; grande coisa é o suffragio dos carneiros — com batatas ou sem ellas! Claro que ninguem perde o seu tempo, se tem juizo e assumptos sérios em que pensar,

a discutir uma Camara Municipal de Lisboa. E' apenas, a proposito da réles farça de hoje, que eu quero narrar um caso a que assisti, demonstrativo da orientação... já não digo dos *80 a* 90 %, mas de superiores influentes no resolutivo acto eleitoral.

*

Haverá quinze annos, estavamos, uma noite n'um espectaculo, em Lisboa, Nuno Castello Branco — filho de Camillo, — Narciso de Lacerda, Fernando Leal e eu, quando n'um intervallo, um sujeito que se aproximou de Fernando Leal, com quem se mostrou relacionado, lhe perguntou, em voz baixa, quem eram os seus tres companheiros. Voltou-se para nós Fernando Leal e pediu-nos licença para apresentações. Concedida a licença, viemos a saber que o sujeito era um professor de coisas, muito instruido — affirmava o Fernando, — e tivemos ensejo, os tres, de saber que elle nunca ouvira falar de nós.

— Mas decerto conhece Camillo? ponderou Fernando Leal, desejando attenuar a situação.

— Ah! o sr. Camillo, esse conheço eu perfeitamente. Tenho-me farto de trabalhar com elle em eleições!

— Camillo em eleições!...

—!...

—?...

— Decerto, na Régoa. Por signal, os regeneradores, graças ao sr. Camillo, quando não vencem *por bons modos*, vencem a cacete.

—O senhor fala de Camillo Castello Branco?!

— Qual historia! Eu falo do sr. Camillo de Macedo. *Nem conheço outro.*

— Nunca ouviu falar de Camillo Castello Branco?!

— Nunca!

... Era professor de coisas, e assaz resolutivo em materia de suffragio.

Adiante!

XIII

E' a proposito de, n'um jornal de Lisboa, eu vêr um apello á *diplomacia portugueza*, para que ella resolva questões pendentes na Madeira e nos Açôres, que eu lhes falo hoje, aos meus amigos, de um curioso encontro que tive hontem no Chiado.

Imaginem que, no momento em que os ares se turvam, ou se toldam, na hypothese de uma terrivel conflagração, o nosso ministro na Russia — sr. Agostinho d'Ornellas — anda a foliar pelo Chiado, mais o seu monóculo, e a inteirar-se do que vae pelo mundo — lendo os telegrammas na Havaneza! Dizia-me, ao vêl-o tão buliçoso e reinadio, um amigo meu que á porta da citada tabacaria commigo palestreava;

— Ahi tem você a nossa diplomacia no estrangeiro, e ahi tem justificada *a remessa* de certos diplomatas para Lisboa...

E' certo, mas pelo que respeita ao sr. Ornel-

las, todos nós sabemos que até para tomar parte nos festejos do casamento do Czar foi *extraordinariamente* nomeado o sr. conde de Ficalho, o que denota que o ministro residente nem para os festejos servia : e, se elle não servia para tão vulgar e divertido fim, claro está que deve julgar-se inutil no terreno da diplomacia pura — e, portanto, justifica-se que no Chiado se ostente.

Alli está outro ministro que mais falta decerto faz no seu posto e que, todavia, lá não põe os pés, nem que o matem. E' o sr. Antonio Ennes, que *ministra* os vencimentos de nosso representante no Brazil e que não sahe da sua vivenda de Quéluz, á beira do hotel Ladislau (1). Diz o sr. Marianno de Carvalho — que está muito constrangido aquelle original diplomata e certo é que a má disposição de espirito se revela nas suas locubrações ácerca de Inglezes e Boers : capa d'asperges e chateza. Mas, a falta de tratado com o Brazil fecha-nos o mercado brazileiro aos nossos vinhos, e o facto de lá termos,

(1) Em 1900. Já acabou a pandega.

no Rio, um substituto do ministro, não é de molde para robustecer sympathias no Brazil para comnosco.

Tudo isto constitue élos de uma cadeia ao fim da qual está a nossa ruina, o nosso descredito, etc.; mas o paiz não quer saber de *historias*, porque não são da sua competencia. Não está direito, e vae andando... torto.

XIV

A proposito da guerra na Africa Oriental vem, pelo ordinario e naturalmente, pensarmos na marinha de guerra portugueza. Ainda hontem eu bordava commentarios ácerca do lamentavel estado dos nossos vasos de guerra, e hoje depara-se-me n'uma folha de Lisboa a seguinte *nota* ácerca do nosso navio chefe :

«Tornou a fundear no Tejo o cruzador *D. Carlos*, que ha pouco sahira a barra, afim de serem examinadas devidamente as condições do

seu funccionamento, visto faltarem ventoinhas e outros annexos necessarios a um navio de guerra.

«Seria favor dizerem-nos como é que depois do navio construido, lançado ao mar e devidamente inspeccionado por uma commissão official technica, vem para Lisboa apresentar a falta d'apparelhos indispensaveis!

«Perguntar não offende, ainda que a resposta seja difficil de dar»

E' claro que ninguem responde, mas assiste ao contribuinte o direito de, em tal caso, perguntar aos seus botões, mais ao infinito, que especie de pouca vergonha vem a ser a que, durante estirados mezes, e até annos, subsidia no estrangeiro uns technicos que, pelos modos, em tudo se occupam, menos em fiscalisar as construcções dos navios — tão onerosas para o esfoladissimo paiz!

E o que se dá com o *D. Carlos*, feito em Inglaterra, está se dando em França com os cruzadores *S. Raphael* e *S. Gabriel*, no sentido de nos venderem... lôdo por banha de cheiro, e de não nos atrevermos, sequer, a balbuciar a palavra *indemnisação* pelas intrujices soffridas! Sô-

mos, entre diversas coisas tristes, o paiz das indemnisações... a pagar. Não ha empreiteiro, ou aventureiro troca-tintas que nos não arreganhe a dentuça, exigindo indemnisações, depois de nos haver burlado, e ameaçando-nos com o *seu governo*, e o nosso rico povo diz que são os governos quem paga, e coça-se, indifferente, no cú.

Estamos, realmente, a expiar com dureza, cruel para pessoas tão molles, as façanhas dos nossos maiores contra o gentio do Oriente!

*

Muitas asneiras se tem dito, e dirão, a proposito da guerra imminente (?) na Africa Oriental. E não é apenas entre nós.

Exemplo:

«*Londres 7, ás 12 e 45 n.* — O correspondente do *Daily Telegraph*, n'um telegramma de Ladysmith, diz que, segundo noticias que julga auctorisadas, o plano de Joubert consiste em deixar-se vencer em Laing's-nek, a fim de attrahir

os Inglezes, com esta derrota apparente, a uma cilada que terá disposta para esse fim.»

Este projecto estrategico, attribuido a um homem como aquelle, e a correr pelas boccas do mundo, é tão replecto de ingenuidade que parece obra da minha creada em collaboração com algum policia das suas relações. Eu digo do general Joubert — *um homem como aquelle*, porque não me esquece a reflexão conceituosa, firme e resolutiva, por elle proferida ha dias no parlamento e, infelizmente para os Boers, desprezada por elles :

«— Não devemos attender ás communicações diplomaticas de Inglaterra, mas aos seus armamentos.»

... Infelizmente para o Transvaal, tem-se deixado *embrulhar* nas communicações diplomaticas. Não lhes parece que já não se desembrulha ?

XV

Como eu em tempos insistisse por uma revisão de matrizes — a valer, o que poderia dar ao miserrimo Thesouro o consolo de alguns milhares de contos, e como tambem lembrasse coisas do Fomento Agricola, muito faladas e conhecidas e por egual abandonadas — taes como os bancos ruraes, o aforamento de terras incultas aos pequenos agricultores, a concessão de instrumentos de lavoura e de sementes a esses filhos de Deus : como, emfim, eu houvesse mostrado um certo interesse por essas coisas secundarias, quando as primarias são politiquices e syndicatices, um nosso compatriota *que toma nota de taes lembranças* tem a de me perguntar se eu, por um acaso, sei de algum elixir para accudir ás afflicções do Thesouro, em vesperas do pagamento aos Mac-Murdo. E que não basta commentar pavorosamente...

*

Estou d'accordo em que não bastam commentarios — quer talvez dizer censuras, — se dispomos de elixires, ou de alvitres. Vae, pois, ser satisfeito o nosso compatriota, pois que lhe vou indicar alli á mão alguns milhares de contos, quantia superior á que teremos de pagar aos Mac-Murdo. Tome lá nota d'esta lembrança:

Refiro-me aos milhares de contos do Imposto de Rendimento devidos ao Estado pelos Bancos e pelas Companhias mais importantes do paiz. Citar-lhe-hei hoje, apenas, a Companhia das Lezirias e a Companhia Nacional (de Navegação) as quaes devem, juntas, mais de mil contos de réis. Esta Companhia Nacional que distribue dividendos de 150 % (cento e cincoenta por cento: não haja duvida!) é o paraizo terreal, onde médram até ao perigo de rebentamento os Bensaude, os Mayer, os E. George, os Netto e outros judaisantes, ou dignissimos de o ser. E' a interessante Companhia a quem, pela protecção concedida á singular Empreza Nacional nas taxas aduaneiras de Angola, — se deve o atrazo e

talvez se deva a desgraça do commercio da nossa Africa Occidental, – em lucta com o Estado Livre do Congo, para o qual existe a li erdade de navegação, ou de pavilhão. Se alguem quizer lêr as estatisticas, comparadas, de exportação portugueza, por Loanda e da do Estado do Congo, para a Belgica, ha de experimentar o desejo de conhecer as origens e causas da maravilha. Pois não deixará de encontral-as justamente onde se encontraram a ruina da Mala Real Portugueza e as difficuldades do caminho de ferro de Ambaca: é alli no paraizo terreal dos judaisantes, muito bem vistos na Direcção Geral do ultramar...

Mas, contos largos! O que eu digo ao nosso compatriota é que estão alli nas burras ou nas carteiras das taes companhias e dos taes Bancos os 7 ou 8 mil contos de que o thesouro portuguez tanto precisa. Foi o ultimo governo progressista quem encarregou uma commissão de elaborar um relatorio de calotes. Elaborou-se. Não se recordam de o sr. João Franco haver por elle perguntado, ha mezes, no parlamento? inutilmento perguntou. Pois foi elaborado—foi!

XVI

Aqui temos nós controversia internacional sobre um assumpto que parece fóra da discussão. Refiro-me ao *Jogo*. Foi sempre opinião minha e de muita gente boa que o tal vicio — pois que não se atrevem a reprimil-o *em toda a linha*, — deve ser fiscalisado e tributado com o maximo rigor. Mas tal *fiscalisação* não quer dizer dizer *protecção*, e, todavia, aqui vemos ás portas das academias de bilhar, onde ha o accessorio de femeas baratas, a policia a garantir o bom andamento das malandrices.

E sobre o caso vae levantada rija contenda Objecta-se que a policia está alli prevendo a hypothese de desordem; mas, dado que tal rasão fosse coisa séria, naturalmente se objectaria que a policia á porta de taes antros deveria impedir que os menores e as mulheres alli entrassem: isso faria parte da *fiscalisação* — e não é isso o

que se faz. O mulherio e os fedelhos escolares e outros para alli vão jogar... não sei o que.

Ignoro se os *politicos* vêem no assumpto mais um pretexto para politiquices; no entanto, a mixordia continuará a ser assumpto para exploração exercida por desaforados mariolas da baixa Imprensa: os que sacam sobre os donos de batotas, empunhando a navalha da *chantage*. Que de meliantes eu tenho conhecido, em Lisboa e ahi no Porto, — desde ha vinte e cinco annos até agora que estou escrevendo, a sugarem o pús d'aquella chaga, dando-se ares de applicar-lhe o cauterio!

...Emfim, d'um lado, as reclamações da Moral, do outro as dependencias reciprocas em que tudo isto vive: supponho que a Moral perde o seu tempo.

*

Tem maravilhado os nossos indigenas o facto de a armada ingleza apresentar hoje um effectivo de 409 navios de guerra, no valor de 500 mil contos de reis. Os navios inglezes dividem-se nos seguintes *grupos*:

64 grandes couraçados,
35 guarda-costas,
22 cruzadores couraçados,
119 cruzadores protegidos,
16 cruzadores não protegidos,
35 porta torpedeiros,
20 destroyers.
98 torpedeiros.

Admiravel, pois não é? Mas, se os *80 a 90 %* estivessem habilitados a pensar, eis o que elles pensariam:

Que em 65 annos de vida constitucional, para deixarmos em paz os tempos das vaccas gordas, temos gasto em patuscadas *mais de 500 mil contos.* Ora, vejam os *80 a 90 %*, mais os restantes, que formidavel esquadra nós poderiamos ter, a esta hora, — salvo o caso de os Hespanhoes nol a metterem no fundo, como fizeram á dos Estados Unidos!

E' triste coisa o abuso das patuscadas!

XVII

O projecto patarata, que tem incommodado o pessoal dos telegraphos, e atarantado os patetas de todos os paizes, é aquillo de uma alliança entre a Allemanha, a Russia, a França... e a Hespanha, para o fim de embargar a expansão e o predominio da Inglaterra e dos Estados-Unidos. A pobre França vae a reboque da Russia, e dão as cartas o Russo e o Allemão. A Hespanha entra na quadrupla, evidentemente, para nos desgraçar — dado que os Inglezes venham, como nas guerras do Primeiro Imperio, fazer finca-pé em Portugal.

Está a gente a prevêr as esquadras inglezas e americanas mettidas no fundo, a Inglaterra expulsa da Asia e da Africa, os Estados-Unidos encurralados... em si proprios, e o pobre velho Portugal — tóma tu, leão de Castella! ahi

tens *a compensação* de tuas recentes desventuras!

E' o caso de comprar nova juba e umas garras catitas em segunda mão...

*

Mas, já o La Fontaine, nas suas *Fabulas* immortaes, previra a quadrupla alliança — com Allemanha, Russia, França... e Hespanha. Foi quando escreveu o que nós assim traduzimos:

Uma vacca e uma cabra
E uma ovelha paciente
Se juntaram, companheiras
De caça, ao leão potente.

Lembram-se do resto? O leão comeu tudo e deixou *as outras* sem nada.

D'esta vez, na quadrupla, ha dois leões, uma vacca... e uma cabra.

Aproveitemos a occasião para desejar que *nuestros hermanos* consigam dar cabo do seu typho permanente... e acabar de bombardear

e metter no fundo os portos e os navios dos seus inimigos!

*

Agora, a proposito de outra noticia sobre allianças, ou combinações, em que não figuram *nuestros buenos hermanos*:

«Os jornaes allemães são unanimes em predizer que os boers ganharão, nos primeiros encontros, victorias de tal ordem, que fornecerão á França, Russia e Allemanha um ensejo favoravel de intervir, para salvaguardar a independencia do Transwaal.»

E o philosopho Tiberio, mais eu, sustentamos:

1.º — Que o Transwaal será esmagado na lucta.

2.º — Que em nenhum caso as potencias se atreverão a intervir.

E apostamos.

XVIII

Seguem caminho, para *instrucção* dos pacovios, as pêtas relativas á guerra, — pêtas e disparates. Entre estes figura o seguinte de um jornal de hontem, cá da capital:

«Um comboio blindado, conduzindo peças d'artilheria inglezas, foi destruido pelos boers. Por aqui verão os inglezes que a pontaria dos atiradores boers continúa a ser admiravel.»

Está persuadido de que a *pontaria dos boers* foi applicada á destruição do comboio! Mas ha mais: outro critico das operações militares espanta-se de que só morressem 15 soldados inglezes, — depois de haver noticiado que o comboio transportava material de campanha.

Queria um corpo de exercito a acompanhar o material.

*

Na obra divertida de registrar taes pêtas e

disparates, produz hoje o *Popular* as seguintes indicações:

«... Ha dias, segundo diversas gazetas, os boers pegaram n'um canhão colossal e só com 8 juntas de bois encarrapitaram o tal canhão no cume de um monte d'onde dominam... grande parte do Natal.» Vejamos agora o que elles fizeram na fronteira portugueza.

Conforme o *Diario de Noticias*, «abriram esconderijos nos pilares da ponte Komatipoort.» Não se percebe bem para que diacho lhes deu a mania de abrirem esconderijos nos pilares de uma ponte. O *Seculo*, porém, explica o caso n'estes termos:

«LONDRES 13, ás 7 h. e 45 m. n. — Telegrapham de Lourenço Marques que os boers *tiraram* tres pilares da ponte de Komati-Poort, sobre o rio Incomati, nas montanhas de Lebempo, que separam a colonia portugueza do Transwaal.»

Olha o diacho dos homens! *Tiraram* tres pilares da ponte e abalaram com elles, assim como quem não quer a coisa.

Pondo estas coisas todas em lingua de gente christã, conclue-se que os boers *minaram* os pilares da ponte do caminho de ferro sobre o Incomati em Ressano Garcia. O Incomati corre alli encostado aos montes Libombos, que formam a fronteira. E' até possivel que nos pilares houvesse camaras de minas e que os boers as carregassem. O facto apenas prova que elles teem mediocre confiança na neutralidade de Portugal.»

*

Temos, porém, mais serio motivo para annotações, sem sahirmos do terreno do conflicto. E' aquillo da entrevista realisada entre um collaborador do *Daily-News* e dois cidadãos portuguezes que foram a Berlim representar-nos no congresso geographico.

Se não falta á verdade o jornalista inglez, os nossos compatriotas disseram coisas de entupir: entre ellas, as seguintes:

«O *Foreign Office*, actualmente, limita-se a pedir a neutralidade de Portugal. Esta neutralidade será observada, mas em caso de guerra

entre a Grã-Bretanha e o Transwaal, Portugal não fará nenhuma declaração official de neutralidade.

«Em caso de necessidade o governo portuguez auctorisará o desembarque de uma parte das tropas inglezas em Lourenço Marques e a marcha do corpo expedicionario atravez do territorio éste-africano portuguez, porque não considera o Transwaal como um Estado independente.»

... Aquella do *Foreign Office* a pedir a neutralidade de Portugal, lembra um tanto a phrase do sr. Antonio de Serpa, o chefe regenerador, quando o general Sá Carneiro lhe chamou na camara dos pares uma coisa que só se chama aos rapazes de maus costumes:

— «N'esta edade é favor!»

Mudadas as guardas á fechadura, *é favor* pedirem-nos neutralidade no preparo em que nos encontramos...

XIX

Salvo a hypothese, mais que provavel, de virmos a pagar boas custas do conflicto entre Inglezes e Boers, não deixa de ser interessante discorrer sobre as hypotheses da victoria por parte de um outro belligerante. Interessante — para satisfazer um leitor e destruir illusões de outro, firmadas em patriotico resentimento contra a Inglaterra. Infelizmente, para os justos resentimentos, não ha meio de manter taes illusões.

Aqui tenho eu na minha frente considerações, indiscutiveis, de um collega versadissimo em assumptos internacionaes, sem quebra de sua auctoridade em discussão de negocios cazeiros. E' quando elle registra o frio e prudente calculo dos inglezes, na consolidação do *imperio africano desde o Cabo até ao Cairo*. — «Tendo soffrido dolorosos revezes na lucta com os fanaticos do Sudan, o governo inglez demorou, em quanto

lhe conveio, a desforra, e só n'ella se empenhou quando seguro de bom exito. No dia em que derrotou os madhistas e tomou Khartun, arredou violentamente os francezes do seu caminho, em Fachoda, e começou a lucta politica com o Transvaal. Seguro do norte do imperio applicou a sua attenção para o sul e não se passarão muitos annos sem que ligue effectivamente os dois troços externos do seu collossal imperio. Sendo taes os seus designios, claro está que não deixará vencer-se pelo Transvaal, custe-lhe a victoria o que lhe custar. Preparada a avançada, não recuará mais.»

Assim o devemos crêr, — sem tentativas de illusão.

*

Uma vez travada a lucta, — e não deixa de ser para assombro que os boers ainda aguardem, para romperem hostilidades, os completos preparativos da Inglaterra, — é provavel que elles invadam Lourenço Marques, não com o proposito de se sustentarem n'uma cidade maritima, mas para destruirem a linha ferrea desde o mar

até á fronteira, no Incomati. E então impõe-se fatalmente a intervenção da Inglaterra, — para nos acudir e para acudir-se, arrancando ás mãos dos boers aquella linha de communicação. Teremos então os navios inglezes na bahia de Lourenço Marques e os soldados inglezes dentro da cidade; e então...

*

Então será o que alli diz o *Popular*, e eu tenho dito, por outras palavras, aos meus amigos de Cerva e de Mondim:

«Dadas taes probabilidades que serão ámanhã talvez certeza, acabou a neutralidade de Portugal, que se tornará potencia belligerante mais no papel que nos factos da sua acção. E, provando-se que são precisas forças inglezas para defenderem o territorio portuguez, o Egypto nos está ensinando o que hade vir a succeder, ainda com a differença de que á posse do paiz dos Pharaós se oppunha a Europa inteira, emquanto ácerca de Lourenço Marques umas po-

tencias não querem e outras não podem oppôr-se.»

*

Não passem em claro estes dizeres das *Novidades* de hontem :

«A guerra só por milagre se poderia ainda evitar. Quem tem interesses em Africa — e ninguem os tem mais do que nós — tem de preparar-se para a guerra. Efficazmente, e já !»

...Ora, os interesses que nós iriamos defender seriam simplesmente os da Inglaterra. Os pobres *80 a 90* % a derramarem o seu sangue ao serviço do inglez — seria talvez demais em monstruosidade : seria um supplicio infamante !

*

Outra coisa. Pondera-me *um velho leitor*, a proposito de eu sustentar que o Transvaal tem de ser vencido, o seguinte :

— Que elles estão (os boers) em sua casa e que os Filipinos, em taes circumstancias, tem resistido aos Americanos, como os Cubanos resistiram aos Hespanhoes. A taes ponderações, replicarei :

Não esqueça o meu *velho leitor* que, em taes circumstancias, a França em 1870 não conseguiu embargar a invasão germanica, e que ha dois annos — ainda em taes circumstancias, — os Gregos não poderam resistir á invasão turca. E deixe-me accrescentar que os Cubanos viriam, talvez, a ser subjugados pelos Hespanhoes, se não fôra a intervenção dos *yankees* e se os generaes hespanhoes não fossem .. o que nós sabemos. Quanto aos Filippinos, bem sabe que os Estados-Unidos ainda não atacaram a valer...

Mas, não hesito em concordar com o *velho leitor* — em que será formidavel a defeza do Transvaal, na guerra que está imminente.

XX

Iniciei hontem uma relação de disparates que correm mundo ácerca da guerra imminente dos Inglezes e dos Boers, e comecei pelo projecto estrategico attribuido ao general Joubert. Hoje o *Popular* traz uma lista de taes absurdos, e entre elles o projecto estrategico a que me referi. Vejam a lista, ou relação, que é interessante e que me dispensa de investigações e de compilações:

«... Para fazer ir pelos ares a ponte do caminho de ferro na fronteira do Estado Livre de Orange com o Cabo, foram enviadas 40 toneladas de dynamite. Eia! tanta dynamite! Até parecem 7 alfaiates a matarem uma aranha.

O Ministro Reitz do Transwaal declarou ser inevitavel a guerra, porque não ha esperanças de paz. O sr. Luciano de Castro e o amigo Banana partilham este modo de vêr atilado.

Só os allemães alistados no exercito do Transwaal são 4 mil. Unicamente nunca houve tantos allemães no territorio da republica, mas talvez chovessem do ceu como maná.

Façam os senhores ideia, de que 10 mil boers em attitude bellicosa se apresentaram junto da povoacão ingleza de Charlestown. Mas as auctoridades inglezas mandaram sahir alguns policias e os 100 mil boers foram-se embora. Abobora!

O general boer Joubert *(é o tal caso)* mandou dizer aos inglezes qual é o seu plano. Deixa-se bater no desfiladeiro de Laing's Nek e depois, quando os inglezes arrancarem, dá com elles n'uma cilada e é uma vez uns inglezes. Só lhe faltou dizer onde e como é a cilada, mas até parece estrategia da *Aida*.

Ao Cabo chegaram 6 mil inglezes emigrados de Pretoria e não eram todos mas só os ultimos inglezes que lá estavam. Unicamente não cabiam tantos inglezes na capital do Transwaal, nem se percebe o que teriam lá que cheirar.

As hostilidades ainda não tinham começado no dia 7, mas n'esse dia já os boers se tinham

apoderado de New-Castle e de outras povoações inglezas.

«Estando os Boers muito senhores de si e da sua força, o ministro dos estrangeiros no Transvaal mandou á cautella a familia para o Natal, e o presidente de Orange mandou a familia para o Cabo. Irrisorio! Ao menos o sr. Luciano de Castro, se não vae ao Porto, não manda a familia para lá — e faz elle muito bem.

Querem saber porque não romperam já os boers fogo contra os inglezes? Foi por falta de... pormenores!»

... Taes respigou o *Popular;* mas as tolices em tom doutoral não téem fim.

Nem as mentiras dos novelleiros e dos especuladores.

*

Dois actos *de força* praticados pelo sr. José Luciano, muito gabados por quem os considera *espontaneos:* um d'elles é o que faz entrar na ordem os estados independentes — vulgo ilhas dos Açores, — obrigando-os a receber da metropole mercadorias, passageiros e bagagens; o

outro é a annullação do monopolio da carne, ou projecto de tal coisa engendrado pela interessante camara municipal de Lisboa.

Eu referi-me aos gabos de quem considera *espontaneos* os supra-citados actos de força; é que não falta quem attribua o que se refere á carne, á attitude da imprensa e á do povo de Lisboa, — quanto ao que se refere aos Açores, crê-se que a *espontaneidade* do chefe do governo foi um tanto extrahida a forceps pelas Associações Commercial e Industrial da mencionada cidade de Lisboa.

E pois que as eleições estão á porta — se não hover transtorno, ou mutação de scena, bom é ter ao menos por si a capital, já que o norte do paiz deve estar tremido.

XXI

Pois que os *assumptos nacionaes* continuam a ser — peste e seus derivados, continuarei a d

positar as minhas impressões ácerca da guerra travada no seio amigo dos meus amigos do Alto Minho.

Dizia-me um inglez muito relacionado com diplomatas, ao apresentar-se a hypothese de uma guerra entre os Estados Unidos e a Hespanha:

— «Não haverá guerra. Ainda hoje me escreveu de Londres F. (um ex-ministro de Inglaterra em Lisboa), citando me por parte da Diplomacia aquella phrase franceza: *Nous avons changé tout cela.* Quer elle dizer que já não teremos mais guerras, pois que os diplomatas tudo resolverão pacificamente.»

E eu disse ao subdito de Sua Graciosa Magestade — que haveria guerra, pois que não se tratava de questiunculas de amor-proprio e de gloria, mas de um velho plano de expansão dos Estados-Unidos dentro e fóra do Novo Mundo, e que estava comdemnada a primeira victima. Quando ás delongas dos Estados-Unidos, previnham apenas de não estarem ultimados os seus preparativos, — o que a Hespanha, com uma insensatez de condemnado, deixava de aproveitar.

Rebentou a guerra, e viu-se...

*

Pois, senhores, ha quinze dias dizia-me o mesmissimo inglez :

— Não haverá guerra. Sei de boa fonte que a Diplomacia trabalha sériamente...

E eu :

— O meu caro amigo está-me reproduzindo os seus vaticinios de ha dois annos, e apenas me dá o trabalho de reproduzir as objecções que lhe apresentei n'essa occasião, com ligeirissimas variantes. Dir-lhe-hei pois — que haverá guerra, pois que a Inglaterra não se lança n'ella por uma questão de gloria ou de amor-proprio, mas em obediencia a um velho plano de expansão no continente negro ; e as suas delongas provêem simplesmente de não estarem ultimados os seus preparativos. — o que o general Joubert facilmente reconheceu, mas o que o presidente Kruger parece desconhecer, ou desprezar, appellando para a *justiça de Deus*, Vae vêr a guerra — e o restante...

XXII

Escreve-me um *patriota*, ácerca do conflicto entre a Inglaterra e o Tranvaal, e no seu escripto vejo coisas de ponderação, que já tenho ouvido em diversas tabacarias, — taes como estas: — «Cada boer é um atirador e cada tiro mata um inimigo. Alem d'isso, os boers estão em sua casa, o que é tudo. Veja as Filippinas rezistindo ao poderio dos Estados Unidos, e lembre-se dos Cubanos pondo em cheque 200 mil Hespanhoes. Os Inglezes estão em péssimos lençoes e fique-se n'esta o grande amigo da Grã-Bretanha!

*

Ora, eu não sou precisamente o «amigo da Grã-Bretanha», como perfidamente me diz o *patriota*, quiçá especulador da manteiga ingleza. O que me não permitte a minha idade, nem o meu criterio, é deixar-me ir na corrente das *opi-*

niões de bazar de tres vintens — as que dispensam o mais singelo raciocinio. E assim direi ao terrivel inimigo da Ingjaterra :

Essa de um individuo morto por cada tiro disparado por um boer é para ser dita por um andaluz e ouvida por um pateta de qualquer paiz. Se houvessemos de admittir taes hyperboles, que seria do mundo inteiro perante uma invasão dos Boers? Porque, emfim, 50.000 atiradores a atirar sobre os adversarios, na razão de 50.000 tiros por minuto (dar tempo á pontaria !), por cada tiro morto, dá-nos as horripilantes sommas de 3 milhões de mortos, por hora, ou 36 milhões de mortos por 12 horas de cada dia, (deixar dormir os atiradores !), ou 1.080 milhões de mortos em um mez de trinta dias. Adeus, planeta, que te despovôas !

*

Ahi temos nós outra ratice : é a affirmação de que os Boers estão em sua casa, *o que é tudo.* Não é tudo ; e a citação dos Cubanos e das Filippinas é um dislate. Os Cubanos resistiram em sua casa aos Hespanhoes, porque os generaes

da Hespanha mais tratavam de fazer fortuna, prolongando a guerra, do que de sustentar vigorosamente a campanha ; e, por fim, os Cubanos teriam succumbido se não interviessem os *Yankees*. Quanto aos Filippinos, rezistem por ora aos Estados-Unidos ; mas quem viu já os Americanos atacarem a valer o archipelago, empenhando sérios recursos no ataque ?

Em sua casa estava a França em 1870, e viu-se como não embargou a invasão germanica ; em sua casa estava a Grecia ha dois annos, e sabe-se como não conteve os Turcos invasores ; e em sua casa estavam todos os povos que a Roma antiga esmagou e avassallou e os que, nos primeiros annos d'este seculo, Napoleão levou de vencida até ao jugo incontestado.

O *patriota* não está em si.

XXIII

A peste bubonica tem feito as delicias de varios luzitanos, desde os que augmentam o preço dos desinfectantes, até aos que lançam mão da penna, para *desabafarem* nas gazetas.

Agora vejo eu no *Diario de Noticias* as seguintes lucubrações, porventura a estreia de um novo prosador:

«Sr. redactor. — Diz um sabio medico que os ratos são os principaes transmissores da peste; e d'ahi segue — as pulgas, etc., etc.

«Na rua do Arco, a Jesus, tornejando para a rua Formosa, ha uns edificios, casebres de eras remotas, d'onde sahem todas as noites, não direi dezenas, mas centenas de ratazanas, que para uma cocheira em frente vão fazer fornecimento de fava e milho e que os espalham pela rua fóra.

«Tem-se dado o caso, sr. redactor, de eu ter quasi que emprehender uma lucta energica com

os ratos que me assaltam as pernas, com seus guinchos especiaes.

«Ora, amigo redactor, sendo o rato o transmissor de varios microbios pestilentos, não haveria maneira de fazer com que o proprietario dos ditos edificios fizesse desalojar essas ratazanas transmissoras?

«As ratoeiras não seriam bastantes... A tiro!»

... Pois senhores, eu passo *todas os noites, ha 12 annos*, pelo sitio indicado, ao regressar a minha casa, — na travessa da Palmeira, — e nunca alli vi sequer um rato, nem sombra de similhante bicho. Não duvido de que os ratos do velho predio vão á fava — como acontece a muita gente boa, — mas com o descaramento verberado pelo novel prosador... não acredito. *Centenares de ratazanas* n'uma rua estreitissima, como o é, n'aquelle ponto, a rua do Arco, todas ellas a irem á fava e a agarrarem-se ás pernas do prosador... e eu, durante 12 annos e pico, todas as noites, em marcha pelo local, sem avistar sombra de ratazana... quer-me parecer um excesso de phantasia ratona.

Mas o diabo é o furor da prosa, quando faz

sair a campo *um amador*. Aqui temos nós no mesmo numero do *Diario de Noticias* outro novel posador a alvitrar como medida de salvação publica o exterminio dos gatos. E quem ha de dar cabo dos ratos que vão á fava e ás pernas do ratophobo — com guinchos especiaes ?! E o mais iniquo inimigo dos gatos attribue-lhes calumniosamente responsabilidades medonhas. Vejam isto :

— Que os gatos enchem de fócos de infecção as escadas de Lisboa.

— E que as senhoras visinhas lançam á rua tripalhadas de peixe, para sustento dos bichanos.

Isto não está certo.

Sem duvidas ha em Lisboa escadas de predios, que são o extremo horror da porcaria, mas isso acontece quando os moradores são pórcos. Onde mora gente limpa, as escadas são cuidadosamente limpas. E n'aquelle caso — das escadas immundas — os gatos são apenas concorrentes. Ha alli barris de lixo despejados, immundicies velhas e novas, depositadas pelos transeuntes *racionaes* e pelos *irracionaes*, e me-

donhas teias de aranha contendo microbios para trinta epidemias, etc. E o pobre gato é quem deve pagar as culpas — sendo o mais asseiado dos concorrentes?!

Quanto ás tripalhadas de peixe, olhe o *salvador* que as mulhersinhas não as lançam á rua para sustentar os gatos, mas para não terem *aquillo* em casa, á espera da carroça do lixo. Se suprimissem os gatos, continuariam as escadas de gente pórca a estar pórcas, as tripas de peixe a vir para o meio da rua — e as ratazanas mysteriosas da rua do Arco a ir á fava e ás pernas do outro... com os guinchos especiaes que nós sabemos.

Justiça! Justiça!

XXIV

Dizia-me ha tempos um homem de estado, pratico dos homens do seu paiz: — «O nosso patricio é, em regra, mandrião e invejoso.» E

desenrolava o seu pensamento nos seguintes termos: — «Não faz nada; é capaz de morrer de fome, por se não mexer; mas enfurece-se contra alguem que faça fortuna pelo trabalho, e não ha judiaria que o mandrião não seja capaz de fazer ao trabalhador.»

Isto está certo. Ha outra prenda a concorrer na maioria dos nossos patricios: — é a porcaria. O leitor, que é muito asseiado, deve ter, mais de uma vez. notado nos seus vizinhos de ascensor, de theatro, etc., uns cheirêtes reveladores de muita falta de limpeza. Lembro-me de um creado meu, quando eu tinha creado, — que dizia severamente a uma creada, sua companheira de serviço:

«— Esta mania de agua para os pés, todos os dias! Parece que os pés são mãos!»

*

Com a chegada e installação da Peste, o indigena desatou a pedir agua e sabonete, como pediria Termo e pescadinhas no Alto do Longo ou na Perna de Pau. E em toda a linha vae

um brado de indignação contra os delegados de saude *que não fazem nada*, mais contra a camara municipal e o governo, que fazem o mesmo que os outros, — como se o *lindo amor* do Pelourinho, mais o governo que estiver, seja qual fôr, não dispuzessem dos votos dos indignados, e não se conservassem á altura dos eleitores! Ainda assim, a melhor de que eu tenho conhecimento é a seguinte:

Notei eu, ha tempos, que a dona de uma estalagem, para os lados da... (não digo, para não entalar a mulher), creava a um canto do seu pateo umas gallinhas soberbas. Perguntei-lhe um dia se eram para vender — os animaes, e a mulhersinha confidenciou-me:

— Não se vendem.

— Ah! Come-as a senhora?

— Nada.

— São para pôr ovos?

— Nem isso. São para os policias.

— ?

— E' para elles não andarem de volta commigo, a exigirem *limpezas* e tolices...

Pois senhores, é esta filha de Deus, que su-

borna os policias para que a deixem chafurdar nas porcarias cazeiras, quem mais bérra, applaudida pelos fréguezes, contra os delegados de saude *que não fazem nada*, mais contra o *lindo amor* do Pelourinho e os da governança, que fazem o mesmo que os outros!

*

... Quanto á Peste, eu nutro esta velha convicção: a de que as epidemias fogem de nós, com muito nojo de tudo isto.

XXV

O philosopho Tiberio, que me tem censurado porque eu tenho contra a Hespanha *o que quer que seja*, applaude a maioria dos nossos patricios, porque elles teem contra a Inglaterra o *que quer que é*. E eu recordo-me da explosão de alegria que houve em Lisboa quando, em 1870,

os Francezes principiaram a apanhar tareias dos Allemães—«Isto agora não é a *Charles et George!*», vociferava-se em toda a linha. Queria dizer — que não tinhamos esquecido os aggravos da França e que, por tal motivo, se folgava patrioticamente com os seus desastres.

Ainda por identicas razões se regosijariam com uma derrota a valer soffrida pelos Inglezes os nossos patricios que não se esqueceram do *ultimatum*, mais dos accessorios. E eu, que considero muito bem cabida a susceptibilidade aggravada e de boa memoria, que exulta com a desgraça dos offenssores, pergunto a Tiberio — se não devemos conservar bem viva a recordação dos *60 annos de dominação hespanhola*, accrescendo o resto...

O qual *resto* vem a ser: a ideia fixa, entre *nuestros hermanos*, de tornarem Portugal a compensação das suas perdas recentes, — mais os chascos, os desdens e as biscatas que a toda a hora nos dirigem *gazeteiros* do paiz visinho, uns que téem a responsabilidade do ridiculo immortal das provocações facetas aos Estados-Unidos, — e tudo aquillo adubado com umas

considerações grutescas ácerca do nosso estado de fraqueza e de dependencia...

Com a auctoridade de que resa a Historia.

*

Não me passa d'aqui, — o que não obstou a que, no tempo da guerra de Cuba, me accusassem de *vendido* ao Hespanhoes! A logica da asneira obriga a considerar-me hoje vendido á Inglaterra — porque eu separo os motivos de aggravo do facciosismo entre feroz e lorpa. Mas eu não protesto apenas pela minha integridade; é tambem pelo incontestavel poderio da Inglaterra — que dispensa a minha coadjuvação.

*

O Banco de Portugal:

Sobre o assumpto *Banco de Portugal e Thesouro*, fala, nos seguintes termos, o Padre Mestre dos *Planos*. Meditem-n'os os meus amigos do Alto Minho:

«... Não é licito enconder, que além de mui-

tos centenares de contos conprehetdidos na carteira commercial, nas contas diversas e nas contas de credito e supprimentos, o thesouro ostensivamente já deu ao 51.666 contos, tendo apenas com segurança papeis de credito do Estado. Se este credito sobre o thesouro soffresse uma reducção de 30 % no seu valor, reduzir-se-hia de chofre a 34.443 contos e já não bastaria para pagar os 35.599 devidos ao publico.

«Não queremos assustar ninguem, nem pensamos que a situação do Banco ou dos crédores esteja arriscada, mas não é preciso grande pessimismo para que se apresente muito delicada e carecida da maxima attenção dos illustrados corpos gerentes do Banco. Não contrarie elle o thesouro, que, se o fizesse, faltaria ao seu dever, mas não se alargue tambem nas complacencias, que a situação desaconselha. Talvez já tenha ido longe de mais e convirá pensar-se em que é preciso e urgente parar.

«Andamos vivendo de illusões e nada ha mais perigoso.»

...Com o devido respeito, já andamos a viver sobre as illusões perdidas, e nada ha mais réles.

XXVI

Esta é do sr. Mariano de Carvalho, e tem logar n'esta pagina de philosophia pratica. Não sejamos egoistas!

«O mundo é uma bola; e partida ao meio são duas gamelas, das quaes uma cheia e outra vasia. Uns teem o nariz dentro da gamela cheia e são os felizes; outros procuram tombal-a para apanhar os caidos.

Justo! Justo!

*

Vem no *Popular*:

«A policia prendeu hontem, na estrada de Sacavem, João Vicente, morador na quinta das Gallinheiras, ao Alto de S. João, por estar dando jogo com uma roleta... a qual apprehenderam.

«Porque não dá a policia um passeio até Cascaes ?»

Passeiata inutil. Em Lisboa, ha ainda as rodas das castanhas... e ha as noites do Gremio. Mas, pelos modos, escaldam...

As castanhas e o Gremio.

*

Depois da caçada aos ratos, vamos ter a caçada aos gatos. Nãs ha meio de n'este paiz divertido atravessar sem rizota uma afficção !

Dizia, um vez, o *Beldemonio* ao pequeno Marius, a proposito de a mãe d'este pretender castigal o por uma falta... de asseio :

— «Deixa falar, Marius ! Dize á mamã que por mais faltas... de asseio que tu commettas, és sempre mais asseiado do que os *homens d'este tempo !*»

Dá-me vontade de applicar o dicto aos meus dois gatos, *Fausto* e *Mignon* : — Em vocês é que perseguem a peste os pestiferos !

*

São de Alphonse Karr e são minhas :

— O padeiro que todos os dias rouba no pezo e na qualidade da farinha centenares de pessoas chama *ladrão* ao garotito que lhe furtou um pão do estabelecimento, e ficará muito indignado se lhe disserem — que o *ladrão* é elle.

— Ha caracteres bons e caracteres maus — todos elles são de pessoas intelligentes.

Quem é estupido não tem caracter.

Nem bom, nem mau.

*

— Um amigo favorecido converte-se em furioso inimigo, ao primeiro favor negado.

E' da *Sabedoria das Nações*, ampliado pelo philosopho Tiberio.

XXVII

E' quasi geralmente conhecida a attitude dos Açores e da Madeira na questão da peste, — tomando medidas sanitarias contra o paiz e o governo. O *Popular* entende que os filhos dos Passos deveriam ter enviado o *D. Carlos* aos Açores e o *Vasco da Gama* (o couraçado) á Madeira, e que os dois vasos de guerra tudo reduziriam, á obediencia sem dispararem um tiro. Entende, ou simplesmente afirma o Padre Mestre dos *Planos* que o egoismo partidario do sr. José Luciano, temendo que os ilhéus votem contra os progressistas nas proximas eleições, explica, de certo modo, a complacencia do governo, — isto além da sua fraqueza. Ora, eu vejo razões para crêr que a tal reducção á obediencia, pela presença dos navios, sem dispararem um tiro (os navios, bem entendido), póde bem ser uma phantasia optimista. Alguma coisa mais grave do que os perigos eleitoraes se desenha

no horisonte madeirense, mais no açoriano; e sem óculo é a todos permittido vêl-a.

Queiram olhar — os meus amigos:

*

Sabe-se que o famoso cruzador *D. Carlos* tambem apresenta defeitos graves e até perigosos, além de, — segundo affirma o *Popular*, — o pessoal não se entender com elle. Os já famigerados *S. Gabriel* e *S. Raphael* estão, antes de servir, cheios de remontes e de tombas, que é mesmo uma pouca vergonha... franceza, para que se não riam os constructores inglezes. A ostreira couraçada (*Vasco da Gama*), apenas sahe a barra de Lisboa, solta gemidos de cortar o coração: soffre de callos, de rheumatismo e de unhas encravadas.

O *Adamastor*, pela sua parte, tem fraqueza de pernas, ou demasiado peso de cabeça, e quanto aos chavecos da velha guarda, só para uma revista — encostados á parede. E assim estamos de esquadra — á altura do resto.

Em taes condições de *força*, bom será não se

perder de lembrança a corrente separatista que no archipelago dos Açores engrossa á conta do autonomismo.

Ora, constituindo os Açores escala de navegação da America do Norte para a Europa, que muito será imaginar a hypothese de contra nós e a tal esquadra intervirem, n'um dado momento, aquelles que ha mezes espatifaram, n'um abrir e fechar d'olhos, o imperio ultramarino hespanhol? Quanto á Madeira, escala de navegação entre a Africa a a Europa, e entre esta e a America do Sul, dão será muito arrojado suppôr que os Madeirenses encontrassem quem *os protegesse por uma vez* contra as imposições da mãe patria. Estamos longe, creio eu, da simples resistencia á beira da urna, indicada pelo *Popular*.

XXVIII

Vamos de vento em pôpa! E levado pelo vento já um rapaz não acaba um curso, indo em seguida para a sua terra, sem que nos jornaes venha noticia que deixa a perder de vista as que *fazem o bota fóra* do Elvino. E' assim que nas *Novidades* vem uma das taes, referente a um d'aquelles casos, — noticia precedida de *travessão* e segnida do n.º 1089, da administração do jornal, na qual noticia se lê entre diversas maravilhas:

«Sua ex.ª (o estudante) entrou em sua casa, aproximadamente 3 horas da tarde. A's 7 horas da noite teve logar um jantar de vinte e quatro talheres, perfeitamente familiar, trocando-se muitos brindes, etc.»

... E', aproximadamente, o que me acontece todos os dias. A minha excellencia entra em

sua casa, pelas 3 horas da tarde ; o jantar, porém, vae logo para a meza. São quatro talheres; é perfeitamente familiar, e trocam-se brindes quando alguem da familia faz annos.

Mas isto não é razão para eu gastar 12$400 réis em uma noticia de 124 linhas a 100 réis. E' o preço nas *Novidades*.

E' o que eu digo : vamos de vento em pôpa !

*

Se umas incertas azemolas que fazem de policias alli na rua nova da Palma, para os lados de S. Domingos, quizessem ganhar o seu pão, eis o que poderiam fazer :

Sacudir dos passeios todos os estafermos, — moços de recados, alcoviteiras, meninas infelizes e diversos ociosos — que para alli se pespegam, horas esquecidas, e que obrigam os transeuntes a ir pelo meio da rua, com risco de atropellamentos.

Mas, as incertas azemolas só teem olhos para as sopeiras róliças !

*

Explicando as origens e causas do edital contra as gaitas, os ferrinhos e as trombetas dos vendilhões, dizem as *Novidades* — que um azeiteiro fôra tocar trombeta defronte da casa de um *poderoso da terra* e que, tendo a sopeira do *poderoso* intimado o azeiteiro a ir trombetear para o diabo, respondeu-lhe o trombeteiro — que tinha licença da camara. D'ahi resultou o *poderoso* obter o edital que deu cabo d'aquella e d'outras causticações.

Tambem os cautelleiros nos dizem que teem licença da camara; e eu heide mandar um cautelleiro berrar defronte da casa do *poderoso*, a vêr se este bemfeitor prende mais curto aquelles desenfreados!

XXIX

Reapparece-me, vindo de Nice, o philosopho Tiberio, que alli veraneou durante annos; salvo um pulo a Lisboa, de quando em quando, para matar saudades. Reapparece-me, diz elle — que para ficar aqui até morrer. Comprehendo, como filhote de Lisboa, a paixão de Tiberio, no poente da vida, pela terra que é sua e minha: eu acho-me impossibilitado, no resvalo á decrepitude, de me afastar da *cidade que me foi berço*, sem me sentir, ao transpôr as barreiras, dilacerar pela saudade e por um grande mêdo de morrer longe da travessa da Palmeira. Tiberio está em identico preparo moral: nascido e baptisado, como eu, na freguezia de Santa Isabel, residiu quasi toda a sua vida, na mesma freguezia,—rua da Arrabida, por signal, e alli quer morrer e alli se encafuou esperando a Morte.

Hontem, fez elle uma sortida, para afugentar o Tedio, qual inglez em Ladysmith a investir

contra o boer. Mais feliz que os sitiados da Africa do sul, Tiberio repelliu o inimigo, e ao visitar-me nas Mónicas, teve este dito, dirigindo-se aos pequenos sapateiros, na respectiva officina:

— «Meus meninos! vós sois os verdadeiros revolucionarios: sois vós que reformaes as *bases* da Sociedade!»

... As bases: isto é — as botas e os sapatos.

Tal está elle — o philosopho!

*

Chamou elle a minha attenção para a scena parlamentar de o illustre Espregueira da fazenda (sessão de hontem) ter recebido todas estas botas do notalissimo bacalhoeiro *doublé* d'um estadista — o sr. Mello e Souza:

«A gerencia financeira do governo tem sido: vender inscripções destinadas a caução ao Banco de Portugal, emittir cedulas de cobre, cunhar moedas de mil réis, não retirando da circulação a s de 100 e de 50 réis, como manda a lei, e man-

dando fazer avultados pagamentos em cedulas de 100 réis».

E o philosopho: — Você pensa que o Espregueira teve batatas á altura d'esse bacalhau?

Eu chamo, para examinar e avaliar as batatas financeiras, o pratico Padre Mestre dos *Planos*, o qual, referindo-se ao bacalhau do outro, assim diz:

«O sr. Espregueira, bastante enxofrado por lhe terem falado na promoção ao generalato apoz mil campanhas, jurou que não mandara cunhar moedas de cobre além de algumas de cinco réisinhos. Pelo que respeita aos pagamentos avultados em cedulas de cobre, quem tem a culpa é o Banco de Portugal que paga lá como elle quer sem o governo se importar com isso. Unicamente faltou ao sr. Espregueira dizer quem dá ao Banco as cedulas para elle pagar e como é que o governo não se importa com os pagamentos avultados, em cedulas de cobre, contra a lei. Este marca os limites além dos quaes não é licito pagar em cobre ou em prata; o Banco não fez caso d'essas disposições legaes e o sr. Espregueira não tem nada com isso! Quer dizer:

elle alguma coisa tem, porque disse ao Banco que pagasse pouco em cobre, mas, se o Banco não fez caso, a culpa não é do sr. Espregueira. Sua ex.ª manifestou repetidas vezes aquelias boas intenções de que o inferno está calçado, mas o Banco não quer saber de calçados. Arranja a circulação com o Mac-Adam das cedulas.»

... Depois d'isto, desata-se em chalaças, á conta da cordealidade que existe entre o governo e o Banco; mas a época de cordealidade findou: haja vista a que, segundo o discurso da coróa, *continúa a continuar a existir* entre Portugal e todas as potencias que se preparam para o alliviarem de velhos e pesados dominios.

Como quer que seja, ninguem replicou ao mais illustre dos Espregueiras, o que arranca ao philosopho, referindo-se aos torneios de rhetorica, a seguinte ponderação:

— Do mal o menos!

*

Fala-se, ha dias, com ares mysteriosos, de

uma grande novidade no ar. Hoje diz o *Popular*, a tal respeito :

«A proposito, vem dizer que as *Novidades* não dizem nada ácerca da novidade grande. Será na semana proxima ? Parece-nos que virá a ser no fim do mez corrente, ou muito em principio do futuro. Em todo o caso, n'esta semana não çrêmos que seja.»

... Como se ainda valesse a pena, n'este meio, inventar rabos de cão de Alcibiades !

A SÉRIO

——

Ha tres dias, lendo um telegramma que registava a ameaça de intervennção das potencias na China, palavra d'honra que não pude conter esta exclamação :

— «Ahi, valentes !»

... Se, ainda assim, o Inglez estiver de accordo.

*

A transicção do seculo XIX para o seguinte marca, em verdade, um periodo historico dos mais... interessantes. Em cobiças desenfreadas tem precedentes, mas em covardias pede meças:

— é toda a differença que vae do salteador que estrada ao agiota. O primeiro quer dizer, n'este caso, *Idade Media;* o segundo é o nosso *Fim de Seculo.*

Ora, vejam isto, que na *Petite République* escreve Gerault Richard:

«A nossa opinião é que a humanidade não tem senão a ganhar com a extensão da sua actividade. Mas, se em logar de se enviar para a China missionarios repaces, brutaes e ignorantes, que se lançam sobre esse paiz e sobre os seus habitantes, como os vermes sobre os miseraveis, nós para lá mandassemos homens de sciencia, que se tornassem amados pelos beneficios prestados á China, os chinezes não formariam contra os europeus sociedades secretas de assassinos e de rapinantes, á semelhança dos nossos anti-semitas argelinos, ou parisienses.

«Seja como fôr, a guerra prepara-se. A Russia mobilisa os seus cossacos; o Japão e a America armam as suas esquadras. Todos cubiçam a presa abundante, que é para elles o Imperio Celeste. Vae haver regabofe; e depois, se algum se mos-

trar mais guloso do que o visinho, haverá discordia, batalha.

«Preparemo-nos, boa gente franceza, a cortar os sonhos heroicos dos *chauvinistas* Deixemos que lá se avenham cossacos e japonezes. Mas nós, — cuidado ! Nada de tolices !»

O quadro está bem desenhado e não ha que se diga do colorido.

*

A China para os Chinezes — dizem do Celeste Imperio. Se aquella raça amarella resolve, por uma vez, abandonar os papagaios de papel e ajustar contas com os abutres europeus que se propõem civilisal-a, dará materia para telegrammas de sensação. Agora me vão já accusando varios patriotas — de eu tomar o partido dos Chinezes. E porque — se está alli o civilisado filho das Gallias a confessar as culpas dos *civilisadores ?*

NA CHINA

Já não se falla do Transvaal; falla-se muito da China. E eu insisto em que a raça amarella vae dar desgostos á Civilisação moderna, representada pelas *Potencias*, e em que serão bem merecidos esses desgostos.

A Inglaterra, a Allemanha, a França e a Russia, em especial, teem introduzido na China... os elementos civilisadores em condições do que, nos seguintes termos, rezam as gazetas do paiz visinho:

«Por tratado de 27 de março de 1898, conseguiu a Russia tomar de *arrendamento* Port-Arthur e Talienwan, com os mares proximos e um vasto territorio ao norte. Fez-se o arrendamen-

to por 25 annos, prorogavel com accordo das duas partes contractantes.

«A Inglaterra, senhora de Hong-Kong desde 1841 e da peninsula de Kanlung desde 1861, conseguiu, por arrendamento datado de 9 de junho de 1898, por 99 annos, 400 milhas quadradas de territorio, contendo importantes povoações e uns 10.000 habitantes.

«A Allemanha apoderou-se em novembro de 1897 de Kian Chan, na costa oriental da provincia de San-Tung, e, por convenio que tem a data de 6 de março de 1898, arrendou, tambem por 99 annos, a cidade e bahia correspondente e uma zona territorial de umas 200 milhas quadradas, com 33 povoações e cêrca de 60.000 habitantes.

«A França, que, pela sua Indo-China, principalmente pelo Tonkin, tem cerceado o poderío do imperio chinez, acaba de annexar tambem uma porção de costa maritima: Kwang-Cni-Wan.

«Não se creia, porém, que os arrendamentos são puramente materiaes. A Russia, por um ukase de 28 de agosto de 1898, fez de Port-Arthur

e Ta-lien-wan uma provincia sua, sob o nome de Kuang-Tung, nomeando para alli um governador, com poderes civis, militares e maritimos, exercendo jurisdicção civil em toda a provincia.

«Permitte a estada, é certo, aos chinezes civis, mas não consente alli militares indigenas, remettendo ao magistrado chinez mais proximo todo e qualquer delinquente, para que elle o faça punir.

«A Inglaterra, nas quatrocentas milhas quadradas do territorio que arrendou, procede como em Hong Kong.

«A Allemanha fez de Kian-Chan uma provincia sua, administrada por um official da armada, com o titulo de governador.

«Todas as potencias tratam de fortificar-se nos territorios, de que, sob o titulo de arrendamento, se apoderaram, com o evidente proposito de não mais abandonarem a preza.»

*

Por ultimo, os missionarios europeus, sob pre-

texto de propagarem a *sua fé*, foram introduzindo no Celeste Imperio as bandeiras dos seus respectivos paizes, e, a seguir, as Potencias principiaram a taihar os seus quinhões no *atrasado imperio.*

Está hoje provado que os *boxers* não são os bandidos assim classificados pelos Civilisadores, mas sim legitimos patriotas, que appellam para a lucta aberta, contra a perfidia e os projectos das Potencias.

Travada a lucta, vae-se vêr algo interessante para os amadores de novidades bellicas — pois que já ninguem falla do pobre Transvaal.

POLITICA (?)

Não de concordar em que a anedocta — quando conceituosa — mais vale do que a dissertação doutrinaria — por mais conspicua. Assim o creio ue ha muito, com os meus amigos de Cerva e de Mondim; e, se o não crêsse, não deixaria ainda agora de compenetrar-me de tal verdade. Foi ao ouvir o séguinte *caso* patusco.

*

Foi informado, ha tempos, um ministro, de que certo empregado apenas uma vez por outra comparecia, de visita, na repartição. Chamou o di-

rector geral e ordenou-lhe que tomasse d'olho o madraço, para o fim de o metter na ordem.

Dito e feito, no que toca a exhortações e comminações. O empregado é advertido de ter sobre a cabeça uma suspensão, — e, no caso de incorrigibilidade, a demissão. Que imaginam, agora, que fez o homem?

*

Foi procurar o ministro e declarou-lhe — que faltava aos trabalhos da repartição, porque tinha de attender a numerosos galopins eleitoraes, visto elle ser influentissimo em determinado circulo. Natural seria que o ministro se informasse, mas não perdeu um minuto: chamou o director geral e encarregou-o outra vez de tomar d'olho o empregado... para o fim de o dispensar do serviço!

O melhor da passagem é que o patusco dispunha de tantos votos como eu: nunca pensára em votação!

*

Lembrou-me isto a historia do Manuel Hespanhol — um homem que tinha cocheiras em Lisboa e que espancava os criados.

Entre estes, um vélhote, o Domingos, disse-lhe um dia:

— «O' patrão! eu estou velho, tenho uns bemsitos e não tenho herdeiro. Se o patrão me tratar bem, faço testamento em seu favor.»

O' Domingos de uma canna!

Mal se imagina de que attenções elle foi alvo até ao fim dos seus dias! Bem alimentado, boas pingas e dispensado do trabalho!

Um dia morre e...

Não deixou vintem.

MAIS POLITICA (?)

——

Um dia d'estes fui visitar um asylo da capital, — asylo de creanças. Vi, e de lá sahi encantado. Todo o asseio, todo o carinho, com todas as commodidades; eis o que eu vi. Louvei a sublime *iniciativa particular*, que tão de alto fulmina a relaxação do Estado, e eis que assim me ponderou o director do asylo:

— »V. está enganado. E' o Estado quem tem acudido. Tudo isto de trabalhos feitos no edificio deve-se ao misniterio das Obras Publicas.»

*

Eu fiquei assombrado, e a lembrar-me da Imprensa Nacional — a que trabalha para os calo-

teiros, e não trabalha para o Estado, deixando ir os *impressos* para os felizes das typographias particulares. Assim, pois, o Ministerio das Obras Publicas fornece quanto é preciso, em material e em mão d'obra, aos asylos particulares, e não dispõe senão da phrase — não ha dinheiro, quando se trata da Casa de Correcção!

*

A historia de levantar a Correcção, *apesar do profundissimo desprezo dos poderes publicos*, dá-nos idéa de se exigir de um sujeito que faça bifes, fornecendo-se lhe uma frigideira. — Faço os bifes, mas venha a carne, pelo menos! — Ora adeus! o senhor é muito habil: é capaz de fazer os bifes, sem ter carne! — Isso é talvez troça? — Pelo contrario, é muita consideração!

*

... E aqui temos nós mais *um caso* que os Regeneradores hão de *tratar* como o trataram os outros; mas ha mais — e com vagar fallarei.

PARA A CHINA

——

FERVET OPUS—para Macau—e com applauso dos patriotas, em toda a linha! Até hoje, só Tiberio, que eu saiba, reagiu contra a idéa das expedições. Reacção platonica, bem entendido, pois que o philosopho não tem voz no parlamento, nem na imprensa, e apenas na cervejaria do Trindade, entre os seus raros amigos. Foi a noite passada que elle affirmou, sem resistencia:

*

— «Temos contra nós o Destino, que nos faz perder as melhores occasiões de fortuna.

Quando foi aquillo de Tonkin, andou o governo francez a causticar-nos, a fim de obter de nós que lhe cedessemos Macau — para deposito de material de guerra, etc. Não lhe cedemos Macau — apparentemente porque tinhamos compromissos politicos e moraes com a China, — e e no fundo porque a Inglaterra não consentiria.»

(Tiberio pitadeou-se e proseguiu:)

— «A importancia de Macau deixou de existir, desde que a China condescendeu em abrir outros portos ao amavel rapinante Estrangeiro. Hoje dá-nos prejuizo consideravel, e já ninguem nos compraria semelhante *batota*. Que fazer n'estas alturas? Mandar navios e tropas para Macau — que só dá lucros ao Horta e Costa e ao seu sequito — e que não corre perigo de ser atacada pelos boxers, o que é caso para felicitar os nossos heroicos galuchos...»

E concluia Tiberio que *tudo isto* soffre de pancada na bola, quando as *tolices* não representam *espertezas*...

*

A proposito, aqui temos nós a costumada pa-

godeira dos vasos de guerra inutilisados para as hypotheses de guerra: refiro-me agora ao famoso *cruzador D. Carlos*, considerado a mais famosa gallinha da nossa capoeira. Depois de um esfalfamento apanhado na viagem ás ilhas, e do tratamento demorado, foi ao Brazil, e, ao regressar, ficou em tal estado que ainda tem, para bons 15 dias, de *guardar o leito* — como diz o Noticiario gaiteiro.

Ou não o encarregassem de ir a Macau — garantir-nos contra os do rabicho!

*

Em coisas de armada, por via de regra, fazemos d.estas figuras. Tambem agora se trata de arranjar tripulações para os dois santos — o *Raphael*, mais o *Gabriel*, — que no Havre recebem as ultimas de verniz; e então se dá o caso de ficarem desguarnecidos os vasos estacionados no Tejo, o que lembra um tanto a velha anecdota: — Camisas minhas e do meu camarada: uma!

Dos taes dois que hão de vir do Havre já se

dizem maravilhas: parece que hão de desbancar os mais velhos, em surprezas de madraceira e de esfalfamentos. E de tudo isto resulta uma impressão, de que dá idéa esta phrase do philosopho Tiberio, mal succedido em compras:

— «Pouca vergonha! Parece que o meu dinheiro é de má origem!»

CYRIACO

I

INCOMPETENIA absoluta para referencias aos meritos do grande artista — tenho eu de confessal-a, e não hesito em fazel-o. Mas é geral opinião dos profissionaes e dos entendidos na sua Arte que a morte de Cyriaco de Cardoso representa uma notabilissima perda. Eu teria, excepcionalmente, ido ao seu funeral, se a noticia do seu fallecimento me não houvesse surprehendido em crise aguda de enfermidade; e eu lhes digo porque teria aberto uma excepção em homenagem a Cyriaco de Cardoso:

E' que uma tarde me appareceu elle, em minha casa, para me dizer o seguinte: — «Morreu o *Beldemonio*. Como o rapaz tinha por inimigos

quasi toda a gente, ha o perigo de ir o cadaver, sem acompanhamento, para o cemiterio. Ora, meu amigo, com o talento de *Beldemonio*, ha certo direito em consquistar inimigos, sem perder o direito á consideração de quem sabe ler, inimigo ou não. Você não está d'accordo ?»

— Completamente.

— Então vamos lá; deixa-se o jantar para á noite.

E fomos da travessa da Palmeira a rua dos Anjos, a casa de *Beldemouio*, e d'alli ao cemiterio do Alto de S. João. Só lá vimos dois camaradas do finado: — os srs. Trindade Coelho e Sergio de Castro.

*

Commoveu-me e nunca esqueci aquelle tributo caloroso de Cyriaco ao desgraçado rapaz e primoroso prosador, já quando a mocidade havia tirado ao maestro o direito a *enthusiasmos*. Vão rareando as almas assim, como a de Cyriaco, refractarias ao entorpecimento dos invernos.

Leio que o amoravel coração se congelava de

terror, assaltado pela *falta que a sua morte faria ás filhas* — dois anjos que elle adorava e de quem nunca nos fallava sem sensibilisar-se. Ignoro se ha razões que justifiquem o pavor do nosso amigo no seu leito de morte ; mas, se existem, o dever de energica intervenção em favor da familia de Cyriaco impõe-se *a todos nós* — os artistas e os homens de lettras — que constituem outra familia sua...

II

Havia tempos que eu dissera a Cyriaco de Cardoso, iamos ambos para casa — eramos visinhos — e, fatigados, nos sentaramos n'um banco de S. Pedro d'Alcantara :

— Veja v. esta coisa deliciosa : um anonymo que me escreve (e mostrei lhe):—«Sou empregado no commercio, não sou litterato, mas se o senhor me diz que toma a iniciativa de uma subscripção publica em favor dos netos de Camillo, eu desde já me inscrevo com o meu ordenado de um mez. São vinte e sete mil reis, que ficam á sua disposição...» Você que diz, Ciryaco ! ?

Enternecido e já muita alquebrado, o maestro respondeu-me :

— Vale a pena abrir a subscripção, só para dar contentamento a esse excellente homem !

— Mas o fiasco ?

— V. teme o fiasco ?

— Temo. Os tempos não vão para o Sentimento. Uma subscripção á altura do nosso Camillo, e para lançar na Vida os seis netos do grande homem, é caso para duvidas. Olhe você que a estatistica da instrucção nacional dá...

— Bem sei : dá os *80 a 90 p. c.*

*

Rimo-nos, e eu tive de proseguir :

— Depois, note, meu caro Cyriaco : a nossa geração vae desapparecendo, e os restos que sobrevivem vão se congelando. Ha excepções, bem sei : você, por exemplo, seria capaz de associar-se ao tributo, mas a regra é logica e desgraçada. Accresce outra coisa...

— ?

— E' a difficuldade em fiscalisar a administra-

ção do que se apurasse. Os netos de Camillo estão no Minho. Quer você saber? Ha dias escrevi a uma auctoridade da região onde elles vivem, a pedir a fineza de esclarecer-me sobre os meios de exercer tal fiscalisação.

— E d'ahi?

— Não respondeu.

— Coitado do homem!

— Quer você dizer que talvez não soubesse lêr...

*

D'esta vez, nem sequer sorrimos, pois que o Cyriaco, erguendo-se a custo, do banco, disse-me com a voz abafada:

— Fez me você pensar agora n'esta coisas medonha: — *Minhas filhas... perdendo me!*

... Tres mezes depois, está sepultado.

GRAVE

I

Escreve-me alguem «que não é profano n'estes assumptos», a dirigir-me as seguintes observações... assaz profanas:

(a)

«Não está provado que os cuidados e as despezas com os Menores, mais ou menos abandonados e viciosos, influam beneficamente na Criminalidade — diminuindo-a por modo sensivel.»

(b)

«Segue-se que chega a ser uma caturrice in-

discutivel exigir novos cuidados e mais despezas, do Estado, para aquelle fim.»

... Tal diz. Eu lhe digo.

*

No Congresso de Anthropologia Criminal, realizado em Genebra, em agosto de 1896, no qual tomou parte, como representante de Portugal, o dr. Francisco Ferraz de Macedo, foi apresentada uma communicação sobre o «augmento de criminalidade dos meninos e dos jovens adultos, pelo» congressista Lucien Dalifol, director da Casa de Educação Penitenciaria *La Loge*, de Paris. Tal communicação, de que devem ter conhecimento todos os leitores do Relatorio do Congresso, pelo dr. F. Ferraz de Macedo, estabelece o seguinte :

— Que a diminuição da Criminalidade da infancia, em Genebra, (verificada por elle, Dalifol), emquanto algures vae augmentando, *provém da Sociedade de Patronato* (para os que saem das Correcções) *da instrucção primaria, e das obras e escolas* que o paiz possue. Se a criminalidade

diminuiu na Suissa, diz o illustre congressista, é a recompensa justa a um paiz que creou e possue mais de 200 escolas industriaes, com um effectivo de 1.200 mestras e 20.000 discipulos e para os quaes tem dispendido, ha 10 annos, mais de 16 milhões de francos, e que só no anno de 1893 applicou á *instrucção publica* — 37 milhões de francos (uns «nove mil contos de réis»).

*

Compare o meu correspondente e amigo essas cifras com as que dispende o Estado Portuguez em instrucção dos menores : — compare os cuidados e as despesas! Olhe para a unica e miserrima Casa de Correcção; veja os professores officiaes a abandonarem as escolas para irem ganhar o pão — semeando nabos; e não lhe escape como os milhares de contos do contribuinte se consómem em arsenaes, de que não se *espreme* um navio, em artilharia, que salta de bordo para o mar, e em fortificações que desabam ao estrondo da artilharia, — sem fallar dos espantosos honorarios consumidos por gor-

dos farçolas, emquanto os *servidores do Estado* capazes de trabalhar teem de esfalfar-se em trabalhos particulares, para não ficarem insolventes em face do padeiro, com ordenados infames!

Olhe, medite e não volte a dizer-me babozeiras, que seriam torpezas, se não me parecesse que está tudo doido n'este deploravel paiz!

II

Agora me escreve o tal cidadão, — «alguem que não é profano n'estes assumptos», para o fim de me ponderar que a Imprensa influe poderosamente, pela divulgação e explanação dos *crimes*, no augmento da *Criminalidade*. Accusa-me de deixar em claro assumptos de tal ordem, e conclue — que assim procedem tambem os mais notaveis especialistas.

*

Não procedem tal. Se bem attinjo o pensamento do cidadão, chama elle *especialistas* aos

homens eminentes que, nos Congressos Penitenciarios, ou nos da Anthropologia Criminal põem em fóco os desleixos da Legislação em taes questões. Veja o por mim citado Relatorio de F. Ferraz de Macedo, sobre o Congresso de Genebra, de 1896, e terá de verificar que o congressista francez Paul Aubry, doutor em medicina, apresentou um Relatorio justamente sobre a influencia da Imprensa na Criminalidade. Insistiu o dr. Aubry, em que «a leitura continuada dos crimes predispõe a elles, ainda que não haja disposição organica», e accrescenta «que o individuo inclinado ao Crime aprende nas desenvolvidas noticias de taes *factos* a perpetral-os e a preparar fuga, ou defeza» Estou de accordo com esse congressista e tenho ideia de, entre mil e uma questões graves, por mim annotadas em milhares de monologos, haver annotado aquella questão.

*

E a proposito vem derivar-me das *noticias* ás *audiencias*. Por dever de officio, como jornalista, me acontéceu em tempos e por vezes me suc-

cede agora, por conveniencia de outro officio, vizitar tribunaes em occasião de julgamentos. Nunca, até hoje, deixou de prender-me attenção especial, com muita indignação, a tolerancia concedida a centenares de espectadores — incontestavelmente vadios e *souténeurs*, capazes de todos os crimes covardes — a escoria social, emfim, — que constituem publico *certo* dos julgamentos de criminosos. Alli se embotam; alli aprendem quanto importa ao crime e á defeza, alli riem, ás gargalhadas, do réu, das testemunhas e do tribunal! E não ha lei que auctorise um juiz a uma rusga sobre todo aquelle publico — effectivamente para a prisão e para todas as responsabilidades! A *audiencia* constitue *preparatorios!*

... Mão se dispense de correspondencias o cidadão. Dá-me assumpto, e daixa convencidos dois leitores meus, até tres, de que sae d'aqui — d'estas considerações — certa utilidade pratica. O cidadão não se convence, talvez, e, pela minha parte, acho que nada *d'isto* tem emenda. Sabe o que é *isto?*

LUCIANO CORDEIRO

Por *toda a gente* sabido que, durante muitos annos, nos hostilisámos — o Luciano e eu — e que ha pouco, por morte de sua mulher e referencias minhas á santa fallecida, nos reconciliámos, não será extranhavel o que eu venho dizer á supracitada e boa gente: que a morte de Luciano Cordeiro é o mais doloroso golpe que ha annos eu tenho soffrido — muito pelo que vale a sua memoria e algo pelo meu egoismo.

*

Falo do meu egoismo. E' porque foi justamente o Luciano o meu primeiro companheiro

na minha vida *desamparada*, quanto em 1870, ha 30 annos, eu, filho unico de um homem rico, fui expulso do lar domestico, porque os meus ideaes politicos e religiosos contrariavam os costumes de meu pae. Ali na rua da Rosa — 180, 3.º andar — fomos companheiros, e foi no seu convivio que eu aprendi a conhecer *todo o valor dos livros* — esses amigos unicos, que nos aturam emquanto nos dá para importunal-os, que nos opulentam o espirito e que não se melindram quando os abandonamos. Foi no convivio do Luciano que eu vim a conhecer intimamente homens da sua intimidade e que nunca desatremaram — como elle — e como eu — das normas da *vida direita:* refiro-me a Sousa Martins, a Clemente dos Santos, a Fernandes Costa, a Rodrigo Pequito, a José Estevão de Moraes Sarmento, a Graça Barreto, a Gomes Leal, a Ernesto Julio Goes Pinto, e não me lembro de outros.

O que era aquelle severo viver do meu companheiro e primeiro guia ? Alguma coisa de austera hombridade, que eu só encontrei, de novo, no luminoso Cenaculo das *Illusões Perdidas*, de

Balzac—no grupo de Arthez, de Fulgence Ridal e de Michel Chrestlen. Minguadissimos eram os recursos monetarios de Luciano, fornecidos por um seu irmão residente no Brazil, e a taes recursos se cingia o valente jornalista que Antonio Rodrigues Sampaio nomeara para substituíl-o na direcção politica da *Revolução de Setembro* e que n'esse jornal lançara os fundamentos da verdadeira Critica Litteraria — independente como a não a haviam sonhado em Portugal e como ninguem mais conseguiu exceder n'este paiz — já mesmo quando não havia *perigos* em exercel-a.

Perigos? Decerto os havia ha trinta annos, quando o menos que arriscava o critico era a sua collocação na vida e o mais eram os tormentos da diffamação. Pareciam maus *politicos* de hoje os *litteratos* de hontem! Ainda Castilho dominava, apezar da *questão coimbrã*, e ainda tinham dentes e garras os adeptos de tal Pontifice.

*

Para a politica levou Luciano Cordeiro aquella

independencia, e foi quando a politica principiou a abandandalhar-se, tornando-se possivel e dando-se o caso de a altissima probidade d'aquelle homem soffrer inconscientes remoques, de o deprimirem como *incapaz*, porque elle *não furava* a troco de enlamear-se, — e tudo isto a ponto d'elle se retrair, encerrando se no estudo e ficando a *marcar passo*, quando tantissimos galeotes, tão falhos de miolos quão repletos de descaramento e de infamia, — uns ratoneiros de hontem, outros sicarios de toda a hora, — conquistavam tudo quanto a relaxação e a estupidez do paiz permitte aos fajardos conquistar.

*

E aqui estamos no meu preito ao *muito que vale a sua memoria*. Vale a memoria d'um grande trabalhador, — pelo solido talento, pela inquebrantavel energia, pela severa intransigencia e pelo amargo desprezo que lhe conquistaram os detractores...

Amargo desprezo: era isso, e não faltou quem o julgasse azedo e contra todos voltado — elle.

que, desde as privações na mocidade até ás contestações de hontem, tudo soffrera com um altivo desdem e que no Lar Domestico e no Trabalho encontrára o duplo baluarte onde concentrar a resignação! Ainda bem que nos reconciliámos a tempo de eu *dever* enxotar da beira d'esse nobre cadaver os cães vadios, mais ou menos ladravazes, que ainda pretendam ganir-lhe elegias, depois de lhe haverem — *e sempre a frio* — rosnado diffamações!

NO THEATRO

I

Contou, um dia, o meu caro João Chagas que eu certa noite, no theatro D. Amelia, em desaggravo de **Sarah Bernhardt,** chamara *pulha* a um caixeiro. Vem hoje a proposito esclarecer o caso, pois que a distincta actriz Eleonora Duse tem soffrido, até á ultima hora, desdens que bastariam a dar-lhe fóros de notabilidade, entre um publico intelligente. Vejam os meus amigos as chronicas theatraes do *Seculo*, por exemplo, — nas quaes a ignorancia e a grosseria do *respeitavel publico* teem levado para o seu tabaco! Fez-me tudo isto, por signal, recordar de um grande bebedo chamado Francisco Amatucci, que, ha 25 annos, no Porto, pateou com 4 patas de peso uma comedia de

Molière, traduzida por *Castilho* e interpretada (no principal papel) por *José Carlos dos Santos*. Dizia o bebedo indecentissimo, com applauso de borrachões *que ainda bebem:* — «A peça é mal escripta, mal traduzida e mal representada!»

Vinte annos depois: — arre!

*

O meu caso no theatro, a proposito da Sarah Bernhardt, foi assim: Antes de principiar o espectaculo, uma familia burgueza instalou-se na platéa, em logares immediatos ao meu. Compunha-se de pae, mãe e duas filhas — solteironas dos seus 28 annos. Veiu um rapazola de egual edade, com ares de namoro de uma, ou de ambas, e foi assim interrogado por uma:

— «Esta mulher tem a *habilidade* que dizem, ó sr. Fonseca?»

E elle:

— «Não, sr.ª D. Claudina! até mesmo está muito abaixo d'esta peça!»

Esta peça era o *Hamlet*, com a assombrosa creação de Sarah. Foi então que eu disse:

— «D. Claudina! Não creia no Fonseca, que é um idiota e um pulha!»

*

... Calaram-se todos, e, coisa ratona, quando, ao principiar o 2.º acto, procurei com os olhos o Fonseca, inutilmente o procurei. Fiquei arrependido por haver um momento perturbado a critica d'aquella gente, ácerca da *Maior de Todas*.

Mas, não tórno mais.

II

A MAIOR DE TODAS

... Este retrato de **Sarah Bernhardt** vem no

excellente *Almanàch Bertrand*, para 1901, a paginas 128, e é acompanhado pelos seguintes dizeres, a paginas 182:

— «O retrato de Sarah Bernhardt, publicado a pag. 128 do presente Almanach é representando a eminente artista na sua recente creação do *Rei de Roma*, no *Aiglon*, foi desenhado pela grande e celebre artista Luiza Abbema, uma das mais insignes pintoras da França actual e amiga intima de Sarah.

«Os leitores entendidos em Arte, ou que tenham a faculdade de comprehendel-a instinctivamente, á falta de conhecimentos artisticos especiaes, sentiram-se decerto attrahidos por aquelle pequeno desenho suggestivo e impressionante, apesar da extrema e propositada simplicidade com que está feito.

«A parecença é absoluta, como foi reconhecido na imprensa franceza, e de toda a figura resalta uma esbelteza, uma elegancia, um idealismo, emfim, que nos prendem os olhos e nos deixam deveras encantados.

«Presumimos que deverá ser essa, tambem, a

opinião de *Silva Pinto — o apaixonado amigo portuguez da grande actriz incomparavel.*

«Por isso, em sua intenção particular, fizémos a transcripção da gravura...»

*

Visto. Obrigado!

FIM

CRITICAS

«O Mundo Furta-côres»

Do *Mundo*:

«Não ha arte que substitua os factos os effeitos educadores da Critica, quando ella procura convencer d'uma maneira flagrante e perduravel. D'ahi, a necessidade do *detalhe* para aquella analyse que se destina a esclarecer, á luz d'um verdadeiro criterio, os costumes, os preconceitos e até os principios fundamentaes d'uma sociedade. Encerrar em formulas os caracteristicos defeitos sociaes, como n'ellas se synthetisam as theorias d'uma possivel regeneração, será, sem duvida, um trabalho philosophico de seguro effeito para pensadores, mas nunca para a grande massa do

publico, em que as ideias sómente se desenvolvem nos cerebros quando uma commoção, que as suggere, se introduziu préviamente na alma. A Miseria, a Injustiça, a Dôr, a Oppressão, o Absurdo, — estes grandes inimigos da felicidade humana, designados como symbolos, não são geralmente comprehendidos como taes. Leem-se, ouvem-se como simples palavras, que diriamos inertes, ôccas, vasias de significação, quando um angustioso ou um revoltante *facto* lhes não communica vida, não as agita n'uma dramatica visão. N'uma palavra: torna-se forçoso exmplificar. Um cerebro póde não comprehender, porque não póde, ou porque não quer; uma alma nunca resiste a uma emoção. Assim, — aqui, alli, acolá, em toda a parte, em todo o mundo, torna-se mister ir buscar, aprehender, colligir, marcar com o ferro em brasa da Ironia ou da Indignação esses crimes, dôres, oppressões, mentiras, ridiculos, abusos, attentados de toda a especie e de toda a ordem contra a razão e contra a dignidade humana, que poderão passar despercebidos na alluvião dos acontecimentos da actualidade, mas que, todavia, accumulados n'um mon-

tão de infinitas miserias, tornam a organisação social immperfeita e a Humanidade infeliz.»

«Um trabalho d'esses é sempre uma obra de intuitos tão meritorios como meritorios teem de ser fatalmente os rezultados; e essa obra vem-a fazendo ha annos, dia a dia, o illustre escriptor sr. Silva Pinto. Reunida em volumes, esses volumes intitulam-se: *Philosophia de João Braz*, *N'este valle de lagrimas*, *A queimar cartuchos*, *Dé Palanque*, *O Riso Amarello*, *Criterio de João Braz*, *A torto e a direito*, e por ultimo *O Mundo furta-côres*. Quer dizer: são milhares de paginas, em que, raro se não encontrará um grito de protesto, ou uma amarga annotação. Parece-me que disse o termo preciso. Uma grande, uma flagrante annotação a factos diarios ou a exposições momentaneas de principios, — eis o que constitue a obra do impressionista. Annotar — elucida, e ainda mais: estabelece. Da demolição d'um erro resulta, pela antithese, a construcção d'uma verdade. Cada leitor que concorda é uma alma que se conquista, e é apresentando os *factos* em toda a sua hediondez, ou em toda a sua baixeza, que se conseguirá fazer odiar ou des-

prezar tanto os principios como os costumes que os originaram.»

«N'este ponto de vista, e não póde ter outro, o trabalho do sr. Silva Pinto é dos mais uteis que um trabalhador da penna, com a sua alta estatura intellectual, poderia realisar no nosso paiz; seria injuriar o illustre homem de lettras attribuir sómente a essa producção do seu espirito um intuito puramente litterario. O seu fim é um fim moral. No primeiro livro da sua serie — *Philosophia de João Braz*,—perguntava Silva Pinto á alma de Camillo: «*Mestre! é assim?*» Julgo que litterariamente, isto é, pela forma de que se revestem esses bellos artigos, criados na producção exhaustiva de uma absorvente faina jornalistica, a resposta do extraordinario prosador não seria negativa; no que, porém, não pódem caber duvidas é que, quanto á sua utilimoral, ella deveria ser forçosamente affirmativa. Effectivamente, *é assim*, porque só assim se poderá realisar essa tarefa de hygiene social que todo o mundo da intellectualidade reclama para sanear os novos seculos.»

«Fallar do *Mundo furta-côres* é fallar de toda

a obra do mesmo genero que o homem dos *Combates e Criticas* tem lançado a publico, como um punhado de sãs verdades. Com effeito, este livro não é mais do que uma parte, uma nova serie d'essa collecção rapidamente constituida. E' o mesmo processo, a mesma implacavel analyse, segura e firme, sem preoccupações de popularidade, mas tambem sem ostentosas superioridades, traduzida no formoso e solido estylo que fez de Silva Pinto um dos maiores prosadores do nosso tempo. Com uma espontaneidade, uma simplicidade que é um encanto, Silva Pinto não parece escrever para os seus leitores: falla com elles. E' uma conversação, se se pode chamar assim á attenta espectativa das suas palavras por parte de quem o escuta, — conversação em que não sei se o que mais nos prende é a justiça das suas idéas ou a inimitavel fórma de que as reveste.»

*
* *

Do *Seculo*:

«O *Mundo Furta-côres* é um novo livro de Silva Pinto.

«Se n'este auctor não houvesse senão a critica individualisada dos factos que, dia a dia, vão constituituindo a vida da sociedade portugueza, vistos através d'um temperamento vibratil e sensibilissimo, qualquer dos seus livros merecia leitura demorada, porque é sempre suggestiva. Mas ha mais a recommendal-os o travo especial da linguagem mascula, colorida e ao mesmo tempo incisiva e mordente. Depois, são numerosas as paginas que representam pedaços d'alma fundidas n'uma prosa angustiosa, e outras que dardejam settas d'ironia amarga.

«Estas qualidades, geraes em todos os livros de Silva Pinto, mais se accentuam no que, com o titulo de *O Mundo Furta-côres*, acaba de publicar a Parceria Antonio Maria Pereira, continuando assim essa collecção documentaria da obra do publicista, que por este meio se livra

da dispersão, e se concentra e unifica, formando um verdadeiro edificio, que será para muitos um pharol do passado.»

*

* *

Do *Diario de Noticias*:

«A Parceria Antonio Maria Pereira, no seu louvavel empenho de preferir, sempre que possa, os auctores nacionaes aos estrangeiros, acaba de publicar em volume bom numero dos ultimos artigos do sr. Siva Pinto, o que é um modo de pôr ao alcance do publico as producções dispersas d'esse escriptor—que pensa e escreve na plena posse de uma individualidade inconfundivel.

«O sr. Silva Pinto tem o raro merecimento de analysar e discutir o caso do dia, despido de paixão politica, analysando o á luz do seu criterio, com essa ironia levemente caustica e deliciosa que é o segredo do seu espirito, tirando d'esses casos a sua verdadeira licção.

«Tanto o publico receconhece essas qualidades no escriptor, que o lê cada vez mais. A Par-

ceria Antonio Maria Pereira talha um formato especial para os livros do sr. Silva Pinto, livros que á primeira vista pareceriam um diccionario d'algibeira. Por esse formato especial attrahem a attenção do leitor que os pode levar comsigo em viagem e saboreal-os, sorrindo-se das ironias do auctor, mas percebendo como elle tem ás vezes lagrimas e indignações perante as injustiças da Sociedade.

«E' digna a Parceria Antonio Maria Pereira da nosso applauso e da sympathia do publico, pelo seu louvavel esforço de editar as obras dos nossos mais distinctos escriptores; e por isso recommendamos aos nossos leitores o novo livro do sr. Silva Pinto.»

*
* *

Das *Novidades:*

«O *Mundo furta-côres.* — Um novo livro de Silva é, claro está, um livro de ante-mão destinado ao successo, sem que lh'o passam empecer,

— como não lh'o apressam, — as noticias encomiasticas da imprensa. Tem o velho batalhador, pelas tradições da sua intransigencia, e o distincto escriptor, pelos primores do seu estylo, condições sobejas para reagir contra a suspeita de favor no elogio, que é tão usual, dada a certeza de que demasiado se liberalisa, e fama egualmente sobeja para o dispensar. Não póde ser isso motivo, porém, para que nos consideremos eximidos de registrar a publicação do seu novo livro, quando não seja por elle, pelos seus leitores, e ainda pelo prazer de prestar mais uma vez ao seu talento o nosso testemunho de admiração e homenagem.

«Como Silva Pinto e um escriptor feito, os seus livros são, tambem, obras cujo merito se prognostica antes de as lêr, e, após a leitura, se impõem sempre.

«O *Mundo furta-côres* é mais um volume da interessantissima série iniciada pela antiga casa Antonio Maria Pereira, em gracioso formato e cuidada edição. São artigos soltos, escriptos dia a dia, por João Braz, o pittoresco philosopho da vida quotidiana, e que, pelo seu valor

innegavel e encanto genuino da prosa, apparecem agora juntos em livro, com o que o editor presta um bem serviço ás lettras. Tal livro não necessita, pois, outra recommendação.» (1)

(1) Com o reconhecimento por mim devido ás constantes deferencias das *Novidades*, permitta-me o distincto collega que eu pondere o seguinte:

Nem sempre *o facto* de o auctor de livros ser *um escriptor feito* se prende ao outro *facto*—o de se impôr a leitura d'esses livros. Pelo contrario, succede com determinados escriptores — quando mais *feitos*,... mais lhes foge o publico.

Quer dizer: quanto mais *feitos*, mais *desfeitos*.

S. P.

PQ
9261
S55M6

Silva Pinto, Antonio da
Moral de João Braz

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 03 05 01 003 8